



Charming
ASSHOLE

KILLER OF KINGS, BOOK 3

SAM CRESCENT
STACEY ESPINO





Charming ASSHOLE

Serie Killer of Kings

LIVRO 03

SAM CRESCENT
STACEY ESPINO

EQUIPE PL

Tradução: Leah

Revisão Inicial: Naty P.

Revisão Final: Sílvia Helena

Verificação: Lexi

Leitura Final: Angéline

Formatação: Lola

Verificação Final: Anna Azulzinha

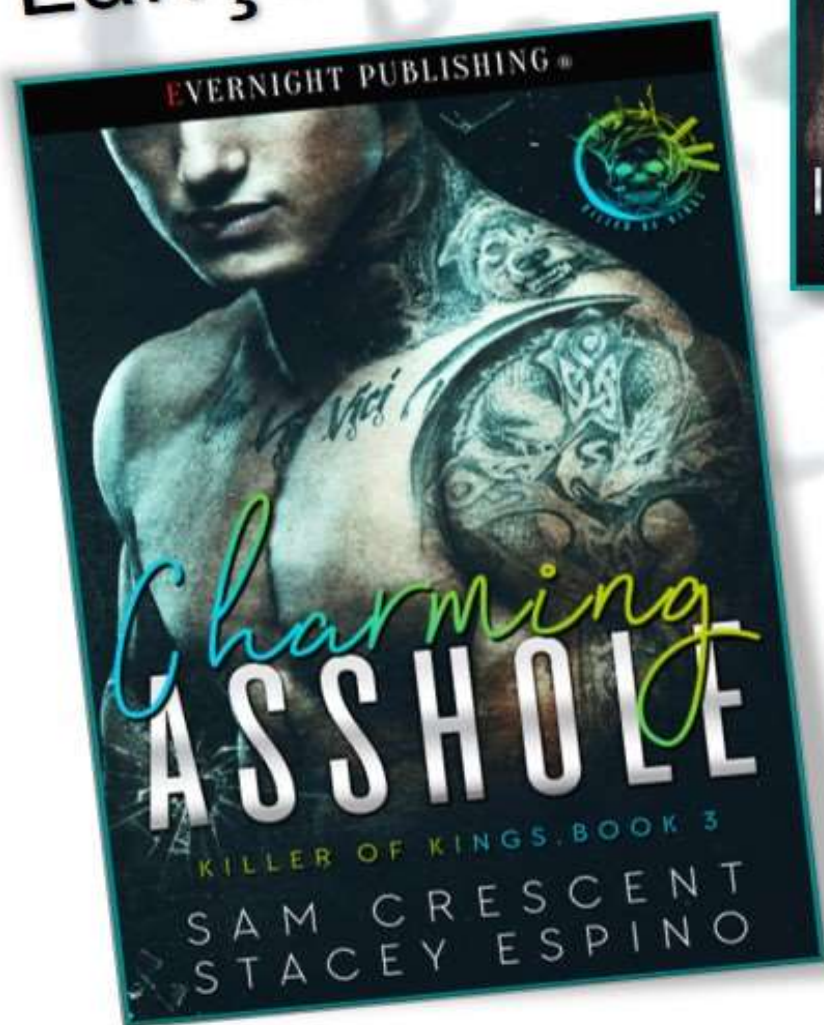


P  L Série
APRESENTA

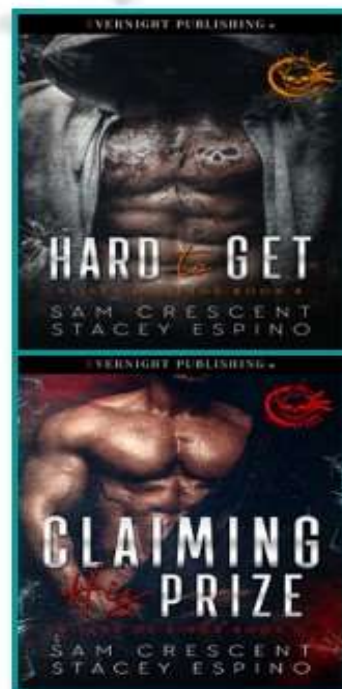
Killer of Kings

Lançamento

Distribuído



Em
Breve



SINOPSE

Ele é um assassino.

Ela está criando seu filho.

Ele está voltando para os dois.

June costumava viver a vida no modo de sobrevivência. Sem apoio familiar ou marido, foi assim que criou seu filho de dez anos, sozinha. Não foi fácil, especialmente quando tem o lembrete vivo do único homem que amou. Mas aquele idiota foi embora sem avisar, deixando-a com o coração partido e grávida. Quando ele reaparece novamente na sua vida dez anos depois, ela não é mais aquela jovem ingênua e não está pronta para se jogar em seus braços - não importa o quão tentador possa ser.

O maior arrependimento na vida de Killian foi ter se apaixonado no trabalho. Não podia acontecer e a única coisa honrável que poderia fazer era fugir. Tudo o que falou para June era mentira e ela merecia algo melhor do que um assassino de aluguel. Quando se cruzam anos depois, ele fica surpreso quando descobre que é pai. Será um desafio conquistar o amor e a confiança de June depois das mentiras e por ter desaparecido, mas não a deixará ir desta vez. Provará de todas as formas possíveis de que ela é a mulher dele.

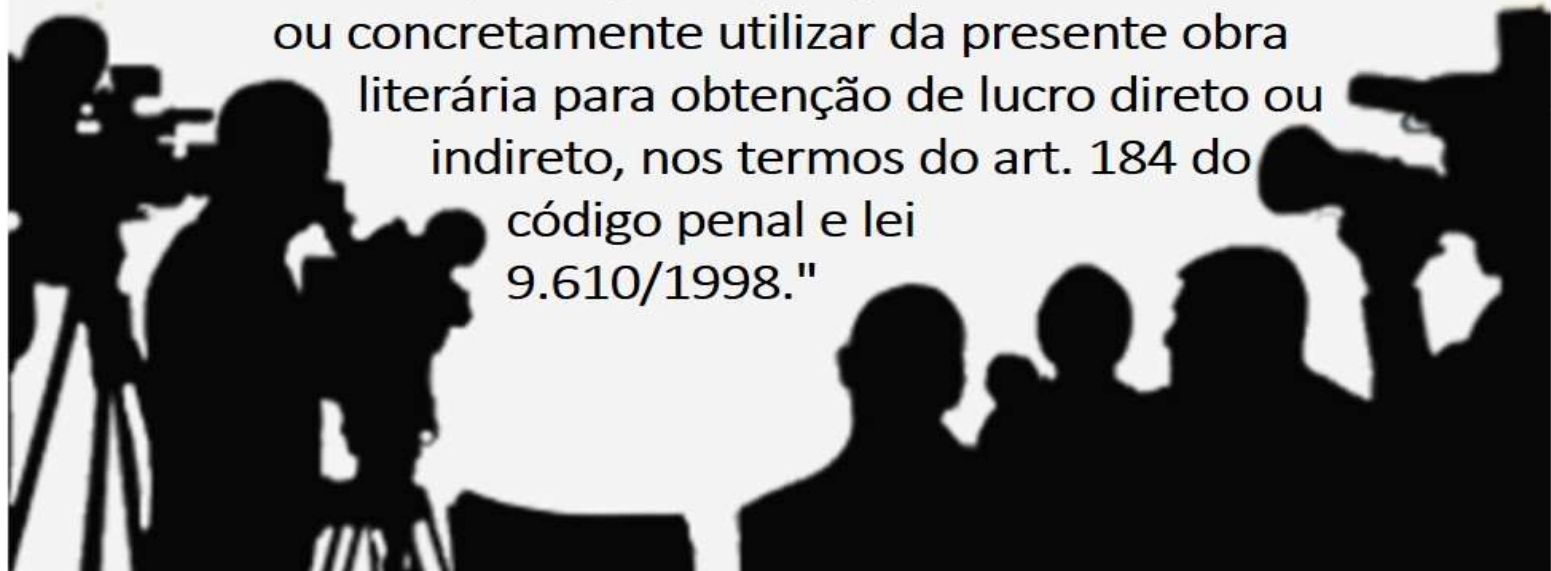
Quando uma ameaça desconhecida ameaça a nova família de Killian, o assassino irlandês está pronto para enviá-los para o inferno em nome do amor.

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”



**Favor não publicar nossos arquivos no
Facebook!**

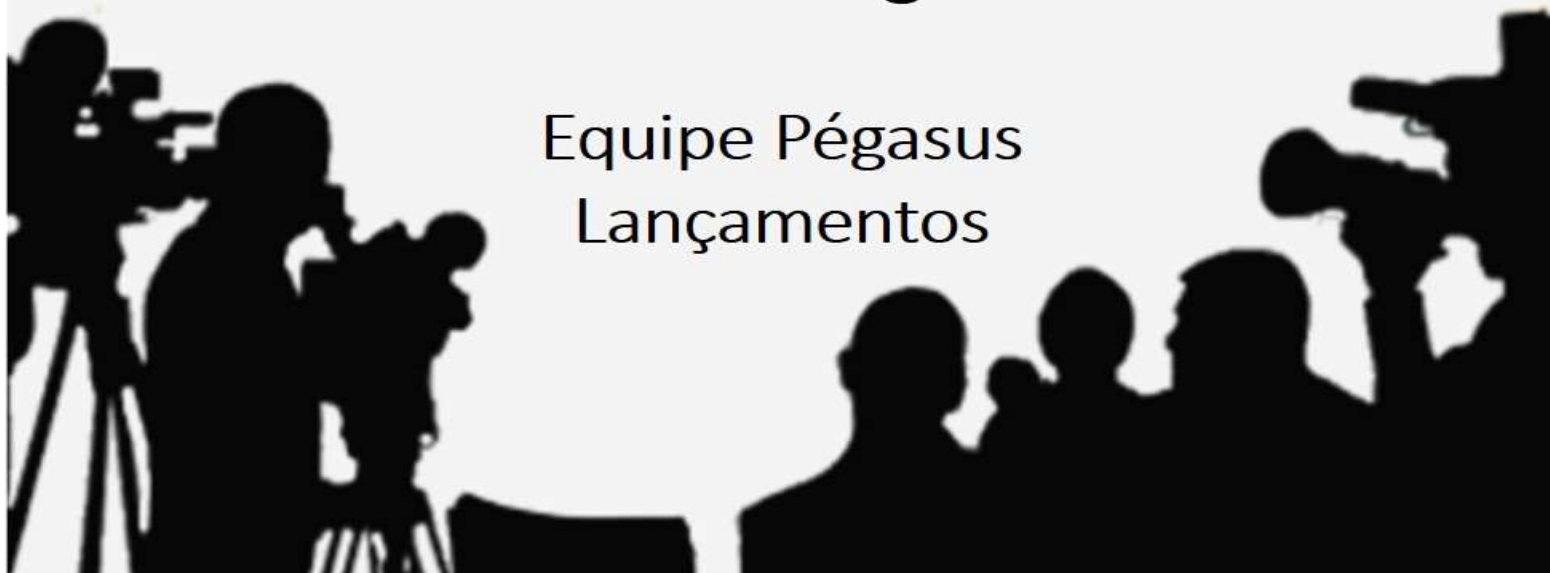
**Se você viu algum livro do PL no face, sem a
nossa autorização, converse com a
moderação.**

**Se você gosta dos livros feitos pelo PL
ajude!!!**

**Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo
ao grupo de forma desnecessária.**

**Não aceitamos reclamações
sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no
idioma original**

**Equipe Pégasus
Lançamentos**





CAPÍTULO

UM

— Onde estava, porra? — Perguntou Boss, pelo o telefone.

Killian suspirou e tentou não reclamar, mas Boss era seu contracheque, então não queria ser rude.

— Eu disse que precisava da porra de um tempo e que não voltaria para fazer um trabalho ou impedir que seja morto.

Boss sequestrou Scarlett, que por sinal era a mulher de Bain, indo contra qualquer código moral que Killian possuía. Bain trabalhava para Boss no *Killer of Kings*, onde ele também trabalhava. Era uma organização com assassinos de aluguel. Se você quisesse alguém morto e pudesse pagar um grande valor, essa pessoa estaria morta dentro do prazo determinado.

Bain foi contra as ordens de Boss e depois o filho da puta atirou nele, originando uma pequena vingança de Boss. Isso resultou em Scarlett sendo sequestrada e mantida como refém. Killian já matou tantas pessoas em seus anos de trabalho para *Killer of Kings* que perdeu a conta. Todos os homens que matou mereceram. Ele não



gostava do mal que estava no mundo e qualquer um que ferisse uma mulher, bem, essa merda não funcionava.

Boss era quem matava as mulheres e era algo que Killian não fazia. Crescer na Irlanda com uma mãe que trabalhava nas ruas e levou para casa todos os tipos de homens, o fez ver o mais baixo dos baixos. Machucaram sua mãe quando ele era apenas um garotinho e não pode fazer porra nenhuma. As noites em que sua mãe fodia com dezenas de homens eram as piores. Seu cafetão chegava para pegar sua parte, que era a maioria, considerando que não era ele que abria as pernas para os clientes. Isso realmente fodeu com a cabeça de Killian.

O cafetão não fazia nada para ajudar sua mãe. Ela trabalhava em seu território e dava-lhe dinheiro. O idiota não estava lá para protegê-la ou para impedir os clientes idiotas de abusarem dela. Tudo o que fazia era pegar o dinheiro, usá-la quando queria ou passá-la como se fosse algum tipo de objeto. Killian odiava aquele pedaço de merda. Cada vez que o via, prometia a si mesmo que acabaria com ele e quando o cafetão bateu na sua mãe até a morte, foi Killian quem encontrou o corpo.

Estava lutando, tentando ganhar dinheiro suficiente para sua mãe sair da prostituição. Ao segurar seu cadáver sangrando nos braços, a raiva tomou conta dele. Tudo o que queria era sangue e foi atrás do cafetão.

No momento em que Killian terminou com aquele idiota, não sobrou nada dele. Por setenta e duas horas, Killian tomou dezesseis



anos de dor daquele filho da puta e o fez pagar. Cada grito, cada gemido, cada choro era uma marca da dívida do bastardo.

Em toda sua carreira, nunca, nem uma vez, prejudicou uma mulher até Scarlett. Ele não tocou naquela mulher de qualquer maneira, mas também não impediu Boss.

— Nada acontecerá com Scarlett. Eu já disse isso. — Disse Boss.

— Eu não me importo. Preciso de um tempo. Ligarei quando estiver pronto para assumir as tarefas.

— Apenas me diga como você está.

— Como se já não soubesse. Estou vivo. — Ele terminou a ligação e desligou o celular. Essa era sua única ligação com *Killer of Kings* e Boss. Ele não queria fazer parte disso, não agora. Olhou o oceano lá fora, quase podia ouvi-la há dez anos atrás.

Como todos os homens com quem trabalhava ele tinha uma história. Não era tão fodida como a dos outros, mas ainda não era um conto de fadas. Juntou-se a *Killer of Kings* com vinte anos de idade, muito jovem considerando todas as coisas.

Depois de matar o cafetão de sua mãe, matou todos os que a tocaram e lhe causou dor. Conseguiu sair do país e seguiu para a América. Ali, ele lutou bastante e morou nas ruas. Viveu uma vida difícil e no circuito de combate subterrâneo fez um nome para si mesmo. Foi esse nome que chamou a atenção de Boss, que em seguida, treinou-o para ser o homem que era hoje.



Matar pessoas era algo no qual Killian era bom. Ele considerava uma forma de arte e estava constantemente no trabalho.

Respirou um pouco do ar salgado, se permitiu pensar nela. A mulher que o fez considerar o que estava fazendo. Dez anos atrás, com vinte e seis anos tinha uma missão.

Ele foi recrutado para seguir um senhor do crime e informar suas conclusões para Boss, apenas então seria dado os detalhes sobre qual era a missão final. Killian não conseguia se lembrar do homem que acabou matando, mas de June ele se lembrava. Ela era uma mulher tão inocente, ingênua demais.

Ao observá-la, estar ao seu redor, lembrou-se da pureza de vida. Quando estava com ela, poderia fingir que era apenas um garoto da faculdade. Ele mentiu sobre tudo. Sua idade, seu trabalho, o que fazia e o seu passado. Cada detalhe que contou da sua vida foram mentiras. Não sabia como ser de outra maneira.

June merecia algo melhor e depois de provar sua doçura em poucas semanas, deixou-a para seguir com sua vida.

Dez anos se passaram desde que a viu pela última vez. Onde estava, neste mesmo lugar, foi onde a conheceu. Ela estava andando com amigos. A areia estava tão seca que enquanto caminhava que tropeçou. Se ele não a pegasse, teria acabado com o rosto na areia.

Sorriu ao se lembrar.

Ela caiu em seus braços e um único olhar em seus olhos cinzentos, o fez não querer olhar para trás. Muitas pessoas acreditam



em amor à primeira vista. Antes de June, ele achava que era uma besteira.

Depois de segurá-la, olhar em seus olhos, soube que era real.

Bufou para si mesmo, pensou em quão patético parecia. Ela provavelmente apenas se divertiu com ele. Imaginou-a sendo uma CEO de uma empresa importante ou algo parecido. Talvez estivesse casada com duas crianças e toda essa porra de cerca branca.

Não teve nenhum momento no qual não quis procurar por ela. Apenas suas mentiras o mantiveram longe. Ele nunca falou a verdade.

A história que teceu foi tudo o que queria que acontecesse quando estava crescendo.

Duvidava que ela ainda estivesse ali, mas queria se lembrar de tempos melhores. Depois do que fez, queria estar em algum lugar onde não fez merda. Onde as lembranças eram muito melhor para ele.

— Venha aqui, seu merdinha!

Killian franziu a testa e olhou para o cais. Ele viu um homem perseguindo um garoto que não poderia ter mais de dez anos de idade.

— Venha aqui agora!

— Porra. Eu não fiz nada.

A criança tinha uma má atitude com certeza.



O homem grande finalmente alcançou o garoto assim que saíram do cais. O garoto foi agarrado pelo pescoço.

— Eu já disse antes que não quero gente do seu tipo no meu local. Ladrãozinho de merda.

— Eu não roubei nada, seu cretino gordo. Solte-me.

— Sua mãe deveria ter vergonha de você.

— Sim, bem, você não pode fazer nada. Deixe-me ir. — O garoto chutou o homem nas bolas, o que o fez cair no chão.

Mulheres e crianças era o limite de Killian. Quando ele viu o homem prestes a bater no garoto, não pode ficar para trás e assistir isso.

— O que o garoto fez? — Perguntou Killian.

O homem olhou para ele e depois para o garoto.

— Isso é uma maldita piada?

— Cuidado com a língua.

— Então observe seu filho mais de perto. Não servem para nada, nenhum de vocês.

O homem empurrou a criança em seus braços e Killian olhou... para si mesmo. Olhou para a criança e foi pego de surpresa. Bastava olhar para este garoto e podia jurar que voltou no tempo.

— Fique longe de mim. — Disse o garoto.

— Qual o seu nome?



— Por que quer saber? Você é um pervertido? Quer me levar a algum lugar, me tratar de forma especial e brincar comigo? Meus amigos me contaram sobre seu tipo.

Killian teve o suficiente da linguagem do garoto.

— Eu não sou um maldito pervertido. Agora me diga, qual é o seu nome? — Ele agarrou seus braços, abaixou-se e deu-lhe o melhor olhar severo que pode.

O garoto recuou.

— Killian, meu nome é Killian.

Putá merda!

Não podia acreditar no que estava acontecendo agora. Havia apenas uma pessoa que daria o nome dele ao seu filho e era a mulher na qual estava pensando em menos de um minuto atrás.

— O nome da sua mãe é June?

— Sim, qual o problema? Você é alguém da família dela que a odeia por minha causa? — Perguntou.

— O que? — Killian balançou a cabeça. — Leve-me para sua mãe agora.

— Oh cara, nós temos mesmo que ir? Eu sinto muito. Não quero nenhum problema.

— Eu não o colocarei em qualquer problema. Leve-me para sua maldita mãe agora. — Não havia como negar que este garoto era dele. Era como olhar para seu passado e passou muito tempo crescendo,



olhando para si mesmo. Sempre quis saber quem era seu pai. Com uma mãe prostituta poderia ser qualquer um.

Ele prometeu a si mesmo que nunca teria filhos e ainda assim havia um bem diante dele.

Killian Júnior foi à frente e *Killian Sênior* estava muito nervoso, porra. Dez anos se passaram e pelo que acabou de ver, a vida que pensou que June teria, claramente não era assim.



June estrangularia seu filho, em seguida, gritaria e provavelmente o sufocaria com beijos. Pediu para que ficasse em seu apartamento até que acabasse seu turno como garçoneiro. A temporada de turismo estava em alta e era quando ganhava mais gorjetas. Queria ter um bom Natal e para fazer isso sem entrar em dívidas, seriam necessários dois turnos e muitos turnos triplos.

O restaurante era o único lugar que oferecia trabalho constante fora das temporadas e significava que podia ter uma vida decente ou pelo menos manter seu filho longe de problemas e longe de algumas das gangues de rua que estavam ao redor.

Ele deveria estar com um de seus amigos ou algo assim. Ela bateria em três portas no andar de baixo e se certificaria que ele estivesse em um dos apartamentos antes de chamar a polícia. Caminhando em direção à porta, ela abriu-a e ficou cara a cara com seu passado.

— Killian. — Ela sussurrou.



Durante vários segundos nenhum dos dois falou, nem se moveram. Seu coração acelerou quando olhou para o homem que envelheceu graciosamente. Ela passou meses tentando encontrá-lo depois de descobrir que estava grávida. Um homem que mentiu sobre a faculdade e sobre o seu trabalho. Cada detalhe que se lembrava era uma mentira. Isso era o que esse homem fazia, mentia.

— June. — Disse ele.

— Ei mãe. Ele disse que não é um pervertido. Então eu pensei em trazê-lo para casa.

— Por que está falando com um sotaque inglês? — Ela perguntou.

— Eu já disse mamãe, os caras não mexem com os ingleses. Lembra-se daquele espião que eu vi na televisão.

Ela fechou os olhos e desejou que o chão pudesse engoli-la.

— Eu tenho um filho. — Disse Killian.

Ignorando o grande Killian, ela abaixou-se e olhou para o filho.

— Você me faz um grande favor? Vá para seu quarto e termine a lição de casa. — Quando ele tentou reclamar, ela pressionou um dedo contra seus lábios. — Faça isso e não o levarei para trabalhar comigo na próxima semana e nem o farei fazer mais do que o seu dever de casa. Se não fizer o que pedi, o farei limpar graxa por cinco horas.

— Oh mamãe.

— Vá. Dever de casa. Agora.



Killian foi para seu quarto e ela segurou a porta.

— Você não precisa estar aqui. — Disse ela.

— Desculpe-me, mas esse é o meu filho.

— Ele não é seu filho. Você não tem nenhum direito sobre ele. Nem por um segundo pense que pode vir aqui e fazer alguma reivindicação estúpida. — Uma dor diferente de tudo que já sentiu antes golpeou forte. Ela deu tudo para este homem. Seu corpo, seu coração, tudo. Amou-o mais do que tudo no mundo. Um dia acordou e descobriu que ele se foi e que não voltaria, logo precisou seguir em frente com sua vida.

Ela tentou seguir em frente e quando começou a trabalhar, também começaram as náuseas matutinas. O teste de gravidez confirmou e finalmente, foi expulsa por seus pais e da faculdade, logo chegou ao fundo do poço. Olhando agora para Killian, sentia-se um pouco emocionada por vê-lo, mas a dor a impediu de sentir isso.

Ela tentou fechar a porta e com muito pouco esforço, ele empurrou-a, entrando em seu apartamento. Onde morava era o melhor que podia pagar. Os móveis eram bem usados, de segunda mão. Tentou seu máximo para tirar o cheiro de umidade do seu lugar e noites de oração para pedir que os traficantes ficassem longe, encheu sua vida. Isso foi o quão longe da vida ideal que ela esperava.

Fechou os punhos, ela o olhou enquanto ele fechava a porta e entrava em seu apartamento.



— O que você quer? — Ela perguntou, cruzando os braços. Se não os cruzasse, certamente o atacaria sem parar.

Killian olhou ao redor seu apartamento e viu o julgamento em seus olhos.

— Aqui é onde você mora?

— Sim.

— O garoto, é meu?

— Seu? Ele, Killian, sim é seu filho. — Ela cerrou os dentes e respirou fundo. — Por que você está aqui?

— O que aconteceu com a faculdade? — Ele perguntou, evitando a pergunta dela.

— Eles não gostavam de alunas grávidas em suas aulas e disseram que bebês reprimiam o ambiente de estudo. — Isso foi o que o Diretor falou para ela. Foi expulsa e sua bolsa foi para outra pessoa. Seu filho foi a melhor coisa que aconteceu com ela. Amava-o mais do que tudo e nunca dizia nada diferente.

— Onde estão seus pais?

— Você realmente não entende, não é? — Ela perguntou. Mesmo que dez anos se passaram, ele parecia pensar que sua vida não mudou. — Eles não quiseram nada comigo. Fiquei sozinha, Killian. A única pessoa que eu tenho é Killian.

— E que grande trabalho que você está fazendo com ele. Sua linguagem é terrível.



Ela riu.

— SÉrio, veio aqui do nada para começar a gritar comigo? Quer me julgar pelo que aconteceu?

Ele virou as costas para ela e começou a andar.

— Isso não era para ser assim. Você sempre quis muitas coisas. Tinha a faculdade, uma vida inteira pela frente.

Ela olhou ao redor do seu pequeno apartamento e até ele a criticar, pensou que estivesse fazendo muito bem. Cada momento livre que trabalhava para dar a Killian uma vida melhor.

— Eu estou bem. Pode ir embora, Killian. Eu não sei por que está aqui, mas seja o que for, não preciso de você.

— Não precisa de mim? Você está vivendo em um buraco com o meu filho. Acha por um segundo que isso é bom? Por que porra não ligou? Eu poderia tê-la ajudado da forma que n...

Toda sua vida ela foi uma pessoa calma, respeitosa. Raramente levantava a voz e os policiais até disseram que ela não era dura o suficiente com seu filho. Com tudo o que passou: a solidão, o trabalho duro, os homens no restaurante que oferecia mais dinheiro para que chupasse seus paus ou deixá-los foder seu traseiro, precisou crescer rápido e abandonar qualquer noção de vida fácil.

Ela recusou educadamente vários homens, mesmo quando faziam sua pele arrepiar. Com tudo o que vivi, Killian pensava que podia ser resolvido com apenas um telefonema.



Pegando o abajur mais próximo, cheio de pontas e jogou nele. Ele não teve tempo de desviar e acertou seu peito. Em seguida, ela pegou um portas-copo e jogou também.

— Ajudado? Você sabe mesmo o que eu passei? No momento em que descobri, tentei encontrá-lo! Mas sabe o que, Killian? Você estava longe de ser encontrado. Não havia informações do seu contato na sua faculdade ou trabalho. Desapareceu completamente no ar, então não se atreva a jogar isso em cima de mim, porra. Tentei encontrá-lo. Eu tinha dezoito anos, o amor da minha vida acabou de me deixar sem qualquer razão e então estava grávida. Fiquei apavorada! — Ela gritou a última parte e as lágrimas escorreram pelo rosto.

Durante meses, até mesmo anos, pensou sobre esse momento tantas vezes. Em suas fantasias, tudo era mais agradável, muito mais fácil de lidar. Eles conversavam e tudo acabava bem.

Envolvendo os braços ao redor de si mesma, olhou para o homem que a destruiu de mais maneiras do que pensou ser possível. Este era o homem que mudou sua vida de uma forma que demorou a compreender.

Ele a olhou e nenhum dos dois falou. Ela estava ofegante e tentando ao máximo não cair. Sentiu náuseas e finalmente virou as costas para ele precisando ver Killian.

De pé na porta do quarto de seu filho, o viu lendo seu livro.

— Eu te amo, mãe. — Disse ele.

— Oh querido, eu também te amo.



Muito. Mais do que pode imaginar.





CAPÍTULO

DOIS

Killian foi até ali para limpar sua cabeça e nunca esperou por tal revelação. Todos esses anos ele tinha um filho e nem sequer sabia. Anos que perdeu. Não era diferente de seu próprio pai que fodeu sua mãe e desapareceu. Sentiu o estômago se apertar. E ficou irritado com o mundo.

Olhou ao redor do apartamento e seu estômago se apertou novamente. Nos últimos dez anos viveu no topo do mundo com mais dinheiro do que poderia gastar. *Killer of Kings* era muito lucrativo e agora era o braço direito de Boss, utilizado na segurança e prioridade pessoal. Nunca deixou de pensar em June, mas honestamente acreditou que ela seguiu em frente com sua vida. Sua crença foi despedaçada. Agora descobriu que estava morando em um apartamento de merda, com todos os seus sonhos deixados para trás.

E havia uma criança. Seu filho.

Killian não podia acreditar que estava repetindo o passado, seu próprio filho lutando para sobreviver com uma mãe solteira se matando para colocar comida na mesa. Ele sentiu as lágrimas



picarem seus olhos, a garganta arder. Seu filho merecia algo melhor do que ele teve. Merda, não deveria estar correndo pelas ruas com roupas de segunda mão, roubando para sobreviver.

Mas era tarde demais para fazer as pazes. Killian nunca o veria como um pai. Seria para sempre a porra de um estranho, o bastardo que abandonou sua mãe. Caminhou pela sala se sentindo ansioso e tenso. Queria ficar com raiva de June, mas ela estava certa. Ele a deixou sem nenhuma maneira de contatá-lo. Era para ser um sacrifício de sua parte, dar a chance de que pudesse viver uma vida normal, uma vida boa. Se soubesse que carregava seu bebê, nunca teria ido embora.

— Você não vai dizer nada a ele, não é? — Ela perguntou.

Ele virou-se para encontrá-la de volta na sala.

— Dizer a ele o que? Que eu sou seu pai?

— Sim.

— Não, mas isso é um problema? Ele é meu filho, depois de tudo.

Ela balançou a cabeça.

— Você perdeu esse direito quando foi embora sem deixar vestígios. Não o quero confundindo-o ou ferindo-o. Ele irá amá-lo e então você irá embora. Acredite em mim, eu sei como é isso.

— Eu não sabia que estava grávida. Pelo amor de Deus, não pode fingir que eu não existo. Apenas descobri que sou pai há vinte minutos. — Disse ele.



— Bem, eu fui sua mãe e pai pelos últimos dez anos. Não foi fácil, mas consegui. Você sabe por que, porque não tive escolha. Ser um pai vem com uma responsabilidade na vida, mas você não entenderia não é verdade?

Ele apertou os punhos ao lado do corpo. Sentia-se como se estivesse sendo julgado por um crime que não cometeu e mesmo que cometeu muitos.

— Olha, eu não parei de pensar em você ao longo dos anos. Você é a razão por ter voltado para esta cidade. Mas uma criança, eu nunca imaginei. Se soubesse teria sido diferente. — Disse ele.

— Deixe-me adivinhar, não teria voltado? Não se preocupe, eu não quero seu apoio financeiro. É livre para sair. — Ela cruzou os braços sobre o peito novamente, deixando-o completamente de fora.

Tantas noites ele imaginou este momento, esse encontro e com certeza acabou melhor do que a realidade.

— Você é impossível! — Ele caminhou até ela e apoiou uma mão em cada um dos seus ombros. — Eu quero ajudar. Eu quero fazer as coisas direito.

— Eu não posso fazer isso. Não o deixarei brincar com o coração de Killian... ou o meu. — Ela encolheu os ombros e abriu a porta. — Finja que nunca nos encontrou. Você é bom nisso.

Ele ficou parado na porta por um minuto, olhando-a. Ela não mudou muito desde que era uma inocente de dezoito anos de idade, ainda com uma beleza natural e ainda teimosa. Seus olhos cinzentos



o mantiveram cativo como sempre. Uma coisa que não pode deixar de notar foi que amadureceu como mulher, uma mulher com curvas suficientes para fazer seu pau endurecer. Somente olhá-la agora era difícil de afastar-se. Ela tinha um grande e suculento par de seios que não tinha como esconder. Estava mais cheinha e até as coxas pareciam mais grossas. Ele não se importava. Esta era sua mulher.

Mas não gostou de como ela parecia cansada, círculos escuros sob os olhos, o entusiasmo que se lembrava sumiu. Esta vida poderia fazer isso com uma pessoa, sabia disso de primeira mão. Ele viu sua própria mãe desaparecer, sua dura realidade despindo sua essência camada por camada até que restou somente uma concha vazia.

Killian queria fazer as coisas direito, devolver aquele brilho, tornar seus sonhos em realidade.

Ele não lutaria com ela sobre isso, não quando ambos estavam com as emoções à flor da pele.

— Se acha que isso acabou, está errada. Não deixarei meu filho.

— Adeus, Killian. — Ela bateu a porta em sua cara. Ele queria dar um soco com o punho através dela.

Observou o número do apartamento e o endereço completo antes de voltar para o carro. O oceano não era mais interessante. Tinha muita merda na qual pensar.

Killian dirigiu pela cidade meio atordoado. Ele não melhorou ao longo dos anos. Na verdade, ficou pior. Estacionou no hotel mais bonito que encontrou e pegou um quarto por algumas noites. Assim



que pegou a chave e se estabeleceu, ligou para Maurice, um dos rapazes que usava ocasionalmente para conseguir informações.

— Preciso de algumas informações. Rápido. — Disse ele, logo que Maurice respondeu.

— Hum, quem está falando?

Ele exalou, sua paciência ficou naquele apartamento.

— É Killian. Preciso que encontre tudo o que puder sobre June Harris, vinte e oito anos e seu filho, Killian Harris.

— Killian? Há algo que eu deveria saber?

— Apenas dê-me os detalhes. Isso precisa ter prioridade. — Disse Killian.

— Verei o que posso encontrar. Devo enviar para o mesmo e-mail?

— Sim. Obrigado, Maurice. — Ele desligou, sem vontade de conversar ou explicar a situação de merda na qual se meteu. Era embaraçoso. Não era a porra de um caloteiro. Nunca planejou ter filhos, mas saber que tinha um garoto mudava tudo.

Deitou-se na cama, as molas gemeram. Quantos milhares deitaram neste colchão? O teto tinha manchas de vazamento e tentou descobrir padrões nas manchas amarelas. Fechou os olhos, respirando devagar.

Quando June disse que não teve ninguém todos esses anos, isso o despedaçou. Sabia como era se sentir sozinho e sem nada. Suas raízes eram humildes para dizer o mínimo, mas sua infância áspera o



transformou no homem que era hoje. O único arrependimento que realmente teve foi de não ser capaz de salvar sua mãe, isso foderia sua cabeça até o dia que morresse.

Seu celular vibrou.

Ele conectou ao seu servidor privado e abriu o e-mail de Maurice. O homem era um Deus atrás de um computador e salvou sua bunda mais vezes do que poderia contar. Havia páginas de informações, sobrecarregando sua cabeça com culpa e raiva. Tudo que June lhe falou era verdade. Ela também não se casou ou teve quaisquer relacionamentos. Ele esperava ouvir mentiras de todos, porque isso era o que normalmente fazia. Killian começou com suas mentiras na escola pública, dizendo a seus amigos sobre sua bela casa e os pais que o amavam e mimavam. A verdade era que ele sempre foi um bastardo.

As informações sobre seu filho eram mais perturbadoras. Ele estava envolvido com a polícia, pequenos roubos, brigas na escola e fugas. O pequeno filho da puta deve ter levado June para o mesmo inferno no qual colocou sua própria mãe. Ele precisava de um pai para corrigi-lo e neste caso a responsabilidade era dele.

No dia seguinte visitaria June com a cabeça no lugar. Esta noite precisava de um bar para poder esquecer absolutamente tudo.



June começou suas tarefas habituais ao redor da casa, lavando os pratos da noite passada, recolhendo a roupa para levar a



lavanderia no dia seguinte e limpou a pequena sala de jantar. Ela se movia como um robô, seu coração ainda acelerado. Não podia pensar sobre isso agora, não podia pensar nele. As lágrimas eram um luxo que aprendeu a segurar por causa de seu filho. Recusava-se a deixá-lo ver como ficava destruída todas as noites, não querendo nada além de chorar até dormir. Mas compartilhavam o único quarto e precisava garantir a felicidade do seu filho.

Não sabia o que diria para Killian Júnior, quando terminasse sua lição de casa. E ele perguntaria. O garoto era inteligente e sabia que algo não estava certo.

Esta noite ela pegou um turno extra em um dos bares locais, por isso, uma babá ficaria com Killian. Odiava ter que pagar por babá, mas não tinha escolha. O pouco dinheiro que conseguia ainda era melhor do que nada e as gorjetas dos turnos da noite eram geralmente as melhores.

June começou a guardar os pratos limpos. Seu corpo, mente e alma estavam cansados. Imaginou Killian voltando para ela, como seu cavaleiro de armadura brilhante. Ele a amaria e cuidaria dela assim viveriam felizes para sempre, como nos contos de fadas. Mas June desistiu dos seus sonhos muitos anos atrás. Desistiu de pensar em Killian voltando.

Quando o viu pela primeira vez, soube que era o amor de sua vida. Nunca esqueceria seu rosto.

Embora ela o reconhecesse em qualquer lugar, ficou áspero. Estava bonito e sentiu-se irritada por estar ainda mais atraída por ele



agora do que há uma década. Ele tinha sombras embaixo dos olhos, o cabelo loiro escuro raspado nas laterais e longos em cima. Aqueles intensos olhos azuis ainda deixavam seus joelhos fracos.

— Mamãe?

Ela suspirou e saiu de seus pensamentos. June virou-se para seu filho.

— Sim?

— Aquele homem conhecia você. Quem era ele?

— Apenas um velho amigo, querido.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Um namorado?

Ela balançou a cabeça.

— Não importa. — Ela disse, mudando de assunto. — Eu vou preparar o jantar, então pode me ajudar a arrumar a mesa. Preciso deixar tudo pronto antes do trabalho.

— Você acabou de chegar em casa do trabalho.

June suspirou, se abaixando ao nível de Killian. Deus, ele parecia seu pai. Ela manteve suas emoções sob controle.

— Nós já conversamos sobre isso. Preciso trabalhar mais turnos por alguns meses, mas você nem perceberá quando eu sair. Melissa estará aqui quando for para cama, mas estarei de volta quando você acordar. — Ela beijou sua testa.

— Você não precisa dormir mamãe?



Ela piscou.

— Mamães não precisam dormir. Nós somos como super-heróis.
— June riu quando levou Killian para fazer suas tarefas. Esta noite faria macarrão com queijo. Isso iria enchê-los o suficiente para a noite.

No momento em que Melissa apareceu em sua porta, Killian foi para cama. June esperava que ficasse lá. Nos últimos seis meses ele tentou fugir duas vezes quando estava com a babá. Sabia que estava se rebelando porque o seu tempo com ele sempre era pouco e a irritava que ela não pudesse ficar como queria.

Ela desceu do ônibus vinte minutos mais tarde, seus pés já cansados. Com vinte e oito anos se sentia com sessenta e oito. Sua mente queria derivar para fantasias de Killian, mas ignorou os pensamentos, recusando-se a ser vítima de seus caprichos novamente. Ela ainda não superou o fato dele ter ido embora. Mas realmente não o conhecia de verdade. Ele foi tão doce e atencioso, um estudante de artes na universidade local e trabalhava a tempo parcial em uma loja de ferragens, mas era tudo mentira.

Merda estava pensando nele e agora seu humor azedou antes mesmo de começar seu turno.

Já era ruim o suficiente ela ter que lidar com todos os perversos imundos que bebiam demais e sentiam como se tivessem o direito de tocá-la ou propor algo.

Depois de uma hora andando, June cuidou de todos os clientes. O lugar estava lotado, o que era bom para gorjetas, mas ruim para



problemas potenciais. Esse lugar não era exatamente de cinco estrelas. Era um bar decadente, o pior dos piores. Apenas conseguiu o emprego porque foi abençoada no departamento de peitos, mas não recusaria o segundo emprego quando precisava desesperadamente do dinheiro. June apenas fazia o seu melhor para se ocupar de seu negócio e ficar fora do radar.

— Ei, cadela, pode me dar um beijo? — Um homem deu um tapinha no colo, esperando que ela se sentasse.

Ela inclinou-se para longe do homem de barba. Era um dos chefões de um clube de motoqueiros local. Isso ainda não significa que estivesse no menu.

— Talvez você já teve o suficiente para beber? — Sugeriu.

Ele fez uma careta, agarrando-a pela blusa e puxando-a para si. Seus amigos ficaram ao redor dele, rindo. Ela não era nada, apenas um lixo e queria chorar. Queria estar abraçada a seu filho em seu pequeno apartamento. Queria. Mas estava ali e era impotente quanto a isso.

— Solte-me! — Disse ela. — Você não tem o direito. — Suas lágrimas estavam tão perto de cair, mas precisava parecer mais forte do que isso.

— Eu possuo esta cidade. — Disse ele, o cheiro de álcool em seu hálito fez seus olhos arderem.

Ela balançou a cabeça, lutando. Seu chefe bastardo nem sequer tentava ajudá-la, porque tinha medo dos Dead Angels MC.



Destruíram o bar várias vezes quando ele não deixava que fizessem o que queriam.

— Eu acho que a senhora disse para soltá-la.

Todos se viraram para a voz. Era Killian. Ele estava vestido de preto, o cabelo penteado para trás. Não havia nenhum indício de medo ou emoção em seus olhos. Por mais que ficou aliviada ao vê-lo, seria morto por estes homens.

— E por que diabos você se importa, menino bonito?

— Porque essa é a minha mulher.

Houve suspiros e risadas no bar. Killian não se moveu um centímetro, mesmo quando um dos membros da gangue começou a rodeá-lo.

— Killian, basta ir. Eu não quero que você se machuque. — Disse June. Ela tentou odiá-lo, mas sempre iria amá-lo.

Ele sorriu, curvando um dedo apontando-lhe para se aproximar.

— Eu quero que você espere por mim lá fora, baby.

— Estou no turno até as três. — Disse ela.

— Não, acabou o seu trabalho nesse buraco. Agora espere lá fora. — Seu tom não deixava espaço para discussão. Ela relutantemente caminhou em direção à entrada, olhando para trás o tempo todo. Se tivesse um telefone celular, chamaria a polícia.

— Você colocou suas mãos nela. — Disse Killian. — Esse foi o seu primeiro erro, porra.



— Realmente, o que você fará sobre isso, menino bonito?

Ele virou a cabeça para cada lado, em seguida, os nós dos dedos.

— Irei esmagá-lo.

Killian se moveu tão rápido, que ela quase perdeu seu movimento. Com um soco direto no rosto, o homem barbudo caiu de seu banco para o chão, desmaiado. Killian se movia como um boxeador profissional, abaixando-se longe de cada golpe e dando socos devastadores nos outros homens, um de cada vez. Eles caíram como moscas e June não podia acreditar em seus olhos.

Quando um dos homens puxou uma arma, ela congelou, com muito medo de se mover ou gritar em sinal de advertência.

O velho bastardo riu, mirando em Killian.

— Não é tão duro agora hein?

— Você chama isso de uma porra de arma? Não, estas são armas. — Killian levou ambos os braços para trás e voltou com uma arma em cada mão, apontando para dois homens.

— Você sabe quem somos?

Killian zombou.

— Vocês são os idiotas que mexeram com a mulher errada. — Em seguida, ele disparou, o som incrivelmente alto. June colocou as mãos sobre os ouvidos e agachou. Ela fechou os olhos, ouvindo os tiros. Quando o silêncio finalmente apareceu, abriu os olhos. Killian era o único de pé. Ele guardou as duas armas e depois casualmente



puxou a carteira. Bateu um maço de dinheiro no bar. — Para cobrir os danos, não que você mereça isso por deixar pessoas baixas como estas aqui.

Ele se aproximou dela e não tinha certeza se deveria sentir medo ou não. Não conhecia esse novo Killian.

— Você os matou. — Ela sussurrou.

— Não, eles estão todos vivos e bem. Cada um com um lembrete de não se meter comigo. — Ele pegou sua mão e saiu do bar. — Confie em mim, ele teve sorte. Eu queria colocar uma bala certa entre os olhos daquele pedaço de merda.

Uma vez que estavam na rua, longe do bar, a realidade bateu sobre ela, dolorosa e cruel.

— Meu trabalho. Eu perdi meu emprego por sua causa.

Ele fez uma careta para ela, sem outra expressão em seu rosto.

— Isso é o quão pouco você pensa de si mesma, June? Acha que está tudo bem em deixar aquele merda tocá-la?

— Eu não tenho escolha!

— Você se vende também?

Raiva cresceu dentro dela tão forte que ela começou a bater em seu peito com a pouca força que lhe restava. Todos esses anos teve oportunidades de vender seu corpo ou fazer para um daqueles monstros uma dança, mas sempre se recusou. Havia algumas linhas que se recusara a atravessar.



— Seu desgraçado! Eu te odeio!

— Calma. — Ele facilmente a dominou, segurando-lhe os pulsos contra seu peito.

— Por que você não me mata também?

Ele exalou em um rosnado, então a levantou em seus braços. Como ficou tão forte? Ela não era leve. June queria lutar, mas estava muito cansada dessa vida. Por uma única vez era bom ter alguém em quem se apoiar.

— O meu trabalho. — Ela murmurou.

— Supere isso, baby. Você nunca colocará os pés naquele lugar novamente. As coisas mudarão por aqui, começando com esse ódio que sente por mim.

Chegaram a um carro e ele a colocou de pé. Era um Porsche prata com aros cromados que brilhavam sob as luzes da rua. Ela não sabia muito sobre carros, mas reconheceu o logotipo.

— Este carro é seu?

Ele tirou as chaves e abriu a porta com um empurrão.

— Vou levá-la para o meu quarto de hotel. É esquisito, mas foi o melhor que encontrei nesta cidade.

— Preciso ir para casa. Killian precisa de mim.

— Não, Killian está dormindo ou é melhor ele esteja. Agora, temos alguns negócios inacabados para resolver. Nunca deveria tê-la



deixado, mas estou de volta e não irei embora. — Ele segurou a nuca dela e se inclinou. — Você é minha.

Então a beijou.





CAPÍTULO

TRÊS

Por alguns segundos preciosos, June se permitiu ser transportada de volta há dez anos, onde a vida era simples. Houve momentos em que se perdeu em sua vida, os antigos sonhos que teve, as fantasias. Cada segundo que passou com Killian dez anos atrás sentiu como se tivesse encontrado sua alma gêmea. Tudo foi uma mentira. Nada era verdade, então se afastou, interrompendo o beijo, empurrando-o com força.

— Vou para casa para descobrir em que confusão me colocou. Eu não sei quem você é. — Antes que desse um passo, ele agarrou-a pelos braços e puxou-a para o carro. Em segundos a colocou dentro e bloqueou a porta. Quando ela puxou o trinco, não se moveu. Uma trava foi acionada. Seu dia estava indo de mal a pior. — Deixe-me ir.

— Você parece pensar que eu dou a mínima para o que quer agora. — Disse Killian, sentando-se ao volante. — Notícia velha querida. Eu não vou a lugar nenhum. E não irei desaparecer, com certeza não vou embora novamente. Eu fiz isso uma vez e foi um maldito pesadelo. Não farei de novo.



Ela balançou a cabeça e olhou para fora da janela. Isso não era o que queria.

— Leve-me para casa. Estou falando sério, Killian. Se não for trabalhar, então quero ficar com ele.

— Nós precisamos conversar.

— Nós podemos conversar em minha casa. Até mesmo posso fazer-lhe um café. Então? Acha que isso é razoável? — Ela não gostou de como mal-intencionado soou, mas a verdade era que não sabia o que fazer. Parte dela queria correr, pular em seus braços e fingir que os últimos dez anos não aconteceram. Que não descobriu que ele não era nada daquilo que falou. Tudo o que disse a ela foram mentiras. Mas não podia fingir. Não deixaria seu filho e nem a sua vida atual.

O tempo para contos de fadas terminou há muito tempo.

— Você não chamará a polícia? Não tentará me causar problemas? — Perguntou.

— Você é um homem procurado?

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Não baby. Eu não sou um homem procurado.

— Pare de me chamar de baby. Eu não sou baby de ninguém.

— Não, você é mãe de alguém.

— Eu sou a mãe do nosso filho. — Disse ela. Isso foi demais para ela. — Por favor, me leve para casa.



— Bem. Vou levá-la para casa, mas não pode se livrar de mim. Não gosta da situação e eu entendo, mas nós precisamos conversar.

Ela observou a paisagem escura passar. — Sabe que pensei muito sobre este momento. No começo, quando descobri que estava grávida, achei que você voltaria e logo eu contaria. Tudo ficaria bem.

— Eu não voltei.

— Não voltou e então eu não podia sair. Há muito trabalho sazonal aqui. Killian, nosso filho, ele ama o oceano ou amava.

— Eu li muita coisa ruim sobre ele.

Ela olhou para ele, esperou por mais.

— Foi pego pela polícia por alguma porcaria. — Disse Killian.

— Eu não sei como você tem essa informação, mas eu não gosto. Não é nada. Apenas alguns problemas nos quais está se metendo. Ele está nessa idade, sendo rebelde. — Ela passou os dedos pelos cabelos. Esse era um tema que ela odiava mais do que qualquer coisa.

Na primeira vez, dois policiais vieram até a porta enquanto seguravam Killian pelo pescoço. Desde então, teve um assistente social envolvido, a escola, praticamente qualquer pessoa que quisesse levar Killian embora, esteve em contato.

Ela amava seu filho mais do que qualquer coisa no mundo e não podia, não viveria sem ele.

Killian estacionou no seu bloco de apartamentos e ela sentiu seu julgamento saindo dele em ondas.



— Ainda não posso acreditar que seus pais não a ajudaram.

— Para eles eu não era nada mais do que uma prostituta. Eu mesma me arruinei por estar com você. Sem bolsa, sem família e estava sozinha. Tudo que eu tinha era aquele menino. Este lugar é o melhor que posso pagar. Trabalho todas as horas que posso para conseguir o melhor para nós. Estou tentando. — Ela abriu a porta do carro e começou a afastar-se dele. Não gostava de como a fazia se sentir.

Precisava pagar Melissa e parar de pensar em outra vida. Este homem não era o cara doce que uma vez conheceu. Ela o viu atirar em homens. Pelo que ouviu, eles eram homens muito perigosos, no entanto, Killian os matou com facilidade. De jeito nenhum foram somente tiros de aviso. Ela viu o sangue e a carnificina com seus próprios olhos.

Seu instinto estava dizendo que ela não gostaria de ouvir a verdade sobre ele. Eles já não estavam em um conto de fadas, mas na vida real decepcionante.

Killian não a deixou ir muito longe antes de agarrá-la pelo braço girando ao redor dela.

— Esse menino precisa do pai, June.

Ela não podia chorar. Recusava-se a chorar.

— Eu sou tudo para meu filho. Faço o meu melhor, Killian. Você sabe mesmo o que é ser uma mãe solteira? Ter de colocar seu filho aos cuidados de vizinhos enquanto trabalha?



— Eu sei mais sobre isso do que você pode imaginar.

— Sim, certo. — Ela tentou se afastar, mas ele não a deixou ir.

— Minha mãe era uma prostituta. — Disse ele, de repente.

Olhando em seus olhos, ela não sabia se isso era verdade. Ou se ele estava sendo um idiota.

— Você me disse que seus pais voltaram para a Irlanda por conta própria.

— Eles nunca foram. Minha mãe vendia seu corpo para cada homem que a pagasse. Tinha um cafetão. Eu não sabia quem era meu pai, não naquela época.

As lágrimas encheram seus olhos.

— Você acha que isso faz eu me sentir melhor? Mentiu para mim. Tudo o que me disse naquela época não era nada além de mentiras. Como eu sei o que é real ou não?

Killian a puxou para mais perto, segurando seu rosto.

— Meus sentimentos por você, isso era real. Cada momento que tivemos juntos, isto era tudo real.

Porra!

Seria tão fácil cair em seus braços e esquecer os danos dos últimos anos, mas não podia fazê-lo.

— Eu nem sequer o conheço. — Ela se afastou. — Não sei nada sobre você. O que faz? Por que estive aqui há dez anos? Por que não



voltou? Esperei por você, sabe. Eu ia para a praia todos os dias, ficando a sua espera e ainda assim não voltou.

— Eu não tinha ideia de que estava grávida June. Juro, eu teria voltado. — Ela bufou. — Eu fui embora, por um segundo, não acreditei que fosse bom o suficiente para você. Ainda não acredito. Você está certa. Tenho muitos segredos. E não falo sobre mim e para ser sincero, nunca quis. Nunca tive pais orgulhosos ou a vida perfeita. Ninguém está me esperando voltar para casa. Não há nada para mim.

— Eu não sei o que dizer. — Ela começou a caminhar de volta para seu apartamento. Havia tantas perguntas. Tanta confusão. Queria dizer-lhe para ir embora e ficar ao mesmo tempo. Tudo isso deixou sua cabeça confusa.

June não era mais uma virgem ingênua, amando a atenção deste homem sexy que a notou.

Vinte e oito anos, solteira, com uma criança, cansada o tempo todo e observando seu filho crescer, sabendo que não passaria tempo suficiente com ele, está era a vida que tinha e a odiava.

Isso nunca foi seu plano. Seu futuro deveria ser brilhante, mas isso parecia uma vida passada.

Entrando em seu apartamento, ela viu Melissa sentada no sofá. Estava lendo seu livro, que imediatamente começou a guardar no momento em que a viu.

— Ei, June. Voltou mais cedo.



— Desculpe. Algo surgiu, mas estou em casa agora. Como ele está?

— Muito bem. Ele foi ao banheiro antes e direto para a cama. Está tudo bem.

— Excelente, obrigada, querida.

Ela pagou Melissa e a esperou sair do apartamento.

— Você tem pessoas tomando conta dele? Ele tem dez anos. — Disse Killian.

— Ainda muito jovem para ser deixado sozinho e se mete em muitos problemas, sem sequer tentar. — Ela respirou. — Irei vê-lo. Se você quiser colocar a chaleira no fogo, podemos conversar.

Ela não lhe deu a oportunidade de discutir enquanto caminhava em direção ao quarto que dividia com Killian. Abrindo a porta levemente, olhou e franziu a testa. Acendendo a luz, foi em sua direção e lá onde seu filho deveria estar havia um maldito travesseiro.

Essa não era a primeira vez que fazia isso. E cada vez era tão assustador quanto à primeira.

Deixando o quarto, ela olhou para Killian.

— Ele se foi! — Ela correu para a porta.

— O que quer dizer com ele se foi?

— Não está em sua cama. Fez isso várias vezes. Preciso ir atrás dele.

— Vou também.



Eles deixaram o apartamento e ela fez questão de trancar a porta. Não pretendia fingir que morava em uma boa área. Correndo pela escada, saíram do edifício.

— Será mais rápido se nos separarmos. Ele normalmente usa um casaco com capuz. Por favor, o encontre. — Ela não queria ouvir mais nada. Precisava encontrar seu filho.



Nada estava saindo conforme o planejado. Era uma confusão após a outra e Killian ficou irritado. A cada segundo que passava com June era apenas mais dor em seu coração, porque a deixou e causou essa bagunça. Tudo o que fez foi com a intenção de ajudá-la e ainda assim aconteceu totalmente o oposto e estava muito irritado com isso.

Ele tinha um filho.

Um garotinho.

Nunca por um segundo poderia ter imaginado ser um pai. Bem, pensou sobre isso antes de *Killer of Kings* se tornar parte de sua vida. Jurou ser um pai melhor do que seu próprio. Estar sempre presente, amar, nutrir. Em vez disso, destruiu-a e a abandonou. Ela vinha lutando todos os dias.

Maurice lhe enviou todos os detalhes sobre June Harris. Todos os trabalhos que ela teve, os salários que recebeu. Aquela mulher não fez nada além de trabalhar nos últimos dez anos.



Seu celular começou a tocar e ele olhou para ver que era Boss. Desde que ligou para Maurice, Killian manteve o celular ligado. Sua intenção foi se afastar do maldito trabalho, mas agora Boss estava chamando e não tinha escolha a não ser responder.

— O que?

— É assim que você fala com o seu chefe?

Ele revirou os olhos quando Boss começou a rir.

— O que você quer?

— Pensei que precisasse de algum tempo longe.

— Eu preciso. Olha, eu não tenho tempo para esta merda, Boss. Preciso ir.

— Bem, veja, eu tenho um problema aqui.

— Por quê? — Perguntou Killian.

— Surgiram dois novos alvos para trabalho chamados June e Killian Harris. Agora entenda a minha confusão. — Killian parou. Boss tinha sua atenção. — No começo pensei que o alvo fosse você. Killian e tudo mais. Porém apenas depois vi que os detalhes que tenho na minha mesa são para uma mulher de vinte e oito anos e um menino de dez anos. Então conversei com Maurice e ele me disse que recebeu o mesmo pedido de informação de você. Que porra está acontecendo, Killian?

— Por que os enviaram como alvo? — Perguntou Killian.



— Por que é uma armadilha. Para você. Alguém o está vigiando ou esperando.

— Descubra quem enviou. Boss, não coloque ninguém nisso, por favor. — Boss nunca recusou dinheiro. — Esse é o meu filho. Apenas o encontrei agora e ela é a minha garota. Eu só... estou fodido. Preciso de tempo para corrigir isso.

Fez-se silêncio.

— Killian, sei que eu sou um monstro ou pelo menos muitas pessoas acreditam que sou. Tenho minhas razões para fazer o que eu faço.

— E ninguém entende isso, porra.

Boss tinha muitos segredos. Ele não era um homem fácil de agradar. Na verdade, era francamente difícil às vezes.

— É o meu filho e eu fodi com tudo. Como um favor para mim. Você me deve, Boss.

— Mais uma vez, eu não tenho a intenção de pegar esse trabalho Killian. Até descobrir quem pediu este contrato, ela está em perigo. Sugiro que você os encontre. Esses alvos de morte surgiram uma hora atrás.

Killian parou. Foi por causa dos homens em quem ele deu uma lição?

De qualquer maneira, não sabia que porra fazer. Desligou, sentiu seu coração estava acelerado. *Que porra ele fez?*

Isso estava ficando uma confusão.



Pegou o ritmo, andando por uma rua longa, em seguida, foi em direção ao cais, onde conheceu o garoto. O pequeno Killian estava lá, mãos nos bolsos, olhando para o oceano.

— Você sabe que sua mãe está desesperada? — Ele não estava fazendo muito bem também.

Porra, porra, porra.

— Ela está sempre trabalhando. Sempre longe. Cada trabalho que pega que tem um salário decente, nunca dura. Nada dura. — Disse Killian.

Foi-se o sotaque britânico e a atitude arrogante. Diante dele estava seu filho. Pelo que acabou de dizer, o garoto sentia falta da mãe. Estava ferido.

Killian olhou para a vista. Fizeram do seu filho e da sua mulher um alvo de morte. Ele fodeu com tudo.

— Sua mãe faz tudo isso, porque precisa.

— Eu sei. Está sempre cansada e eu não me importo que pense que é um super-herói. Eles não existem. Nada existe apenas o trabalho e as contas. Ela quer que eu vá para a escola, tenha educação e vá para faculdade. Somente crianças ricas chegam a fazer isso. Não alguém como eu. Quero deixá-la orgulhosa, mas não sei como fazer isso.

— Sua mãe está preocupada com você. Não estava em sua cama.

— Mamãe já chegou? — Perguntou Killian Junior.

— Ela voltou para casa para vê-lo e começou a entrar em pânico.



— Merda. Eu já estava voltando para casa. Eu lhe disse que não faria isso novamente. Apenas... ah. Queria que ela ficasse em casa. Eu não consigo mais vê-la. E não me importo com os presentes de Natal. Eu sei que Papai Noel não existe! Apenas a quero em casa. Foi o que falei para aquela senhora da assistência social que apareceu na minha escola. A senhora me avisou que estou entrando em muitos problemas e se eu quiser deixar minha mãe, será apenas uma questão de tempo antes que seja levado. Eu não quero deixar a minha mãe. Eu a amo.

Esse garoto lembrava tanto a si mesmo que era irreal.

Seu passado estava começando a voltar em cheio. Uma mãe que trabalhava o tempo todo. Um garoto perdido. June não vendia seu corpo, pelo menos o seu próprio filho não teria que ver as surras que os clientes davam.

— Sua mãe passará mais tempo com você agora.

— Como você sabe?

— Porque cuidarei de vocês. Você passará cada segundo com ela e ninguém a levará para longe.

Killian Júnior o encarou.

— Como conhece minha mãe?

— Eu a conheço do passado.

— Sim, mas quando? Falei com minha mãe e ela disse que foi há muito tempo.



— É verdade. — Seu filho estava olhando para ele, avaliando-o. Era tão surreal saber que ajudaria a criar este garoto.

— Quando?

— Cerca de dez anos e alguns meses. — Ele colocou as mãos nos bolsos. — Eu sou seu pai, Killian. Nós até mesmo temos o mesmo nome.

— Temos? Seu nome é Killian também?

— Sim. Meu nome é Killian. Sua mãe o nomeou por minha causa.

— Bem, onde esteve? — Perguntou Killian Junior. — Espero que volte desde os meus cinco anos.

— Por que cinco? — Perguntou.

— Eu pedi você no desejo do meu bolo de aniversário. Aqueles que supostamente eram para se tornar realidade e você nunca veio. Nunca apareceu para ajudar a minha mãe, seu imbecil.

— Cuidado com a língua.

— Não merece a minha mãe e ela deve se livrar de você. — Killian Júnior correu para longe dele e isso não foi como ele imaginou que seria.

— Não sabia sobre você. — Disse ele, segurando o braço de seu filho. — Eu sei que isso não me dá o direito de exigir uma segunda chance, mas estou pedindo uma. — Estava tentando argumentar com uma criança de dez anos. Aos dez anos de idade, não havia nenhuma razão para ele e agora estava estragando tudo. — Eu também não tive



um pai e ninguém voltou para me reivindicar. Quero você e sua mãe. Quero conhecê-lo e ouvir tudo o que perdi. Seu primeiro dia na escola. Talvez a primeira vez que provou chocolate. Quero saber cada coisa. Qual é sua cor favorita. O que você quer ser quando crescer. Qual é a pior coisa que já fez e que foi pego?

Seu filho olhou para o chão.

— Quero saber tudo sobre você, Killian.

— Muita da porcaria que eles dizem que eu fiz foi mentira. Havia um cara da polícia que queria namorar minha mãe. Eu disse que não teria uma chance com ela. Ele não gostou de me ver andando por aí sozinho. Apenas fodo com tudo.

Killian não gostou do ciúme que sentiu com o pensamento de alguém gostar de sua mulher. Ela o pertencia e apenas a ele.

— Precisarás ter cuidado com a linguagem. Aposto que sua mãe não gosta de ouvir você falando palavrão.

— Ela não gosta, mas preciso cuidar dela. Se minha mãe não tivesse ouvido aquele policial dizendo que eu era um desperdício de tempo e que arruinei a vida dela, poderia ter namorado com ele e esse cara não a merecia. Você não a merece também. Nunca será bom o suficiente para minha mãe.

E essa era a verdade. Killian não merecia June há dez anos e com certeza não a merecia agora.

— Eu sei, mas quero me tornar digno a seus olhos e aos olhos de sua mãe. Acha que pode me dar uma chance? — Perguntou.



Seu filho franziu os lábios e então encolheu os ombros.

— Veremos. Não pode ser pior do que já está.

— Killian! — June gritou.

Os dois se viraram para ver June. Ela correu na direção deles e ele sorriu. Não importava que dez anos se passaram. Ainda amava tanto essa mulher como naquela época, se não mais forte.

Segurando a mão de Killian, ele começou a caminhar em direção a ela e depois parou quando ouviu o som inconfundível de rodas freando. Girando, ele viu a porta do SUV preto se abrir e um homem aparecer com uma arma. Puxando seu filho para trás, viu com horror quando a arma foi apontada para June.

Não havia nada que pudesse fazer. Um tiro solitário soou e June caiu. Pegando uma de suas armas, apontou para o carro e começou a atirar.

O SUV foi embora antes que ele disparasse uma única bala.

June estava no chão e seu filho a abraçava com força. Ele está trazendo sua escuridão ao lugar onde estavam suas mais doces lembranças.

O que ele fez?





CAPÍTULO

QUATRO

Killian guardou sua arma e correu até June, caindo de joelhos ao lado dela. Ele passou a mão por seu corpo, avaliando os danos. Havia medo em seus olhos, dor e confusão. Isso tudo acabava com ele.

— Está tudo bem, gatinha. Tudo ficará bem. — Ele orou a Deus para que pudesse cumprir essa promessa.

— Mamãe! — O pequeno Killian chorava, seus braços ao redor do peito de June. A cena lembrou-lhe da noite que encontrou sua própria mãe morta. Ficou ali paralisado, seus horrores da infância estavam voltando à superfície. Ele empurrou as lembranças e colocou June em seus braços.

Eles não estavam muito longe do complexo de apartamentos, mas de jeito nenhum que os levaria para casa. Boss disse que June e seu filho estavam sendo alvo de morte, de modo que o lugar estava comprometido. Essas duas pessoas eram agora tudo o que importava e era sua responsabilidade.



— Onde estamos indo? — Perguntou Killian, andando ao lado dele.

— Para um lugar seguro. — Disse ele.

Quando chegaram ao seu carro, ele pediu para que seu filho abrisse a porta de trás. Cuidadosamente colocou June nos bancos, instruindo Killian a entrar no lado do passageiro.

— Killian, estou com medo. — Disse June.

Ele virou-se no assento depois de ligar o carro.

— Irei garantir que nunca sinta medo novamente. Estou aqui e não vou a lugar nenhum.

Killian deixou a cidade litorânea sem olhar para trás. Ele nunca a veria novamente. Não queria que June ou Killian voltassem para aquela merda de cidade novamente.

A estrada era escura e silenciosa a esta hora, o ronronar do motor não era o suficiente para mascarar os soluços abafados de June. Sua mente estava em colapso, tentando descobrir como fazer as coisas certas. Não podia fazer isso sozinho. Ele precisava de *Killer of Kings*

Pegou o celular e ligou para Boss. O bastardo era um idiota durão, mas o ajudou a recomeçar quando se mudou da Irlanda. Eles tinham uma relação pouco ortodoxa para dizer no mínimo.

— Boss, cheguei atrasado e um deles atirou em June.

— Ela está viva?



— Sim. Estou com ambos. Preciso de uma casa segura para meu filho até que possamos lidar com o problema. — Quando encontrar estes idiotas irei enchê-los com tantas balas que até mesmo o legista não poderá identificar os corpos.

Houve silêncio do outro lado.

— Leve-o para a casa de Bain e Scarlett. Ele estará seguro lá.

— Qualquer palavra sobre quem os colocou como alvos?

— Ainda trabalhando nos detalhes, mas está relacionado com o trabalho de assassinatos dos Dead Angels há dez anos. — Disse Boss.

— Como isso é possível? Ele foi limpo e tratado.

Killian mal se lembrava do alvo. Ele matou o líder do clube depois de fazer reconhecimento por algumas semanas. Foi quando conheceu June, então todas as suas lembranças se concentraram nela.

— Ligarei quando souber mais. — Disse Boss.

Enquanto continuou dirigindo até a casa de Bain, olhou para o pequeno Killian. Ele estava olhando para fora da janela, sem dizer uma palavra. Killian queria fazer as coisas melhorarem, não piorar. Não queria que seu próprio filho fosse tão fodido quanto ele.

Odiava a ideia de deixar seu filho na casa de outra pessoa, mas as coisas estavam ficando feias e ele não queria Killian ferido ou exposto a mais violência desnecessária. As luzes de fora estavam acesas enquanto dirigia pela longa entrada de Bain, então Boss deve



tê-lo avisado. Ele parou o carro e virou-se para June. Ela parecia pálida.

— Baby, deixarei Killian aqui por um tempo. Apenas até as coisas se acalmarem. — Disse ele.

— O que? Não! Eu não o deixarei na casa de um estranho. Ele precisa ficar com sua mãe.

— E ele estará. Quando for seguro. Confio em Bain com a minha vida. Nada acontecerá com Killian aqui, eu prometo.

Ela olhou para ele e Killian sabia que seria um longo caminho antes que confiasse nele novamente. Ele teria que conquistá-la para compensar a montanha de mentiras que disse no passado.

— Vamos, Killian.

Seu filho saiu do carro sem queixa. Ele era um bravo garoto. Eles caminharam lado a lado até a porta da frente e antes que alcançasse a maçaneta, Scarlett abriu. Ela sorriu calorosamente para seu filho.

— Você deve ser Killian Junior. — Disse Scarlett, segurando a barriga arredondada. Ela parecia ter pelo menos alguns meses de gravidez. — Eu ouvi muito sobre você.

Seu filho olhou para ele, procurando confiança. Era um passo na direção certa. Ele tinha muitos anos para compensar.

— Tudo bem. Ela é uma amiga. Você estará seguro aqui.

— E a minha mãe?



— Eu cuidarei dela. E assim que consertar essa bagunça, eu venho buscá-lo.

— Tem certeza que voltará dessa vez? Ou é como aquele policial que me queria fora do caminho?

Ele se abaixou em um joelho para ficar ao nível de Killian.

— Nunca o deixarei. Você não é um garoto qualquer para mim. Você é meu filho. Meu sangue. Quero que sejamos uma família, nós três, não apenas eu e sua mãe. Entendeu?

Ele balançou a cabeça.

— Venha querido. Vou mostrar o seu quarto. Deve estar cansado. — Disse Scarlett.

Ela levou pequeno Killian ao andar de cima.

Bain se juntou a ele na entrada, os braços cruzados.

— Você não precisa se preocupar com o garoto.

— Eu sei.

— Scarlett está trabalhando nessa porra também. Ela foi quem encontrou o vínculo com os Dead Angels MC, mas há muito mais que precisa desenterrar.

— Bom. Ótimo. — Ele não sabia o que dizer. Pela primeira vez desde o início de sua nova vida neste país, se sentia vulnerável. Era imparável porra, sem medo... temido. Agora precisava confiar em outras pessoas e apesar dos avisos frequentes de Boss, ele se apaixonou. Duas vezes. Faria qualquer coisa para manter June e



Killian seguros. — Aparentemente, ele gosta de fugir, então precisa manter um...

— Eu cuido disso Killian. Meu lugar é como o Fort Knox. Ninguém entra ou sai sem meu consentimento. Eu juro. Se algum desses idiotas se atreverem a fazer uma visita, tenho a porra de um arsenal pronto para enviá-los direto para o inferno.

— Isso é o que eu precisava ouvir. — Disse Killian. — Vou para casa. Você tem meu número. June está ferida e preciso cuidar disso antes de qualquer outra coisa.

— E quando você descobrir quem é o responsável?

Killian sorriu.

— Vamos apenas dizer que isso não acabará bem para eles.

Ele voltou para o carro e foi em direção à cidade.

— Estamos quase lá, June. Agente por mim.

— Por que Killian não pode vir conosco? — Ela perguntou. — Eu não entendo nada disso.

— Ele é meu filho também. E não deixarei nada acontecer com ele. Vou explicar tudo, responder a todas suas perguntas assim que chegarmos.

— Chegar onde?

— Minha casa.

Quando viu as luzes da cidade aparecerem, ele sentiu um pouco de conforto. Ali era seu lugar de diversão, onde ele fazia a maior parte



de seu trabalho para *Killer of Kings*. Era fácil desaparecer e tinha distrações suficientes para esquecer a garota da qual precisou desistir.

Agora estava de volta. Desta vez não a deixaria ir.

Levou-a pela porta da frente. Os guardas de segurança acenaram para ele, permitindo-lhe passar sem perguntar. Boss os tinha em sua folha de pagamento. Algumas noites Killian voltava para casa com sangue em suas roupas e suas armas expostas, mas nunca precisou se preocupar em ser denunciado.

— Esse lugar parece caro. — Disse ela.

Killian sempre quis o melhor. Exigia. Depois de viver a primeira metade de sua vida na pobreza extrema, gostava das coisas boas, incluindo a suíte na cobertura com uma vista da cidade.

— De fato, é.

Quando chegou a seu apartamento, ele conseguiu abrir a porta sem colocar June de pé. Ele sabia que seus ferimentos eram leves ou a teria tratado imediatamente. Ainda foi perto demais para seu gosto. Poderia facilmente ter ficado gravemente ferida... ou morta. Nunca seria capaz de viver consigo mesmo se ela morresse por causa de seu estilo de vida.

Ele colocou June em um de seus sofás de couro, em seguida, acendeu as luzes. Ele estava uma bagunça do caralho. Tirou a jaqueta e as armas de fogo, colocando-as no balcão.



— Você está ferida, gatinha. Eu não sei se esse assassino é o pior atirador do mundo ou apenas quis me enviar uma mensagem. — Ele sentou-se à mesa de café na frente do sofá com seu kit de primeiros socorros. Boss não permitia que seus homens usassem médicos ou hospitais públicos, isso causava muitas perguntas. *Killer of Kings* tinha seus próprios médicos subterrâneos de plantão vinte e quatro horas por dia só para emergências. Se não eles eram responsáveis por seus próprios cuidados médicos, incluindo coisas como costelas quebradas e feridas na pele. Killian sempre abastecia bem seus suprimentos de emergência.

Ele ajudou June a tirar o suéter. Ela encolheu-se, tirou o braço da manga da roupa com movimentos lentos.

— Eu não posso acreditar que fui baleada. — Disse ela. — Por que alguém iria querer atirar em mim?

— Porque eu te amo e quem fez isso queria me machucar. É a razão pela qual meu chefe não gosta de qualquer um de nós se envolvendo em relacionamentos sérios. Isso não está indo muito bem para ele ultimamente, considerando que sou o terceiro homem este ano que coloca uma mulher em primeiro lugar.

— É assim que você chama isso? Colocar-me em primeiro lugar? — Perguntou ela.

Ele examinou seu braço. A bala apenas roçou a carne e agradecia por não ter sido pior.



— De agora em diante, você e meu filho são prioridades. — Killian limpou ao redor da área e depois cobriu a ferida. Sua pele era muito macia, porra.

— E quem é seu chefe exatamente? Quer dizer, o que você é?

Agora que a ferida foi cuidada, ele não pode deixar de notar tudo em June. Ela estava usando apenas um sutiã rosa esportivo sob o suéter, seus seios mal cobertos. Dez anos atrás, ela era muito menor, jovem e ingênua. Agora tinha o corpo de uma mulher real, com uma agressividade que o mantinha em cheque.

— Trabalho para uma organização chamada *Killer of Kings*. Meu trabalho é complicado.

Ela se esforçou para ficar sentada, então ele a ajudou, apoiando suas costas. June observou todo o lugar.

— Obviamente, paga bem. O que você é, um assassino?

Ele lambeu os lábios. Ela estava apenas brincando, mas seu palpite foi certo. Killian tinha medo de June afastá-lo novamente, não querendo ter nada com ele se soubesse a verdade. Mas não podia mentir. Não mais.

— Sim, algo assim.

Ela estreitou os olhos, depois balançou a cabeça.

— Isso não é possível. Você está mentindo de novo.

— Não desta vez, baby. Eu menti antes, porque não tinha nada de bom na minha vida, nada do que me orgulhar. Você era uma fantasia, então inventei aquilo que queria ouvir.



— Não sabe o que eu queria ouvir. O que queria era a verdade. Talvez se tivesse sido honesto em vez de me dizer que era um popular rapaz na faculdade, eu não teria criado Killian sozinha durante os últimos dez anos.

— Então, se eu lhe dissesse que nasci de uma prostituta, fui



criado nas ruas, lutei e roubei para sobreviver, você estaria bem com isso? E quanto a trabalhar para *Killer of Kings*, quando me mudei da Irlanda, assassinando pessoas por dinheiro? Será que você ainda iria me querer? — Sentia-se como um cão acuado e eriçado, mas também envergonhado. Não queria que June o julgasse.

Ela ficou em silêncio, olhando para ele com nenhum indício do que estava sentindo por dentro. Havia alguma chance dela poder amá-lo novamente?

June não sabia o que dizer nem o que pensar. Killian lhe disse a verdade desta vez, sabia disso. Além disso, quem inventaria tais mentiras maldosas? Ela queria odiá-lo, não apenas por abandoná-la todos esses anos, mas pelo que representava. Era um homem ruim, um criminoso e levou um turbilhão de perigo para sua vida. Para a vida de seu filho.

Mas ela o amava, completamente e incondicionalmente. Além disso, sentia-se irritada por ficar excitada ao ver Killian com armas nas mãos. Era uma forma muito natural para ele. Também



envelheceu bem, como um bom vinho, exalando força e confiança. Podia protegê-la, cuidar dela e amá-la. Era tudo o que sempre pediu em todos esses anos.

— Killian, você foi o único homem que amei. Nunca o esqueci. Como poderia? Seu filho era um lembrete constante. Mesmo que tivesse desistido de ter fé nos últimos anos, parte de mim ainda esperava que voltasse.

— Eu fodi tudo, mas prometo que farei as coisas direito. Para nós três. — Ele ficou de joelhos e colocou a cabeça em seu colo. Era um momento vulnerável, este homem adulto, este assassino, ainda um garoto danificado por dentro. — Por favor, June. Apenas diga que me dará mais uma chance. Não tenho mais nada. E não quero mais nada.

Ela passou as mãos por seu cabelo, ainda em choque por ele estar de volta em sua vida. Muitos cenários passaram em sua cabeça ao longo dos anos, de Killian morto para casado e feliz.

— Por que agora, Killian? Por que esperar tanto tempo para voltar? Eu nunca me mudei de cidade, então não é como se você não pudesse me encontrar.

— Pensei estar fazendo a coisa certa. Sou um assassino de aluguel. Você merecia mais do que isso. Porra, eu queria ser aquele rapaz da faculdade para você. Mas nunca sequer terminei o ensino fundamental. Sou um idiota, mas prometo que ninguém nunca irá amá-la mais do que eu.



Era bom demais para ser verdade e suas emoções levaram a melhor sobre ela. Seus olhos se encheram de lágrimas e quando piscou, elas deslizaram por suas bochechas.

— Como cuidará de nós? Não podemos continuar assim. Eu não quero ver Killian vivendo com medo.

Ele ergueu um pouco o corpo, as mãos ainda nos quadris. Apenas agora ela percebeu que estava somente de sutiã, com seu suéter sobre a mesa de café. O que ele achava dela? Uma década atrás, era magra e jovem, sua pele era impecável. Agora tinha estrias e acima do peso. Não era nada como costumava ser. Killian parecia mais sexy, musculoso e para ser honesta, não conseguia parar de imaginá-los na cama.

— Apenas quero ouvir uma coisa, mulher. Que ainda me ama ou se há a porra de uma *chance* de me amar novamente. — Disse.

Ela assentiu com a cabeça, não confiando em sua voz com as emoções tão à flor da pele. A constante rejeição e lutas ao longo dos anos cobraram seu preço. Este novo desejo, essa aceitação de Killian era a cura.

— Eu sempre vou te amar.

Seus olhos pareciam mais azuis e pensou que ele poderia se romper.

— Isso é tudo o que precisava ouvir. — Disse ele. — Você nunca terá que se preocupar com nada, June. Terá o melhor que puder e ao



meu filho. Não precisa mais trabalhar, sem babás ou criar esse garoto sozinho.

Killian se inclinou mais perto, seus ombros enormes cobrindo-a. Ele roçou os lábios nos dela, um rosnado baixo saiu de seu peito.

— Eu não tenho mais dezoito anos de idade. — Ela sussurrou. June realmente nunca deu a mínima para o que as pessoas, especialmente homens, pensassem dela. Agora, sentia uma nova carga e se perguntou se Killian estava atraído por ela.

— Eu não quero uma garota, June. Sou um homem e preciso de uma mulher ao meu lado. Preciso de você.

Ela levou os braços para o estômago, cobrindo-o. Sua posição atual não era lisonjeira e estar seminua a deixava desconfortável.

— O que você está fazendo? — Perguntou.

June se afastou dele e se levantou, pegando a camisa como escudo. Ela caminhou pelo lugar como se estivesse em um centro de arte, havia um bar completo e obras de arte com qualidade de museu. Cada acabamento até as luminárias gritavam dinheiro.

Eles eram de dois mundos diferentes.

Em sua casa sequer possuíam um aparelho de televisão e a única garrafa de vinho tinha custou seis dólares. Ela não comprava roupas novas ou se divertia com coisas agradáveis. Tudo era comprado em lojas de segunda mão e com muito sacrifício.

— Não faça isso, June. Pare de se afastar de mim.



Ela não tinha nada a perder. Se voltasse para sua antiga vida, então sobreviveria como sempre fez.

— Killian, você fez bem para si mesmo. Apenas porque temos uma criança juntos, não significa que precisamos ser um casal.

Ele se levantou e a segurou pelos dois braços com firmeza. A escuridão pesava em seus olhos quando olhou para ela.

— Ainda não entendeu, mulher? Eu já contei tudo, abri a porra do meu coração e prometi não mentir mais.

Seu sotaque era mais forte quando ele estava com raiva. Isso a excitava.

— Não quero que seja condescendente comigo. Quero que as coisas sejam como antes, quando pensei que tínhamos algo especial.

Killian riu.

— Você não tem ideia, gatinha. É a única mulher para mim. As coisas que eu quero fazer ao seu corpo agora... — Ele tirou a camisa dela e puxou-a com força contra seu corpo, comprimiu seus lábios nos dela. June fechou os olhos e deixou todo o medo, as dúvidas e o ressentimento irem embora. Deus, ele tinha um gosto bom, como hortelã e masculinidade crua. Sua colônia a envolveu, um cheiro almiscarado rico que fez seu sangue queimar de necessidade.

Suas mãos foram para baixo, tocando sua bunda. Ela podia sentir a dureza de seu pau contra o estômago e sua boceta começou a doer por ele.

— Killian. — Ela murmurou contra seus lábios.



— Sim, baby, diga o meu nome. Eu amo o jeito que soa vindo de seus lábios. — Ele deixou beijos quentes em seu pescoço, suas mãos a tocavam em toda parte. — Você é minha. E irei reivindicá-la mais uma vez, descobrir cada centímetro desse corpo bonito.





CAPÍTULO

CINCO

As curvas de June eram melhores do que Killian sequer imaginou. Bastou um olhar para ela e a imaginava em seus braços pelo resto do dia. É claro que sempre que se tratava dela, sempre a queria e necessitava.

A realidade era que nunca seguiu em frente, não realmente. Nunca deveria tê-la deixado para trás, o que foi seu maior erro, porra. Deveria tê-la mantido, amado, contado quem ele realmente era.

— Nós não podemos fazer isso. — Disse June, afastando-se dele. Seus lábios estavam vermelhos, inchados e os mamilos duros, pressionando contra seu sutiã.

— Por quê? Você me quer. Aposto que agora está toda molhada para mim. Eu me lembro de como sempre ficava excitada ao ser tocada assim. — Ele mordiscou sua orelha e moveu os lábios para baixo para chupar o ponto sobre seu pulso. Não houve tempo de se barbear, então tinha a barba de um dia.

June se derreteu contra ele, as mãos se movendo ao redor de seu pescoço enquanto ficava ofegante. Moveu os dedos por suas



costas, ele encontrou o fecho do sutiã e o abriu. Seus seios saltaram. Logo jogou o sutiã para longe.

Ele era rico além de seus sonhos mais selvagens e não havia nada em que gastar seu dinheiro. Agora tinha uma razão e pretendia dedicar uma grande quantidade de tempo a sua mulher e seu filho. Ele tinha um filho! Um filho. Uma criança pequena.

O tempo todo teve uma família, mas foi muito teimoso para voltar e ver como ela estava. Esse foi seu maior erro.

— Você me quer June. Sabe que me quer.

— Eu sempre vou querê-lo, Killian. Nunca deixei, mesmo quando era errado.

Ele fechou os olhos, descansou a cabeça contra a dela.

— Por que errado?

— Tudo o que eu sabia sobre você era uma mentira, Killian. Era tudo uma mentira.

Balançou a cabeça, ele segurou seus ombros e olhou em seus olhos.

— Não, nem tudo era uma mentira. Isso é besteira e você sabe disso, porra.

— Tudo o que você me falou...

— A única mentira foi sobre onde eu cresci. Meus sentimentos, quem sou, eu não menti sobre isso.

— Acabou de me dizer que é a porra de um assassino, Killian.



Ele lambeu os lábios e respirou fundo. Seu pau pressionou contra a frente de sua calça, só apenas por tê-la perto, o deixava excitado.

— Levei um tiro e está tudo confuso no momento.

— Seja honesta comigo. — Disse ele. — O meu beijo a repeliu?

— Não. Apenas acho que é um pouco cedo e... cedo demais para começar isso agora. — Ela cruzou as mãos sobre o peito e seu olhar foi para a ereção dele. Ainda estava completamente vestido.

Estendeu a mão, ele segurou seu rosto e inclinou sua cabeça para trás.

— Eu nunca deixei de pensar em você.

Ela sorriu.

— Sabe, mesmo depois de algum tempo esperei que voltasse. Eu ia até a praia e esperava. Perguntava-me se seria o dia em que poderia aparecer. Ficava maior a cada mês que passava e então depois dei à luz. Levava meu filho, nosso filho, para a praia e nós ficávamos lá por horas. Eu fiz isso por cinco anos, até que ele foi para a escola em tempo integral. Nunca disse a ele o motivo pelo qual íamos à praia, apenas que era importante que nós estivéssemos lá.

Seu coração se partiu ao pensar na jovem mulher que foi. Quão doloroso foi para ela ir para o mesmo local todos os dias. Ele nem sequer queria imaginar.

— Então, sim, Killian. Apesar de tudo, basta ficarmos perto para que queira ir para a cama com você. Quero me sentir como aquela



adolescente novamente, apaixonada, mas agora eu sei o que é amor. Esses sentimentos nunca mudaram, não para mim. — Ela pegou sua camisa e a vestiu escondendo-se mais uma vez.

Quando ela colocou alguma distância entre eles, não a impediu.

— Gostaria de algo para beber?

— Você tem uísque? — Ela perguntou, surpreendendo-o.

— Tenho.

— Eu poderia realmente tomar uma bebida forte neste momento. Com tudo acontecendo, preciso de algo que queime.

— Uísque será então. — Ele se moveu em direção à mesa na sala de estar. Pegou dois copos grandes e os encheu, entregou um a ela. — Por favor, sente-se. Nós temos muito para discutir.

— Quer dizer sobre não fazermos sexo? — Ela perguntou, sentando-se de frente a ele. Tomou um gole e franziu a testa enquanto engolia. — Uau, isso é forte.

— Sim. É bom. — Ele bebeu o seu em um gole e serviu-se de mais um. — Não foi sempre sobre sexo com você. — Disse ele.

— Nós não precisamos falar sobre o passado.

— Precisamos. Eu preciso. Sei tudo sobre você porque não mentiu. Eu falei mentiras. Inventei tudo para me fazer parecer com o namorado perfeito. A verdade foi que no momento que a vi, desejei ser aquela pessoa.

— Killian, você não precisa dizer que...



— Sabe o que, eu não dou à mínima. É a verdade. Você sorriu para mim e foi tão amável, mesmo com um total estranho. Eu me apaixonei por você e queria ser perfeito. Então lhe disse tudo o que desejava que fosse verdade.

Ficaram em silêncio por alguns segundos. Seu olhar fixo nele até que finalmente ela desviou e bebeu mais do uísque.

— Então, o que era verdade? — Perguntou ela.

— A verdade era é que eu não tenho a menor ideia quem é meu pai. Ele pode ter sido um namorado, um cliente, um cafetão, qualquer um.

— Um cliente?

— Eu disse que minha mãe era uma prostituta. Vendia seu corpo todas as noites a uma série de homens. Alguns eram bons, a maioria ruim. Entregava seu corpo a eles, em seguida, um cafetão aparecia e levava quase tudo o que ganhava. — Mesmo repetir as palavras agora deixava seu estômago ruim. — Era apenas uma criança e do seu jeito ela me amava. Todas suas amigas me amavam. Elas cuidaram de mim, fizeram com que me sentisse amado. Nem sempre tinha comida, mas sabia que, mesmo em seu mundo onde as crianças realmente não eram bem-vindas, fizeram o seu melhor. — Era uma das razões pelas quais não tinha estômago para ferir mulheres, não antes, não agora.

Era uma das coisas que o fazia ser mais fraco que Boss, o líder do Killer of Kings.



— Você tentou descobrir sobre o seu pai?

— Não importa quem era June. Ninguém valia a pena. Qualquer um que deixou minha mãe naquela vida, sequer importava para mim.

Ela olhou para seu copo.

— Onde está sua mãe?

— Morta. Ela morreu devido a uma surra que recebeu de seu cafetão.

Seu olhar, mais uma vez voltou ao dele. Ele viu a pergunta em seus olhos.

— Se quiser fazer essa pergunta, precisará de mais uma dose. — Disse ele. Ela hesitou por uma fração de segundo antes de estender seu copo.

— Acho que preciso de mais uma dose. O que aconteceu depois que sua mãe morreu?

Ele despejou uma quantidade ainda mais generosa de uísque em seu copo.

— O cafetão bateu em minha mãe durante anos. Usando-a para se divertir. Humilhando-a para mostrar aos seus amigos. Eu já estava cheio dele há muito tempo, mas minha mãe me implorou para não causar muito problema. Tal como nosso filho, eu era um encenqueiro.

Ela sorriu.



— Eu sabia que puxou isso de alguém que não era eu. Realmente não deveria estar sorrindo, mas não posso evitar. Saber que ele tem atitude e não aceita merda de ninguém, me deixa feliz. Não passo muito tempo com ele, mas quero. Eu quero tanto.

— Eu sei que é o que ele quer também.

— Sabe? — Perguntou ela.

— Killian me disse. Por isso que o encontrei na praia. — Ele estava lá, recordando tempos passados.

Ela balançou a cabeça.

— Eu sou uma péssima mãe.

— Não, você não é. — Se havia uma coisa que aprendeu nas poucas horas que a encontrou, ela era tudo, menos uma mãe terrível.

— Eu não passo muito tempo com ele. Não posso me dar ao luxo de comprar tudo o que ele merece. Estou trabalhando muito. Sinto falta dele o tempo todo.

— É por isso que você não é uma mãe terrível. Trabalha o tempo todo para colocar um teto sobre suas cabeças, comida em seus estômagos e pagar as contas, certo? Isso não é ser uma péssima mãe. É ser alguém que se importa, que ama. Você não é uma pessoa terrível, June. Nem sequer por um segundo pense que é. Se alguém foi péssimo, foram seus pais por terem a expulsando. Não posso acreditar nessa merda. Eles deveriam sentir vergonha de si mesmos.

Ela olhou de volta para seu copo, em seguida, olhou para ele. Lágrimas estavam brilhando em seus olhos.



— Não posso acreditar que você está aqui.

— Eu não vou a lugar nenhum, June. Estou aqui para ficar. Quero conhecer Killian, nosso filho. Uau, não posso acreditar que tenho um filho. Ele gosta de filmes de espionagem?

— Sim, ele ama e seus sotaques. Está sempre tentando imitar. É bonito. — Ela tomou outro gole do copo.

— Eu não deixei de amá-la. É a verdade.

— Eu sei, Killian. Nunca deixei de amá-lo também. Apenas não posso agora. Nem sei se isso faz qualquer sentido. Eu quero, mas passaram-se apenas horas desde que voltou para minha vida. Você tem pessoas o seguindo e apenas preciso de mais tempo.

— Não estou com pressa. Quero provar a você que não estou aqui apenas para isso, ok? Eu quero tudo.

— Você é um assassino. Precisa me dizer a verdade, eu preciso saber tudo. Cada detalhe.

— Uma vez que eu disser, precisará se comprometer a ficar comigo.

— Por quê? — Ela perguntou.

— Porque tudo o que faço é controlado por um homem que leva a privacidade muito a sério e ele não pensa duas vezes em matar uma mulher ou uma criança para manter esses segredos. Preciso que você me diga que será minha independente do que contar.

Silêncio encontrou suas palavras e partia seu coração saber que ela hesitava, embora dissesse que o amava. Não era apenas por causa



de Boss, era por si mesmo. Ele não era nada sem ela e como dez anos atrás, sentia medo de que a verdade a afastasse. Queria encantá-la, mostrar que eles eram perfeitos um para o outro, não a assustar, porque não era um bom exemplo para seu filho, Killian Junior.

— Eu não vou a lugar nenhum. Ficarei com você, Killian. Eu prometo.



Várias horas depois

O uísque não fez nada para atenuar a dor, nem mesmo por alguns momentos. Killian era um assassino treinado, *um assassino, um assassino*. Ele foi treinado para matar o inimigo e para garantir que não houvesse nenhum vestígio. Todo esse tempo ela amou um universitário formado e ele não era nada daquilo. Abandonou a escola e lutou para chegar ao topo. Impressionou um homem louco conhecido como Boss e se tornou algo que ela não queria nem pensar. Dez anos atrás, não poderia ter lidado com isso.

Era uma luta ainda neste momento.

Ela e seu filho agora eram alvos de morte. Não podia proteger Killian Júnior disso, apenas o seu pai podia. Não gostava desse sentimento de desamparo. Ela deveria ser a única a proteger seu filho e ainda assim não podia. Killian disse a ela que era um excelente profissional.

— Sei que você não está feliz com tudo que descobriu.



Ela levantou a mão e fechou os olhos.

— Está tudo bem, Killian. Apenas preciso de alguns momentos para processar tudo. Você solta tudo isso para todas as mulheres?

— Não houve outra pessoa. — Disse ele.

June estava olhando para fora da janela, virou-se e o encarou.

— O que?

— Não há ninguém mais. Nunca houve. Eu tentei alguns meses depois que a deixei. Queria esquecer o que tínhamos, mas beijar outra mulher me fez sentir como se estivesse traindo-a. Há muitas coisas que poderia fazer, mas traí-la não era uma delas. Sempre foi você.

— Está dizendo que não dormiu com ninguém, nunca mais fez sexo de novo?

— Sim, isso é o que estou dizendo. Ninguém importava para mim e para ser honesto, elas ainda não importam. Você é a única pessoa que eu quero, June. — Ele segurou suas mãos e seus polegares acariciaram a pele. — E você?

— Eu estive em alguns encontros, Killian. Tenho um filho pequeno, então não queria saber de outra pessoa.

— Killian Júnior mencionou algo sobre um policial.

— Oh, ele. Ele pensou que poderia usar o mau comportamento de Killian como moeda de troca para namorar. Isso nunca aconteceu. Acho que tinha coisas inacabadas com um homem que foi embora.



Ele soltou uma de suas mãos e segurou sua bochecha. Ela ofegou com seu toque e fechou os olhos. Este homem era um frio assassino. Alguém em quem não podia confiar, mas a salvou. Ele a amava e sabia que não estava mentindo.

Olhando para trás, sempre que ele contava uma de suas mentiras, Killian não a olhava nos olhos. Ela sempre achou estranho, mas não importou no momento. Ele não conseguia olhar para ela e mentir. Não sabia se era o caso para todos ou apenas ela.

Seu queixo descansou em sua cabeça e ela colocou ambos os braços ao redor dele. Queria cair em seus braços, fazer amor e fingir que os últimos dez anos não aconteceram, mas não poderia fazê-lo, ainda não.

— Você precisa conhecer o seu filho. — Disse ela.

— Sim. Está seguro com Bain. Ele está esperando um filho. Apenas queria um tempo sozinho com você. Acredite em mim, nosso filho irá adorar ficar lá. Scarlett é o tipo maternal e não vai substituí-la, mas ele terá cookies, bolos e comida caseira adequada. Tudo ficará bem. Deixe-me ter alguns dias só com você. Por favor. — Ele deu um beijo em sua cabeça. — Primeiro eu acho que é hora de ir para a cama.

— Killian, eu...

— Você não está pronta e sei disso. Não vou forçá-la, baby. Posso esperar. Esperei dez anos. Posso esperar um pouco mais. — Ele se levantou, segurou a mão dela para levá-la para o quarto. Quando ela não se moveu, se virou. — O que está errado?



— Como você cuida... de suas necessidades, se não tem uma mulher?

Ele ergueu as mãos.

— É a única coisa que eu podia fazer. Acho que essa mão é a traidora. — Disse ele.

Ela não pode evitar rir.

— Vejo que seu senso de humor não mudou.

— A vida é muito curta para não rir. — Ele deu um beijo em seus lábios. — E muito curta para não fazer isso. Um dia você será toda minha novamente, June. Eu nunca a deixarei ir, nem mesmo por um segundo.

Ela acreditava nele. Ele deu-lhe tempo para tomar um banho, o que a deixou grata. Teve o cuidado de não molhar o braço. A última coisa que queria fazer era sentir dor. Teve sorte com o tiro e se tivesse se encolhido ou movido, havia uma chance de ir direto para seu coração.

Ao entrar no quarto depois do banho, se surpreendeu ao ver Killian em uma toalha, com o cabelo molhado do banho.

Franziu a testa, ela apontou para trás.

— Eu estava no banho. Você não estava lá.

— Eu tenho dois banheiros, gatinha. Não queria ter a chance de você fugir de mim. — Ele terminou de secar o cabelo e não pode deixar de admirar o seu impressionante peito musculoso. Suas



tatuagens celtas combinavam com ele, decorando seus duros braços tonificados.

Suas bochechas se aqueceram e ela se afastou dele, não querendo que a visse.

— Nada mudou, June. Você gostava de olhar para mim.

— E ainda gosto.

Killian puxou-a em seus braços.

— Amo você baby. Descobrirei como consertar isso e então passarei o resto da minha vida amando-a e criando nossos filhos.

— Filhos?

— Sim, teremos mais.

Ela riu.

— Você nem passou tanto tempo com o nosso filho.

— Eu não me importo. O amo, não importa o que. Farei o que for preciso para cuidar dele.

Isso era o que ela esperava. Era como se todos os seus desejos estivessem se tornando realidade. Não exatamente do jeito que queria. A última coisa que imaginou foi levar um tiro ou descobrir que o homem que amava era um assassino. Ainda assim, não se importava.

— Vamos, vamos dormir um pouco. — Disse ele, deitando-se na enorme cama. — Como sei que ainda não está pronta para ficar nua comigo, então deixei uma camisa para você na cadeira.



Ela se manteve de costas para ele, não porque não queria que isso acontecesse esta noite. Não havia nenhum ponto em negar que aconteceria. Sabia que não havia nenhuma maneira de negar por muito tempo. O corpo dela não permitiria isso. Agora, apenas precisava que tudo fizesse sentido. Além disso, nunca foi o tipo de mulher para pular na cama com um homem nas primeiras horas.

Killian levou uma semana. Uma semana passando cada momento um com o outro e mesmo assim ele estava fora do personagem para ela. Havia algo viciante sobre Killian.

Uma vez que vestiu a camisa, jogou a toalha no cesto de roupa suja e deitou-se na cama. Os lençóis pareciam como céu em comparação com o que ela podia pagar.

Não discutiu quando Killian puxou-a em seus braços e se aconchegou nela.

— Você cheira tão bem. — Disse ele.

— É shampoo de coco.

— Eu sei, mas você cheira ainda melhor. — Ele beijou seu ombro. — Eu te amo, June.

— Amo você também.

June pensou que não poderia dormir, mas dormiu. Ela afastou-se e dormiu como um bebê.

O aroma de café a acordou na manhã seguinte. Rolando, ela viu no relógio que era um pouco depois das oito. Levantou-se, saiu do



quarto e encontrou Killian de pé com uma xícara de café e um telefone celular.

— Ela está aqui garoto. Você quer falar com ela? — Segundos se passaram, em seguida, ele estendeu o telefone. — Nosso filho está no telefone.

Não houve tempo para pensar quando ela pegou o telefone e o café.

— Ei, querido. — Disse ela. Vivendo com Killian Júnior por dez anos, já a deixou acostumada a ser puxada em todas as direções. Seu filho tinha uma personalidade muito animada. E ter um pai poderia ser um benefício.

— Ei mãe, isso é tão incrível. Bain é incrível, mãe. Estou falando sério. Não sabia que você tinha amigos assim. Ele é totalmente mau e tem esse jogo de videogame que permite fotografar pessoas, Scarlett, sua esposa, ela fez os waffles surpreendentes com calda. É ótimo.

— Uau, querido, isso é fantástico. — Ela olhou para Killian que tinha os dois polegares para cima.

— Sim, totalmente impressionante. Estou jogando este jogo de tiro e Bain diz que sou natural. Eu sou como meu pai, não é legal?

— Sim, isso é maravilhoso, querido.

— Diga oi para meu pai por mim. Tenho que ir. Eu te amo, tchau. — Ele desligou e ela ficou olhando para o telefone.

— Nosso filho gosta de mim. — Disse Killian.

— Sim, eu sei.



Killian riu.

— Eu fiz bem.

— Tem certeza que Bain está bem?

— Bain é um cara bom. Eu ouvi a forma como Killian Júnior soava no telefone. Não tem nada para se preocupar. Agora, acho que é hora de termos uma pequena conversa.

— Nós conversamos ontem à noite.

— Sim, desta vez sobre o nosso futuro.





CAPÍTULO

SEIS

Killian estava nas nuvens. Ele nunca se sentiu tão animado. Depois de tantos anos, agora tinha June e seu filho, tudo estava indo bem.

Seu celular tocou e June passou para ele.

— Sim.

— O garoto desligou antes que eu pudesse falar com você. — Disse Bain.

— O que foi? — Era estranho ter conversas civilizadas com Bain. Apenas alguns meses atrás, eles estavam em conflito, prontos para matar um ao outro, porque ambos estavam irritados com o mundo. Killian ajudou a proteger Scarlett de Boss e agora Bain estava retornando o favor, cuidando de seu filho. Amigos eram sempre melhores que inimigos, especialmente desde que ambos trabalhavam para *Killer of Kings*.

— Scarlett descobriu mais detalhes. O chefe do *Dead Angels MC* que você matou era o pai de seu atual presidente. Ele descobriu que



estava de volta na cidade quando usou seu cartão de crédito em um hotel.

Ele saiu para a varanda para que June não ouvisse e ficasse irritada. Quando matava um alvo, sempre pagava em dinheiro. Mas toda a viagem de volta ao passado foi uma visita pessoal, então não pensou duas vezes sobre o uso de seu cartão de crédito em uma merda de um hotel. — Por que fazer de June e Killian alvos, então? Eles nunca deixaram a cidade.

— Acho que o presidente do clube não fez a conexão até que viu vocês juntos. Algo a mais que esteja escondendo?

Killian passou a mão pelo cabelo.

— Eu matei alguns de seus homens.

— É melhor você falar com Boss. — Disse Bain. — Há mais merda, mas não é o meu assunto.

June se juntou a ele na varanda, assim que ele desligou.

— Tudo bem? — Ela segurava seu café com as duas mãos. Parecia despreocupada e queria que nunca precisasse mudar.

— Eu tenho mais uma ligação para fazer. Por que você não se veste? Então podemos conversar. — Ele beijou sua testa, tentou o seu melhor para esconder sua preocupação. Uma vez que ela fechou a porta de vidro, ele ligou para Boss.

— Eu pensei que você me manteria informado. — Disse Killian.

— Estava tentando lidar com as coisas sem você. Disse que precisava de um tempo.



— Está preocupado comigo ou com você?

Boss riu.

— Você sabe que o quero de volta ao trabalho, mas queria deixá-lo sozinho por um tempo. Os problemas estão se acumulando muito rápido e preciso tratar disso.

— Que merda? Bain disse que tinha algo a ver com os *Dead Angels MC*. Então, apenas matei a porra do presidente deles de novo? Não é um problema.

— Fiz Shadow encontrar algumas informações. Eles têm os pais de June, Killian e não irão soltá-los até que você vá pessoalmente.

Porra.

— Os pais? Esses idiotas nem sequer dão a mínima para June. Eles a abandonaram quando estava grávida do meu filho, porra.

— Bom. Então que se fodam. Mas esse contrato de morte para June e Killian não desaparecerá por si só.

— Shadow ainda está na cidade? — Perguntou Killian.

— Sim. Ele estará de volta se você precisar de apoio. — Disse Boss. — Há algo que eu não entendo ainda.

— O que?

— Por que porra eles estão atrás de você? Por que tão pessoal?

Ele sabia que Boss estava questionando seus métodos. *Killer of Kings* exigia mortes limpas, sem testemunhas, sem pontas soltas. Killian arruinou isso a muito tempo, mas não estava pronto para



admitir isso. Assim que Bain mencionou que o presidente dos *Dead Angels* era o filho do homem que ele matou há dez anos, soube que o passado voltou para mordê-lo na bunda. Sua fraqueza poderia agora custar-lhe tudo.

— Acho que eles são apenas idiotas. — Disse Killian.

Houve um silêncio na linha e ele sabia Boss era mais esperto do que isso.

— Quero-os mortos. Cada um deles, porra. Sem mais erros. — Em seguida, a linha ficou muda.

Killian lembrava vagamente daquele trabalho há uma década. Os *Dead Angels MC* estavam lidando com um novo tipo de droga, supostamente mais viciante do que o crack. Era pior do que qualquer coisa nas ruas e os efeitos colaterais eram extremos. Os corpos estavam se acumulando e Boss queria acabar com todos os responsáveis pela droga. Boss poderia ter se envolvido, exigido uma parte do que poderia ter sido um empreendimento lucrativo, mas aparentemente, o velho bastardo tinha um coração.

O trabalho de Killian era obter informações do MC e depois matá-los para que a droga morresse junto com eles. Apenas ele não fez seu trabalho. Não pelos padrões do *Killer of Kings*.

Agora a família de June estava envolvida. Ele não deveria se preocupar porque acreditava que era o Karma duro do trabalho, mas sabia que partiria o coração de June se ela soubesse que seus pais foram mortos por causa dele.



Por que ele não podia ter uma pausa na vida, caralho?

Voltou para dentro do apartamento. June estava vestida novamente com sua roupa da noite anterior, seu cabelo escovado suavemente.

— Parece preocupado. Está tudo bem com Killian? — Ela perguntou.

Ele levou as duas mãos.

— Claro. Nosso filho está seguro, foi o que prometi.

Ela estreitou os olhos.

— Então, o que é?

— Nada. Está tudo bem, baby.

Ela puxou as mãos.

— Você está mentindo. Novamente!

— O que?

— Você não pode me olhar nos olhos quando mente. Eu não o entendo, Killian. Prometi não ir embora, mas ainda não confia em mim o suficiente para ser honesto.

— É complicado.

— Eu pareço frágil? Porque se você acha que não posso lidar com *complicado*, tem muito a aprender sobre mim.

Ele não sabia como lhe dizer a verdade sem machucá-la. Talvez uma mentira branda fosse suficiente. Voltaria para a cidade, aniquilaria todos os membros da porra dos *Dead Angels MC*, salvaria



seus pais e ainda estaria de volta para o jantar. Mas não podia contar mais mentiras. Seus pais acabariam dizendo sobre a situação e ela jogaria contra ele.

Prometeu mudar seus modos.

— Tenho que voltar para a cidade e limpar algumas coisas.

— Por quê? — Perguntou ela, com a voz mais alta.

— Eu criei um problema anos atrás e preciso lidar com isso. Acabar com tudo. — Disse ele.

June começou a andar na frente dele.

— Com quem você estava falando exatamente? Era seu chefe de novamente?

Ele assentiu.

— Você se esqueceu de todos os homens com armas, Killian? Esqueceu que fui baleada? Eu não vou perdê-lo! Apenas esqueça aquela cidade e todos nele. Vamos começar de novo, um lugar diferente, um novo começo.

June era adorável. Ela não tinha ideia de com quem estava falando. Killian era um dos melhores assassinos de Boss. Ele matava sem remorsos, desligava sua humanidade para fazer qualquer merda. E fazia bem seu trabalho. Pensando bem, nunca foi a um trabalho preocupado se ele sairia vivo ou não. Ninguém era imortal, mas Killian confiava em suas próprias habilidades, de armas e facas para o combate.



— Se eu não fizer isso, as coisas vão piorar June. Apenas deixe-me lidar com a situação.

— Você disse que queria falar sobre o nosso futuro, certo? Bem, como podemos ter um futuro, quando há tantos segredos entre nós?

Sentou-se no sofá, puxando-a para o seu colo.

— Eu te amo, June. Mais do que qualquer coisa. — Ele a abraçou com força, com medo de perdê-la. — Na minha linha de trabalho, a regra número um é nunca se apaixonar. Meu chefe sempre nos alertou sobre fraquezas. Amor e família é o calcanhar de Aquiles de um assassino.

— O que você está dizendo? Você não quer Killian e eu? Precisa nos deixar novamente?

— Porra, não. — Ele respondeu. — Estou dizendo que meus inimigos procuram fraquezas e quando eu a levei eles foram atrás da próxima melhor coisa.

Ela olhou para ele, esperando por mais.

Ele respirou fundo.

— Seus pais. Eles têm os seus pais, mas juro que o trarei de volta.

— Meus pais? Por que alguém iria sequestrar meus pais? Eu não falo com eles há anos. Afinal, o que isso quer dizer?

— Isso significa que você precisa confiar em mim e me deixar fazer o meu trabalho. — Disse ele.



As lágrimas encheram seus olhos.

— Eu não vou colocá-los acima de você, Killian! Chame a polícia. Diga-lhes o que aconteceu.

— Isto está além da polícia, gatinha.

— Bem, eu preciso de você. Killian eu preciso de você. Tem que haver uma maneira melhor de acabar com toda essa loucura.

Ele afastou seu cabelo caindo no rosto, em seguida, limpou as lágrimas com os dedos.

— Eu comecei isso, atirando nos homens do bar. Querem vingança e não vão desaparecer até eu terminar o trabalho.

— Você quer dizer matá-los?

Killian olhou para ela, hipnotizado por sua beleza natural. Mesmo sem maquiagem, ela era a coisa mais excitante no mundo. Seus lábios estavam inchados, seus olhos brilhando com lágrimas. Queria que ela fosse feliz. Queria sonhar com o futuro com ela, mas a dura realidade foi jogada na sua cara.

— Você disse que me aceitava, não importa o que. — Ele lembrou.

— E se machucar... ou morrer?

Ele sorriu e torceu o nariz.

— Prometo que voltarei.



June não podia acreditar que isso estava acontecendo com ela. Acabou de ter Killian de volta em sua vida, pronto para planejar um futuro com sua pequena família e agora podia perdê-lo para sempre.

Ele disse para ela ficar em seu apartamento até ele voltar. Não tinha certeza de onde sua casa estava localizada porque chegaram à noite. June explorou um pouco, tentou manter sua mente fora da situação. Um dia estava trabalhando todas as noites, uma mãe solteira lutando para sobreviver em sua vida simples. Agora era forçada a acreditar que havia assassinos lá fora, vivendo acima da lei. Ela viu Killian atirar naqueles idiotas no bar sem piscar. Ele prometeu a ela tudo o que sonhou, mas ainda não podia acreditar que felizes para sempre era possível.

Ela tomou um banho quente, apreciou a vista da varanda enquanto secava os cabelos. Enquanto as horas passavam, perdia a cabeça com preocupação. June olhou para o telefone sem fio na cozinha. Respirou fundo, em seguida, pegou-o e ligou para sua mãe. Era estranho ligar para o número agora, depois de todos esses anos. June quase desligou, mas não podia. Se alguma coisa acontecesse com seus pais, como se sentiria? Ela os tirou de sua vida, uma vez que a descartaram. Foi tão difícil começar do zero, grávida e sozinha



no mundo. Irritava ainda mais que seu filho não tivesse os avós amorosos que merecia. A única coisa boa de sua crueldade foi o fato



de que a fez forte. June sobreviveu e não precisou de um homem ou uma família para confiar.

Se tivesse que escolher, escolheria Killian, mas ele parecia convencido de que sempre vinha em último lugar.

— Olá?

June congelou. Ela apenas ligou por curiosidade, não esperava ouvir a voz de sua mãe.

— Mamãe?

— June? É você?

Ela imaginou sua mãe amarrada a uma cadeira, uma arma na cabeça. A conversa estava sendo gravada? Por que foi autorizada a atender ao telefone se foi sequestrada?

— Você está bem?

Sua mãe riu.

— Estou bem. Você saberia disso se ligasse.

June se tranquilizou. Sua mãe soava presunçosa e acusatória, não uma mulher forçada contra sua vontade. Lamentou ter ligado para sua casa de infância.

— Onde está papai?

— Ele está cortando a grama. Por quê?

— Ninguém esteve em sua casa? Alguém os tem incomodado?

— June, o que é tudo isso? Você está em apuros novamente? Devo esperar a visita de um de seus namorados?



Ela queria gritar e esmagar o telefone de Killian no chão. Foi como se os últimos dez anos nunca tivessem acontecido e sua mãe ainda era tão insuportável e de nariz empinado como no dia em que mandou June para rua por ser solteira e grávida.

— Esqueça. Ligar foi um erro. — Ela desligou o telefone e encostou-se à parede, descendo lentamente até o chão. June ficou lá por mais tempo, refletindo sobre cada palavra que sua mãe falou. Ela não queria se importar, mas ainda doía. A menina dentro dela ansiava por aceitação, amor e louvor. Mas era uma mulher agora, com um filho.

Ela respirou fundo e se levantou. Pelo menos não teria que se preocupar com Killian se machucando. Seus pais estavam bem. Ele não teria que ir com armas em punho como no bar. Poderiam colocar tudo no passado e começar novamente.

Depois pensou melhor. Se seus pais estavam bem, então alguém queria que Killian voltasse para cidade. Era uma emboscada.

June começou a entrar em pânico. Não havia ninguém para ela ligar, até porque não tinha nenhum número de Killian, seu chefe ou Bain. Precisava de alguém da polícia para fazer isso direito, para proteger Killian do perigo. Tanto quanto odiava a ideia, precisava ligar para Daniel. Ele era um policial em sua cidade natal. O idiota tentou enviar Killian para detenção juvenil para que pudesse sair com ela sem a complicação de uma criança. Mas tinha que colocar de lado seus sentimentos pessoais por causa do homem que amava.



Ela ligou para a delegacia de polícia local em sua cidade natal. Em seguida, perguntou por Daniel Fetcher. Ficou tensa enquanto esperava, odiando ter que descer a este nível.

— Daniel, eu preciso de sua ajuda. — Disse ela, sem saber por onde começar.

— June? Acalme-se. Diga-me o que está errado. — Disse ele.

Ela não queria que Killian ficasse em apuros. A última coisa que precisava era ser a única responsável por sua prisão. Como iria explicar essa bagunça para seu filho? Daniel era um canalha, mas era tudo o que tinha no momento.

— Eu fui baleada.

— O que? Onde você está?

— Eu estou bem, mas estou tenho medo que o atirador ainda esteja em nossa cidade. Acho que ele quer matar o pai de Killian.

Houve um silêncio na linha.

— Onde você está June?

Ela começou a chorar contra sua vontade. O estresse junto com seus medos era esmagador.

— Eu não sei!

— Espere, vou rastrear a ligação. — Houve uma longa pausa. — Que estranho. É indetectável. Isso não pode estar certo.

— Por favor, apenas me encontre. Eu não quero que ninguém se machuque.



— Olhe para fora das janelas e deixe-me saber o que você vê. Encontre algo com um endereço. Dê-me algo que possa usar. — Disse ele.

Ela não confiava nele e não queria arriscar que Killian fosse caçado pela polícia mais tarde. Em uma gaveta sob o bar ela encontrou uma arma e dinheiro. Reprimiu um suspiro, mas soube imediatamente o que precisava fazer.

— Encontre-me na prefeitura. Vou chamar um Uber.

Uma hora depois, ela viu seu carro de patrulha aparecer do outro lado da rua.

— June, entre. — Disse Daniel, depois abaixar a janela do passageiro. — Onde está seu filho?

— Com um amigo. — Ela disse enquanto se sentava e colocava o cinto de segurança. — É Killian que, está em apuros.

—Killian?

— O meu filho e seu pai têm o mesmo nome.

Ele franziu a testa, olhando para frente enquanto dirigia para estrada principal. Eles ficaram em um silêncio constrangedor durante a viagem. Isso provavelmente era um grande erro. Ela não gostou da maneira como usou seu filho para conseguir um encontro. Havia algo estranho com Daniel, mas agora não havia ninguém mais a quem recorrer.



Quando se aproximaram da costa, ela sentiu uma sensação de alívio sabendo que estava mais perto de Killian. Esperava não ter chegado tarde demais para acertar as coisas.

— Por onde devemos começar? — Ela perguntou.

— Nós não começaremos em qualquer lugar. — Disse ele. — Eu a deixarei em seu apartamento e então irei averiguar essa bagunça.

— Tem certeza que é um lugar seguro para mim?

Ele ignorou a pergunta quando parou na frente de seu prédio.

— Houve um tiroteio em um bar não muito longe daqui. Mulheres desapareceram. Pode estar relacionado. Cortar todos os laços com o seu ex é provavelmente, uma boa ideia. — Disse ele. — Você fez bem em me ligar.

— Pensei que você fosse me ajudar. — Disse ela, saindo com relutância. June não se sentia bem em ficar no seu apartamento. Daniel não perguntou sobre sua lesão e não parecia preocupado com ela ou Killian, mas apenas ganhá-la como um prêmio. Chegou à cidade e realmente esperava que Daniel fosse ajudar e certificar-se de que Killian estivesse seguro.

Que bagunça. Esse homem era um pesadelo e não havia nenhuma maneira dele estar interessado em deixar a cidade segura. Estava provavelmente junto com os bandidos e agora que pensava sobre isso, apenas estava piorando as coisas, mas não havia como voltar atrás, agora não.



Procurou em sua bolsa e tirou as chaves. Assim que abriu a porta de seu pequeno apartamento, notou um homem enorme sentado à sua mesa. Ele tinha uma arma em sua mão, mas não apontou para ela. Considerando o número de tatuagens que tinha, se perguntou se era um dos motociclistas do bar atrás de vingança. Talvez o mesmo homem que tentou matá-la?

— Feche a porta. — Disse ele.

Ela prendeu a respiração, nervosa demais para falar ou fazer quaisquer movimentos rápidos. June lentamente obedeceu, fechando a porta, mas sem tirar os olhos dele.

— Quem é você? — Ela sussurrou. Tantos pensamentos encheu sua cabeça. O que aconteceria com seu filho se ela morresse?

— Você não deveria estar aqui. — Ele se moveu para pegar seu telefone celular, descansando a arma sobre a mesa ao lado dele. — Problema. — Disse ele ao telefone.

Ela deveria esperar por ele? Levaria um minuto para pegar sua arma. Poderia sair do apartamento e começar a correr, gritar para atrair a atenção. No final, se acovardou, não estava pronta para assumir tal risco. Um ferimento a bala era suficiente para ela.

Ela não estava prestando atenção a sua conversa, presa em seus próprios pensamentos.

— Eu tenho um filho. — Disse ela, esperando apelar a qualquer humanidade dele.

— Eu sei.



Pelo menos Killian estava em um lugar seguro. Dava-lhe uma medida de conforto saber que era intocável. Quanto mais tempo ficava ali parada, mais perdia a esperança. Esse homem provavelmente planejava matá-la, então que porra ele estava esperando? Enquanto a frieza de sua situação se estabeleceu, sua bravura aumentou. O que ela tinha a perder?

— Se me machucar meu namorado não vai parar de caçar você até que esteja morto. — Disse ela. June deveria ser cem por cento contra o estilo de vida de Killian, mas se sentia bem em saber quão letal seu homem poderia ser. Se ao menos estivesse com ela agora, protegendo-a deste homem.

Ele assentiu. — Concordo.

Ela franziu a testa. O que estava acontecendo? Quanto tempo ele a deixaria ali antes de matá-la?

— Então seria inteligente você me deixar ir embora, certo?

— Preciso mantê-la aqui, então não, você não vai embora. — Ele pegou sua arma, olhou suas balas e colocou-a de volta no lugar.

— Quem me quer aqui? Eu não fiz nada de errado.

Quando a porta se abriu atrás dela, estava quase entrando em colapso. Seus nervos estavam desgastados, seu corpo e mente esgotada. Ela se virou e encontrou os olhos mais azuis que já viu.

— Killian! — Ela se jogou em seus braços, segurando-o perto. — Estava tão assustada.

Ele segurou seus ombros afastando-a.



— O que você está fazendo aqui? Disse para esperar por mim em casa.

— Meus pais não foram sequestrados. É uma armadilha.

— Sim, nós descobrimos isso. — Ele olhou para o homem na cadeira. — Como você chegou aqui, baby?

— Eu chamei um Uber com o dinheiro que encontrei em seu apartamento. Estava preocupada com você.

Ele segurou seu rosto em suas mãos grandes, olhando para ela.

— Deus, você é linda. — Então ele a beijou, forte e exigente. Ela derreteu contra seus lábios, saboreando o sentimento de amor e segurança. O mundo inteiro e seus problemas foram embora, deixando apenas os dois.

Killian colocou as mãos em seu cabelo, deixando beijos em seu pescoço. Ela fechou os olhos, inclinou a cabeça para lhe dar melhor acesso.

Quando o homem na cadeira limpou a garganta, eles se afastaram um do outro.

— Eu ainda estou sentado aqui. Você quer que eu vá embora?

Killian se afastou e virou-se para o outro homem.

— Boss me deu um endereço. Precisamos acabar com essa tempestade de merda antes que fique fora de controle.





CAPÍTULO

SETE

A última coisa que Killian queria fazer era deixar June. Ela parecia petrificada e ele estava irritado. Os *Dead Angels MC* mentiram para Shadow na esperança de ter Killian de volta à cidade. Quem criou tudo isso era esperto e inteligente o suficiente para enganar Shadow, um dos melhores. Os *Dead Angels MC* subestimavam Killian. Eles o levaram de volta à cidade, mas era intocável, sempre os mantendo sobre seu radar.

— Isso pode esperar Killian. Foi um longo dia e eu diria pelo quanto assustada ela está, que você precisa ir para casa e lidar com esta merda primeiro.

— Isso precisa ser resolvido.

— Concordo e não estou lutando contra, mas para você ser bom no que faz, precisa cuidar de suas distrações primeiro. — Shadow olhou para June. — Ela é sua maior distração e não quero lutar contra qualquer um com a cabeça totalmente fora do jogo. Não tenho a intenção de morrer.



Killian quis argumentar, mas sabia que não podia. Sua cabeça não estava em um bom lugar e não estaria enquanto estivesse preocupado com June.

— Você tem alguns dias. Não se preocupe com Boss. — Disse Shadow.

— Não estou preocupado com ele. — Ele esfregou as têmporas e não via uma maneira de contornar isso. — Ligarei em breve.

Pegou a mão de June, ele caminhou de volta para seu carro.

— O que está acontecendo, Killian? — Perguntou June.

— Preciso tirar o alvo de morte de você e do nosso filho. A única maneira de fazer isso é ir à fonte e matá-los.

— Matar?

— É a única coisa que posso fazer. — Dez anos atrás, ele matou o líder do MC, e permitiu que sua Senhora e seu filho vivessem. O que foi um erro, agora estava arrependido. — Não quero que se preocupe com isso agora — Ele pegou a mão dela e pressionou um beijo em seus dedos. — E também não quero que você peça ajuda para aquele policial novamente. Não precisa confiar em ninguém além de mim.

— Estava preocupada com você.

— Eu sei, baby. Mas posso cuidar de mim mesmo. Venho fazendo isso há anos e sei como me manter seguro, então preciso de você para fazer o que eu pedir e ser forte. — Ele parou na garagem subterrânea de seu apartamento e eles caminharam até o elevador.



Tinham privacidade agora e ele sabia que podia respirar facilmente com ela segura.

— Fiquei com medo, Killian. Você voltou para minha vida e não sei quando irá embora novamente. Eu ... eu não quero isso para nosso filho.

— Eu não vou a lugar nenhum. — Ele deu um beijo em seus lábios. Tão suave e doce. — Eu prometo.

— Suas promessas vêm muito rapidamente.

— Isso é porque quero dizer cada uma delas. — Ele acariciou sua bochecha e o arrependimento o encheu. — Não tem ideia do quanto tenho pensado nos últimos dez anos. Você nunca saiu do meu coração, June. Deus gostaria de poder tirar tudo e fazer melhor. Eu fodi sua vida.

— Vamos. Vamos para dentro e farei algo para comermos. Estou morrendo de fome. — Ela bateu na mão dele e ele acenou com a cabeça, seguindo-a.

Ela ainda usava as mesmas roupas do dia anterior, mas isso não mudava a sua beleza, era incrível, ele pensou. Olhou para ela por alguns segundos enquanto procurava em sua geladeira e simplesmente não pode ficar mais um segundo sem tocá-la. Movendo-se atrás dela, envolveu um braço ao seu redor enquanto pressionava um beijo em seu pescoço. June suspirou e se derreteu contra ele.

— Não quero perdê-lo novamente. Sei que prometeu e eu provavelmente deveria mandá-lo embora, mas não posso passar por



isso novamente. E não irei. — Ela girou em seus braços e suas mãos agarraram a camisa. Ele viu o medo nos olhos dela e odiava tê-lo colocado ali.

— Nós não voltaremos a isso. Não a deixarei. Tudo o que tenho que fazer é tornar o mundo seguro para você e para o nosso filho, assim podermos seguir em frente.

— Faz parecer tão simples. — Ela olhou para seu peito, onde suas mãos estavam.

— É simples. No meu mundo, não há nenhuma maneira mais de olhar para ele. E lutarei por você, por nós.

Seu olhar voltou para ele e foi imediatamente para seus lábios. Ela lambeu os seus e seu pau endureceu. Ele moveu a mão para seu cabelo, segurou a cabeça.

— Preciso ter um gosto de você, June. Eu não posso... Preciso de você. — Ele a beijou e ela não lutou contra.

Beijou-o de volta com uma paixão que o surpreendeu, mas questionaria. Movendo a língua em sua boca aberta, apertou-a, empurrando-a contra a geladeira agora fechada. Seus dedos se agarraram a seus ombros e ele segurou suas mãos, pressionando-os acima de sua cabeça com uma das suas. Passou a mão livre por seu corpo, tocou seu seio, sentindo o mamilo duro contra a palma da mão. Isso era melhor do que qualquer de suas fantasias. Ela era perfeita e tão gostosa em seus braços.



Terminando o beijo, ele chupou seu pescoço, amou o som de seus suspiros.

— Por favor, Killian, eu quero você.

Isso o fez se afastar e olhar em seus olhos.

— Você me quer?

— Sim. Eu quero você. Por favor, não me faça esperar mais.

— Mas você queria esperar.

— Não mais.

Ele não estava disposto a questionar por que ela mudou de ideia. Não havia tempo para levá-la para cama. Abrindo sua calça jeans, ele a desceu até seus tornozelos em poucos segundos enquanto abria o cinto e o zíper. Sua calcinha foi embora com um puxão e se sentiu mais animal que homem neste momento. Soltando as mãos, levantou-a, colocando a ponta de seu pau em sua entrada. Ele olhou nos olhos dela, perdendo-se em seu corpo, empurrando cada centímetro de seu pau dentro dela.

— Oh Deus. Sim!

Ela gritou, jogou a cabeça para trás enquanto ele entrava ao máximo dentro dela. Nenhum deles se moveu por um segundo enquanto se deliciava com a sensação de sua boceta apertando seu pau. Fazia tanto tempo que ele sentiu esse tipo de prazer. Não houve outra mulher em sua vida. June era única e seria assim para sempre.

Finalmente, segundos, minutos e o que pareceram horas se passaram, ela olhou para ele, com os olhos cheios de desejo.



— Você é incrível, baby. — Disse ele.

— Você também. — Ela lambeu os lábios secos, o que fez seu pau pulsar como uma nova onda de excitação. Ela gemeu. — Ainda parece perfeito.

Ele sabia o que ela queria dizer, porque se sentia exatamente da mesma forma. Agarrando sua bunda, ele a manteve imóvel, descansando a cabeça contra seu peito. Não havia necessidade deles se apressarem. Tinham esses momentos preciosos. Sabia que a realidade logo apareceria e tinha um limite de tempo. Havia alguém lá fora, determinado a levá-la embora, mas não deixaria que isso acontecesse, de jeito nenhum, porra. June era sua mulher e iria protegê-la. Dez anos atrás, permitiu que outra mulher e o filho dela vivessem. Agora, essas mesmas pessoas, com quem foi misericordioso queriam matar sua mulher e filho. Ele não deixaria isso acontecer, não agora, nem nunca.

Saindo de seu calor apertado, ele olhou em seus olhos quando começou a se mover contra ela lentamente. Isso não era o que imaginou para sua primeira vez, mas não conseguia segurar. Batendo seu pau dentro dela, encheu sua boceta doce e gemeu com cada impulso duro. A geladeira com as garrafas lá dentro balançava. Ela estava tão molhada, tão lisa, era como o céu. Suas curvas redondas o excitavam ainda mais, dando-lhe algo para segurar.

Ele queria ver seus seios, queria se afogar neles. Rasgando sua camisa, puxou os seios para fora e gemeu quando começaram a saltar



com cada impulso de seu pau. Killian amava seus seios. Ela amadureceu a perfeição ao longo dos anos.

— Você é linda, June, tão bonita.

— Eu sou diferente do que você se lembra.

— Para mim você está mais perfeita do que nunca. — Ele queria sentir o gosto dela. Porra, ele queria tudo, assim saiu de sua boceta e ficou de joelhos diante dela, tinha a intenção de ter tudo.

Levantou a perna por cima do ombro, brincou com seu clitóris, movendo os dedos através de sua fenda e deixando-a mais molhada. Ela gemeu seu nome, mas ele não ouviu. Substituiu seus dedos com a língua, provocando-a enquanto mergulhava dois dedos dentro de sua boceta.

— Eu sonhei com esta bonita e pequena boceta. Agora é toda minha.

Ele chupou seu clitóris, o gosto em sua língua, ela era divina. Queria provar cada centímetro, gozar dentro dela, enchê-la, marcá-la. Porra, ele queria que ela tivesse mais um filho com ele, cercá-la com seu amor, compensando o que deixou de fazer nos últimos dez anos. Iria compensar todas suas falhas e mostrar-lhe que não havia mais ninguém, apenas ele. Era o amor de sua vida e não desistiria sem lutar.

— Oh, isso é tão bom, Killian. — Disse ela.

June empurrou sua boceta em seu rosto e ele a saboreou, provocando-a, sendo selvagem. Era o único que faria isso. Não



haveria mais ninguém, nem a porra do policial. Killian não gostava do ciúme que tomava conta dele, mas poderia lidar com o policial depois, era o que pretendia.

Olhando para seu corpo, viu como ela se entregava a ele. Todo seu controle foi perdido no prazer de sua língua e ele a saboreou até vê-la desmoronar, sabendo que era o único a fazê-lo. Ela pertencia a ele em todos os sentidos que importava.

— Goze para mim. — Disse ele. — Vamos, goze no meu rosto, June. Deixe-me beber. Eu quero tudo.

Ela ofegou e foi como se o seu comando a incitasse.

Seu orgasmo foi forte, duro e a manteve no limite, prolongando o prazer dela enquanto gritava seu nome, uma e outra vez. Não acabou. Killian segurou-se enquanto lambia sua boceta. Apenas quando sabia que ela não podia ter mais nada, puxou-a em direção ao chão. Abrindo suas pernas, ele segurou seu pau e encheu-a, sentindo seu calor. Estava tão molhada que precisou apertar os dentes para se controlar. Não queria gozar como um maldito adolescente.

Ele era um homem experiente, mas o tempo que ficaram separados tornou quase impossível que se controlasse.

Mais algumas estocadas de seus quadris, ele a encheu, seu esperma jorrando profundamente dentro de sua boceta. Não usou um preservativo e esperava que ela lhe desse outro filho.

Killian queria encontrar uma forma de mantê-la perto a todos os momentos.





June olhou para os lençóis brancos debaixo dela. Ela deveria ter dito *não* para Killian, mas a verdade era que não queria lutar contra seu ato de amor ou com ele. Durante dez anos ficou sozinha, sem ninguém para conversar. Seu próprio anseio por ele afastou qualquer namorado em potencial. Até mesmo usou seu filho como um meio para fazer as pessoas deixá-la em paz.

Killian acariciou suas costas e ela fechou os olhos, aquecendo-se com sua atenção. Depois de deixar a cozinha, eles foram para cama, o que lhe deu tempo e uma chance de olhar para seu corpo. No começo quis se cobrir, mas agora, queria que ele visse a cada nova curva e até mesmo as estrias que tinha de levar seu filho.

— Aqui é o lugar onde você sempre deveria estar. — Disse ele. — Na minha cama.

Ela olhou por cima do ombro e viu como seus dentes se afundavam na bunda dela, fazendo-a rir. Este era um lado brincalhão que ela não viu antes, pelo menos por um longo tempo.

A ameaça ainda estava lá fora e ela não viu seu filho em mais de um dia. Sentia falta dele.

— O que acontece amanhã? — Perguntou ela.

Killian fez uma pausa e ela viu que sua pergunta o pegou de surpresa.

— Sei que não quer falar sobre isso, mas é importante.



— Eu sei que é importante. — Ele suspirou. — Apenas gostaria que tivéssemos um pouco mais de tempo.

— Nós temos. Temos esta noite. — June pegou sua mão e pressionou um beijo. — Você sempre me terá, mas não pode me manter no escuro. Sabe que nunca fui boa nisso. Não posso ficar aqui.

— Vou levá-la para Bain. Vai adorar Scarlett e claro, estará segura lá.

— Aonde você vai?

— Preciso lidar com esse alvo, June. Eu sei que você está preocupada comigo, mas isso precisa acontecer.

Killian foi até a cabeceira da cama e puxou o braço dela. June se submeteu a ele e a posicionou sobre seu corpo. Seu pau estava mais uma vez duro. Dentro da boceta dela. Fechou os olhos, amando o prazer de estar cheia.

— Eu nunca vou cansar de sentir isso.

— Sentir o que? — Ela perguntou.

— Sua boceta apertando meu pau. É muito melhor do que a minha mão.

Isso a fez sorrir. Pressionou as mãos contra seu peito, ela moveu os quadris, levando-o ainda mais fundo, em seguida, subindo apenas para descer novamente, fazendo ambos gemerem.

— Eu amo você dentro de mim.



Killian segurou seus quadris, mantendo-a no lugar e se sentou.

— Eu ficarei bem amanhã. Não precisa preocupar comigo.

— E quanto aquele homem? Ele não parecia muito agradável, Killian.

— Os homens do *Killer of Kings* não são pagos para ser agradáveis, June. Eles são pagos para fazer um trabalho e isso é exatamente o que farei. Um trabalho. Como agora. — Ele a puxou para um beijo e ela o devolveu, tocando seu rosto.

Ela fechou os olhos momentaneamente, apreciando a sensação de seu pau pulsando dentro dela. Envolveu suas pernas ao redor de sua cintura, sentiu seus braços musculosos segurá-la. Olhou para ele, perdendo-se mais uma vez, como tantas outras. Seus olhos azuis eram uma mistura de escuridão e vulnerabilidade. Ele estava danificado, mas ela também. Precisavam um do outro.

— Eu te amo. — Disse ela.

— Sempre foi a única para mim, gatinha. Sempre. — Ele segurou-a firmemente e ela apertou seu pau, precisando dele mais do que qualquer coisa.

Eles lidariam com tudo isso, mas por agora, ela apenas queria ser amada por ele, lembrar-se de tudo o que era bom e ficar na cama.

Todo o restante poderia esperar até o da seguinte.

Killian a levantou e saiu de dentro dela. Não pode acreditar no quão rápido ele mudou de posição na cama, colocando-a na posição



que a queria. Ficou de joelhos e seu membro mais uma vez entrou nela, fazendo-a gemer, fazendo-a ficar dolorida por ele.

— Você é toda minha, baby. — Ele beijou seu pescoço, chupando a carne com força suficiente que ela soubesse, sem dúvida, que deixaria uma marca. June queria.

Empurrou para trás contra ele, tomou seu pau grande, levando-o profundamente dentro dela.

— Sim, sim. — Ela gritou por mais.

Ele segurou seus quadris, fodendo-a com força. Ele deixaria hematomas ali também. Killian a possuiu e ela adorou cada segundo.

Quando ele gozou pela segunda vez, ela se juntou, encontrando uma sensação de paz. Uma onda de satisfação inundou seu corpo.

Saindo do auge de seu orgasmo, se aconchegou contra ele, acariciando seu peito.

O cheiro de sexo era inebriante no ar.

— Ligará quando o trabalho acabar?

— Você saberá de tudo. Eu não esconderei nada. — Ele beijou o topo de sua cabeça. Ela estava prestes a dizer alguma coisa quando seu celular tocou.

Killian ficou tenso, então ela soube que era importante.

Mordendo o lábio, viu quando ele saiu da cama, sua bunda dura e ombros volumosos eram uma bela vista. Seu corpo estava coberto de tatuagens celtas que ela queria traçar com a língua. Ele começou a



falar, ficando tenso com algumas palavras, balançando a cabeça e depois olhando firme.

— Sim, tudo bem, tudo bem. — No minuto seguinte Killian desligou e foi para cama.

— A realidade chegou. — Disse ela.

— Sim.

Ela respirou fundo.

— É melhor me vestir.

— Espere. — Ele foi para o seu guarda-roupa e voltou com uma calça e uma camisa. — Scarlett terá algo para você usar e buscarei suas coisas depois, mas até então, por favor, use essas. Suas roupas não estão boas para vestir.

Ela pegou as roupas dele e apertou os dentes. Não havia mais nada que pudesse fazer. Pelo menos veria seu filho.

— Lidarei com isso, June.

— Eu sei e acredito em você. — Ela olhou para ele e sorriu. — Acredito em você. É muito difícil, sabe. Estou acostumada a confiar somente em mim mesma. Preciso me acostumar com todas as mudanças e irei.

June saiu da cama e rapidamente vestiu as roupas. Passou os dedos pelos cabelos e estava pronta para sair.

— Estou pronta para ir. — Disse ela.



Killian estava todo vestido de preto e carregava uma grande mochila preta. Decidiu não perguntar o que tinha ali dentro, mas parecia pesado e volumoso. Tinha a sensação de que realmente não gostaria de saber.

Eles não conversaram durante a viagem para casa de seu amigo, pelo menos esperava que fosse a casa do amigo dele. Tudo parecia tão surreal. Ele tinha uma mochila com armas, sabia disso. Menos de uma semana atrás, se preocupava com seu próximo trabalho ou como pagaria o novo uniforme escolar de Killian. Tudo isso pareciam preocupações no passado.

Não demorou muito antes de eles saírem do carro e um grande homem coberto de tatuagens abriu a porta. Bain.

— Boss ligou e disse que deveria esperar por você. — Disse Bain.
— Olá, June. — Ele estendeu a mão.

Ela hesitou em pegar, com medo de que ele fosse esmagá-la, mas depois se sentiu como uma boba. Seu aperto de mão era firme, mas não doeu. Forçando um sorriso nos lábios, olhou entre Bain e Killian vendo que eles precisavam de um minuto.

— Posso ver meu filho? — Ela perguntou.

— Sim. Scarlett está a sua espera.

Entrando em sua casa, ela deixou Bain e Killian conversando.



— Seu filho tem sido incrível. Ele é realmente bom no videogame que Bain gosta de jogar. Ele passou a noite toda jogando o que me deixou com medo.

Scarlett era uma mulher bastante agradável, mas agora June realmente precisava ver seu filho. A outra mulher abriu uma porta, e entrou e fez uma pausa. Havia uma pequena lâmpada e Killian estava na cama com um livro sobre seu peito. Ele parecia completamente fora de si e no sono, tão feliz.

Um nó se formou em sua garganta. Este foi o tempo mais longo que ficou sem vê-lo e a emoção estava ameaçando sufocá-la.

— Estarei na cozinha. — Disse Scarlett. — Ele tem se comportado bem June. É um bom garoto.

— Eu sei. — Havia uma cadeira no quarto e ela sentou-se, não se importando se Scarlett estava olhando para ela ou não. Este era seu menino. Ele tinha mudado tanto sua vida. Então, muitas pessoas acreditavam que a arruinou. Os poucos amigos que tinha na faculdade falaram para se livrar dele, que destruiria sua carreira e todas as suas chances futuras. Lágrimas encheram seus olhos apenas ao pensar sobre algumas de suas palavras. Mesmo Daniel disse que Killian era um parasita e que era sua escolha fazer o que quisesse.

Quando ela sentiu sua barriga começar a crescer e a vida dentro dela fazer o mesmo, ficou maravilhada com o seu próprio corpo, por



ser capaz de criar vida. Era uma coisa bonita e claro, uma forma de manter o amor de Killian apenas para ela.

Mesmo depois de dez anos, seu amor por ele era tão forte como nunca. Killian estava indo para lutar por eles e precisa se manter bem. Mesmo quando sentia medo por sua segurança, precisava acreditar que ele sabia o que estava fazendo.

Levantando-se da cadeira, ela calmamente caminhou em direção à cama, agachando-se para acariciar o cabelo de seu filho.

— Ele voltará para nós, Killian e quando o fizer tudo será diferente. Nunca o deixarei novo, eu prometo a você.





CAPÍTULO

OITO

Killian voltou para a cidade de June com a música desligada, sua mente estava focada. Ele não podia cometer erros. Esses bastardos dos *Dead Angels MC* sabiam que estavam sendo observados. Conseguiram enganar Shadow para dar informações falsas para Boss, na esperança de ter Killian de volta na cidade. Riu para si mesmo. Esses idiotas iriam se arrepender por isso. Ele não trabalhou por todos esses anos para ser um amador. Apenas poderia ser encontrado se quisesse.

Agora apareceria em sua porta e mostraria o erro que cometeram ao ameaçar sua família, porra. Não havia como isto ser feito profissionalmente. Algo não batia sobre toda esta confusão. Não sabia exatamente o que era, mas chegaria ao fundo da questão.

Embora Killian mostrasse piedade para mulheres e crianças, não era um bom homem. Havia um lado dele tão escuro que sempre mantinha trancado, não ansioso para explorá-lo. Quando matou o cafetão de sua mãe, esta escuridão o ajudou, o motivou.



Tudo o que Boss tinha que fazer era dar-lhe instruções e Killian fazia o trabalho. Por isso que ele subiu nas fileiras do *Killer of Kings* ao longo dos anos. Não cometia os mesmos erros do passado. Não havia espaço para a compaixão no jogo da morte.

Esta noite não era apenas sobre o dinheiro. Era pessoal.

Ele ligou para Shadow quando se aproximou da cidade.

— Estarei lá em uma hora.

— Tenho uma casa segura. Enviarei uma mensagem com o endereço. — Disse Shadow.

— Não vamos foder isso.

Houve um silêncio na linha.

— Você ainda está me culpando pela má informação? Os *Dead Angels* sabiam que eu estava os vigiando. Não pense que eles fossem capazes de fazer algo parecido. Seu Presidente sabe o que está fazendo.

— Eu vi como são seus membros. Matei alguns desses idiotas em um bar da cidade, eram velhos e bêbados.

— Não faz sentido. — Disse Shadow.

— Bem, precisamos terminar tudo esta noite. E acabar com eles.

— Há muitos deles. Porra. A cidade inteira foi invadida pelos *Dead Angels*. — Disse Shadow. — Eles têm propriedades nos arredores da cidade também.

Killian riu.



— Se assustou garotão?

— Vá se foder. — A ligação terminou.

Quando ele chegou à cidade o sol se pôs, as luzes da rua criavam cones de luz ao longo da faixa principal. Verificou a mensagem que Shadow enviou e dirigiu para a pequena casa perto do mar. Não havia luzes acesas.

Killian ficou no seu carro por alguns minutos. Com apenas a lua lançando um brilho sobre o oceano, parecia faixas de veludo. O som das ondas suaves na costa teve um efeito calmante. Ele se lembrou de June.

Bateu na porta, mas ela se abriu, logo que ele tocou. As dobradiças rangeram, um grito prolongado revelando uma sala escura. Apenas algumas frestas na madeira deixava a luz da lua entrar. Killian colocou a mão no coldre e pegou sua arma.

— Quem está com medo agora?

Shadow acendeu as luzes expondo mesas cobertas de armas de fogo. Era uma bela exibição, calor suficiente para derrubar o inimigo e mais alguns.

— Realmente deve manter essa porta trancada. — Disse Killian, caminhando enquanto observava todas as armas.

— Está brincando? — Shadow assentiu para a esquerda. Havia uma mesa configurada com um sistema de vigilância. Eles saberiam se alguém entrasse na propriedade antes de sequer pensar nisso.



— Acho que essa instalação de vigilância vale a pena comparada ao pedaço de merda desse barraco.

— Tenho certeza que vale. De qualquer forma, ideia de Boss, por isso não fiquei preocupado. — Havia alguns mapas com placas na parede de madeira. Com o número de marcadores coloridos, Shadow estava certo, havia um maldito exército dos *Dead Angels* e apenas dois deles.

Killian estudou o mapa, tentando traçar o curso de ação.

— Onde o Presidente mora?

Shadow pressionou um dedo a um dos locais mais fortificados. Killian deveria ter matado aquele bastardo há uma década. O Presidente era apenas um adolescente na época, magro e aterrorizado. Quando Killian puxou o gatilho para cumprir seu contrato, matou o pai da criança. Mas apesar do *Killer of Kings* exigir, ele não pode matar as pontas soltas, deixando a mãe e a criança vivos.

Sua fraqueza na época fodeu com sua vida e o tempo por misericórdia acabou. Ele planejava corrigir o erro que cometeu no passado.

Shadow carregou arma após arma, verificando os tambores.

— O Presidente precisa morrer, por que ele está vivo?

— O que você quer dizer?

— Da última vez que estive aqui, você matou o pai dele, por que não ele? — Perguntou Shadow, continuando com as armas.



— O alvo era para o pai, não a criança.

Desta vez Shadow se virou para ele, sentando na beira da mesa.

— Palavras de merda, Killian. O novo Presidente quer vingança pelo assassinato de seu pai. O que ele testemunhou. Boss sabe disso?

Killian fechou a cara, sentindo a dor enquanto se concentrava em suas próximas palavras.

— Olha, não estava pronto para matar uma mãe e seu filho pelos pecados do pai. Eu não sou a porra de um monstro.

Houve um silêncio constrangedor. Killian sabia que Boss iria até ele, mas não falou nada diretamente. Por quê?

— Eu sei sobre sua mãe. — Disse Shadow. — Merda, os caras sempre falam sobre o massacre que deixou para trás na Irlanda.

— Isso não é da conta de ninguém.

— Apenas estou dizendo, não há nada de errado em ter piedade. Você tem um fraco por mulheres e crianças e daí?

Ele balançou sua cabeça.

— Não há espaço para a pena em nosso mundo. Eu sabia disso e agora preciso corrigi-lo.

— Quer começar pelo clube? — Perguntou Shadow.

— Ainda não. Estes idiotas podem estar nos esperando. Eles estarão esperando por mim, sem dúvida. — Disse Killian. — Leve o máximo que puder carregar.



Foram até o final da faixa principal, estacionaram e começaram a andar. Música ecoava para fora de alguns bares. Havia um pequeno grupo de prostitutas à frente.

— Ei, bonitão. — Disse uma delas, alcançando Killian.

— Não estou interessado, querida.

— Que tal o seu amigo? — Ela perguntou.

O rosto de Shadow permaneceu vago e ele continuou andando ignorando as mulheres. Pensando bem, desde que Killian conheceu Shadow ele nunca esteve em um relacionamento. Seu nome era adequado. Ele era uma sombra, um fantasma, que aparecia quando Boss precisava dele em um local. Em seguida, sumia.

Quando eles quase chegaram a um dos bares mais desordenados da rua, Shadow esticou o braço para o lado, parando Killian.

— O que foi?

— Garanto que há *Dead Angels* lá. Eles estarão na espreita, então devemos eliminá-los antes de visitar o Presidente.

Killian assentiu.

— Certo.

Shadow esperou lá fora enquanto Killian passava pela porta da frente. Eles estariam esperando por ele. O bar estava mais cheio do que ele esperava, motociclistas e prostitutas tomando bebidas baratas. Seria fácil reconhecer os homens que precisava matar.



Assim que entrou pela porta da frente, toda a atenção se desviou para ele. Killian esperava que a música e as risadas mascarassem sua aparência, mas não teve essa sorte nesta cidade caipira. Considerando que matou alguns de seus membros, eles queriam vingança.

Alguns homens mais velhos se aproximaram dele, suas barbas grisalhas dando uma aparência áspera. Eles lembravam os idiotas que mexeram com June.

— Você tem muita coragem de aparecer aqui novamente. — Disse o mais alto dos dois. Ambos eram *Dead Angels*, de modo que precisavam morrer.

— Apenas vim para uma bebida.

— Besteira. — O homem começou a circulá-lo, mas Killian se recusou a mover, todos os olhos no bar estavam fixos nele, nenhum deles acolhedores. Felizmente, estava acostumado a lidar com este tipo de atenção. Sua infância foi cheia delas.

— O que aconteceu com seu rosto? — Disse o outro homem. — Alguém ensinou uma lição?

Killian lambeu os lábios fodidos. Ninguém nunca mencionou sua deformidade e tentava esquecê-la, até que se olhava no espelho.

Em vez de ficar com raiva, porque estava muito além de sentir pena de si mesmo, encolheu os ombros.



— Na verdade sim. O homem que fez isso comigo tentou me ensinar a tomar conta da minha própria vida, mas mostrei a ele do que sou capaz quando massacrei o bastardo.

Ele tinha apenas quatorze anos. Um dos clientes de sua mãe a chutou, machucando-a muito. Killian puxou sua mãe e o homem lançou a faca de caça que mantinha em seu cinto nos lábios de Killian. O homem exigiu um pedido de desculpas por ser perturbado. Quando Killian ficou calado graças ao seu orgulho irlandês teimoso, o cliente cortou seus lábios.

Em vez de correr ou chorar, a escuridão aumentou, a semente germinando nos quatorze anos de merda que era suposto ser sua infância. Killian segurou a faca do idiota e acertou seu intestino, usando as duas mãos para fatiar seu estômago, estripando-o. Quando sua mãe olhou para ele da cama, com horror em seus olhos, ele sentiu uma mistura incapacitante de ódio e amor pela mulher.

— Gostaria de ver você tentar isso em mim. — Disse o velho.

— Não precisa. — Disse Killian. — Veja, eu não sou louco por sujar minhas mãos. — Ele abriu ambos os lados de sua jaqueta, expondo o coldre que Boss fez para ele. Colocou três pistolas de cada lado, vários bolsos com cliques extras.

— Puta merda!

Os murmúrios começaram o choque viajando através da multidão como uma onda. Algumas pessoas se afastaram, outras correram ou se esconderam atrás de mesas, outros preparados para lutar. Ele observou vários homens perto de sua idade sentados no



bar, de frente para eles. Não pareciam intimidados ou ansiosos para lutar, nem mesmo soltaram seus copos. Agora, Killian precisava lidar com as ameaças imediatas.

Colocou as mãos no coldre oposto perto de sua cintura, puxando duas armas. Desde o momento que entrou no bar, fez uma varredura visual, observando à multidão, as ameaças, as saídas e começou a planejar a sua primeira jogada. Daria aos moradores a chance de correr, mas quem ficasse ao redor seria um jogo justo.

— Eu queria ficar bem aqui em paz, mas desde que você decidiu ir pelo lado pessoal, preciso cuidar dos negócios. — Ele apontou para o homem mais alto e disparou uma rodada. O homem gritou e caiu no chão. — Ninguém mexe com a minha família.

A onda de energia volátil no bar foi como combustível para ele. Respirou fundo enquanto a adrenalina percorria suas veias. A escuridão que guardava a sete chaves lutava para ser libertada.

Antes que o segundo homem mais velho pudesse puxar o gatilho, Killian atirou entre seus olhos, depois continuou matando cada homem que tomava uma postura agressiva.

O movimento de ida e volta de fogo cruzado era ensurdecedor, a música ecoava em um impasse. Mesas foram derrubadas, as mulheres gritavam e vidro se quebrava. Quando parou para um descanso, o chão estava coberto de corpos. Alguns novos recrutas vieram correndo por trás, parando quando testemunharam a carnificina. Killian acabou. Ele afastou-se quando Shadow entrou.



— Você deveria levá-los para fora. — Disse Shadow. — Não destruir tudo.

— Foi melhor assim.

Uma nova exaltação fez com que sacassem suas armas, um tiro rápido, a bala passou zunindo pela cabeça de Killian. Shadow chegou ao seu lado com um rifle automático. Ele posicionou-o na curva de seu ombro e fez chover chumbo quente, os homens caindo como marionetes.

— Você acha que ainda terá o elemento surpresa? — Perguntou Shadow desviando dos corpos pelo chão, indo em direção ao bar. Ele pegou um copo limpo debaixo do balcão e serviu-se de uísque. Todo o bar estava destruído, a maioria das garrafas atrás do bar em vários estados de destruição, chovendo âmbar. — Isto aqui é bom. — Ele colocou o copo de volta e passou a mão pelo cabelo.

— Havia quatro homens suspeitos sentados no bar. Eu não dei uma boa olhada, mas eles se foram. — Disse Killian.

— Eles provavelmente estão na contagem de corpos. — Shadow olhou em volta. — A equipe de limpeza vai adorar isso.

— Não, eles não estão aqui. Pareciam com problemas.

— Eram dos *Dead Angels*?

Killian não podia ver longe o suficiente para saber suas cores, mas com certeza não agiam como os motociclistas da velha escola que caíram como moscas. Era uma ameaça nível maior, então talvez



houvesse mais dos *Dead Angels MC* do que ele esperava. Killian se perguntou se eles estavam lá fora para avisar o Presidente.

— Não sei.

— Se foram, são umas bichas por deixarem os seus membros para trás para o abate. — Disse Shadow.

— Tanto faz. Vamos chegar ao nosso destino.

Eles recarregaram e foram para a casa do Presidente. Seria altamente fortificada, sem dúvida. Killian estava esperando algo fora de um parque de trailer, não a mansão moderna do outro lado da rua. Eles estacionaram fora da estrada e percorreram o restante a pé. Tudo isso era surreal, levando Killian de volta no tempo. Ainda se lembrava do adolescente e da mulher que deixou viver. O garoto ficou agachado atrás de um pequeno sofá com sua mãe. Ambos olharam Killian nos olhos, o que o deixou hesitante quando sua reação inicial foi acabar com eles. Um pequeno pedaço dele ainda estava de volta na Irlanda, um menino de rua criado por prostitutas. Não queria ser um desses idiotas que ele ou sua mãe conheceram. Neste caso, a fraqueza venceu.

Teria que acabar com aquela criança com os olhos grandes e escuros. Apenas que ele não era mais uma criança e sim o líder dos *Dead Angels MC*, ansioso por vingança pela morte de seu pai. Pena que não soubesse realmente quem era seu pai.

Com a cobertura da noite, Killian e Shadow caminharam para a entrada traseira. A vibração profunda, lenta de baixo veio de algum



lugar na estrutura. E o lugar era enorme. Shadow não conseguiu ver os cômodos da casa, o que era incomum.

Eles estavam prestes a virar uma esquina quando Killian sentiu a borda fria de uma lâmina em sua garganta. Ele congelou. Normalmente, lutaria, daria uma cotovelada nas costelas do inimigo, mas esse homem sabia o que estava fazendo, segurando a lâmina em sua garganta de forma que se respirasse corria o risco de sangrar.

Assim que Shadow se virou e viu o que aconteceu, ele apontou a arma para a cabeça do homem. Killian esperava que Shadow fosse tão bom em tiro quanto dizia ser. Boss disse que ele era um de seus melhores atiradores sendo ex-militar.

— Solte a faca, bem devagar, idiota. — Disse Shadow.

— Você está no meu território, então não pode fazer exigências.

— Que diabos é você?

— Hoje eu sou conhecido como Manic, mas mesmo naquela época eu não acho que seu amigo soubesse o meu nome, apenas o do meu pai.

Porra! Era ele, o Presidente do *Dead Angels MC*. Por que estava sozinho? Killian esperava um exército de segurança ao redor do Presidente. Conseguiu exatamente o que queria o assassino do pai à sua mercê. Felizmente Killian confiava em Shadow com sua vida.

— Se machucá-lo, não dará nem mais um suspiro. Na verdade, terei certeza de aniquilar todo o seu clube de merda. — Disse Shadow.



— Eu não quero matar o seu amigo. Na verdade, ele me fez um favor há dez anos.

Killian ainda não viu o rosto de Manic. Ele apenas se lembrava dele como um adolescente magro, encolhido com sua mãe. O sujeito que o prendia era comparável ao seu tamanho, o braço apoiado sobre o peito grosso com músculo e coberto de tatuagens.

— Não estou entendendo. — Disse Shadow.

Manic removeu a faca e empurrou Killian, voltando para as sombras ao longo do lado da casa.

— Meu pai era um monstro. Eu rezei para ele morrer muito antes de você tirar sua vida.

Killian franziu a testa. Nada disso fazia sentido. Se Manic era grato pela morte do pai, porque colocaram um alvo de morte em June e Killian Junior?

— Eu não faria isso. — Disse Killian. — Minha mãe foi assassinada. A primeira coisa que fiz foi matar o bastardo que fez isso.

— Então você a amava, mas eu não amava meu pai ou a maneira como ele dirigia o clube. Agora que sou Presidente, quero que as coisas sejam diferentes.

Killian descansou a mão em uma de suas armas. Shadow ainda tinha a arma apontada para Manic.



— Explique-me por que estou aqui então. Vingança por matar os perdedores no bar? Eles estavam mexendo com a minha mulher. Eu nem sabia que eram parte de seu clube.

Manic riu.

— Você ainda não entendeu, Killian? Eu queria você aqui. Eu queria que trouxesse uma merda de tempestade de dor à minha porta da frente.



June não conseguia dormir. Ela se virou e virou, preocupada com Killian. Ele queria fazer as coisas certas para que fossem uma família, mas os riscos eram muito grandes. Ainda tinha dificuldade em acreditar que tudo isso era possível.

Por que as coisas não poderiam ser mais simples?

Quando o celular que Killian deu a ela vibrou na mesa de cabeceira, correu para agarrá-lo, seus pensamentos voltados para o homem que amava.

— Killian?

Uma risada baixa na outra linha era profunda e ameaçadora.

— Quem é?

— Seu homem trabalha para mim, June. Agora, eu preciso de sua ajuda.



Ela sentou-se na cama, com o coração acelerado. Por que o chefe louco de Killian ligou para ela? Killian estava machucado ou algo pior?

— O que está acontecendo? Tem alguma coisa errada? — Ela sussurrou, não querendo que ninguém mais na casa a ouvisse.

— Quando se trata de você, Killian não parece pensar direito. Ele está tentando ganhar de um exército com dois homens. Nada que eu diga irá impedi-lo porque ele quer que o alvo sobre você e seu filho desapareça.

— Está dizendo que ele não tem chance? Por que não está fazendo alguma coisa?

— É por isso que estou te ligando. Se eu oferecê-la em troca do contrato, posso obter a cabeça da serpente e acabar com tudo isso. Nenhum de vocês precisa se machucar.

— Por que Killian não me contou?

Ele zombou.

— Se houver qualquer risco para você, não há nenhuma maneira dele fazer isso.

— Farei o que for preciso para me certificar de que ele fique seguro. Quero que esse pesadelo acabe logo. — Disse ela.

— Boa menina. Agora, eu quero que você se prepare e esteja na porta da frente em exatamente vinte minutos. Não conte a ninguém. Fique em silêncio.

— Você vem me buscar?



— Não eu. Você tem dezenove minutos. — Então, o telefone ficou mudo.

June desligou o telefone e esfregou as mãos, tentando trazer um pouco de calor para elas uma vez que todo seu corpo parecia estar entrando em choque. Não era o isso o que queria, mas que escolha tinha? O chefe de Killian disse que ninguém iria se machucar se o ajudasse.

Ela se vestiu, andando na ponta dos pés para garantir que não acordasse ninguém. Então desceu a escada, encolhendo-se quando algumas das pranchas de madeira velhas rangeram. Quando chegou ao hall de entrada, se inclinou, apoiando uma mão em cada joelho para se acalmar.

— Indo para algum lugar?

June ofegou e se virou. Na luz fraca, Bain parecia o próprio diabo. Como ele a ouviu?

— Eu preciso fazer uma coisa. Por favor, não tente me impedir.

— Quem ligou para você?

Ela suspirou, não estava pronta para começar a mentir.

— Foi o chefe de Killian. Ele tem um plano para tê-lo de volta em segurança. Ele precisa de mim. Eu não posso estragar tudo, então irei.

Bain exalou e seus olhos se estreitaram.

— Ele quer que você seja a isca.



— O que?

— Boss não está preocupado com você, querida. Ele apenas quer manter um dos seus principais homens em um momento de glória.

— Não, ele disse que eu seria capaz de atrair quem quer matar eu e o meu filho. Então cuidará dele e acabará com tudo.

— Eu tenho certeza de que foi isso o que ele disse. E garanto, ele a deixará na porta da frente deles e foderá tudo. — Houve uma batida suave na porta. — Deixe-me adivinhar...

Bain abriu a porta e uma arma veio aparentemente do nada, apontando para frente.

— Calma aí, Bain. Apenas seguindo ordens.

— Hoje não, Chains. — Disse Bain.

— Ordens do Boss.

Bain engatilhou a arma, aparentemente, não contra matar um amigo.

— Boss quer que Killian saia dessa vivo, mas ele não usará sua mulher para isso. Ainda tem um favor de Viper, diga-lhe para usá-lo.

Ele bateu a porta na cara de Chains e virou-se colocando a arma na parte de trás da calça.

— Eu não quero que ele se machuque. — Ela sussurrou, à beira das lágrimas.

— Killian é bom no que faz. Ele não teria ido se soubesse que não poderia lidar com isso. Agora, Scarlett gosta de você e seu filho



está dormindo no andar de cima, então deixarei isso passar. Não tente deixar esta casa novamente. Compreendeu?

Ela assentiu com a cabeça e voltou ao andar de cima, ocasionalmente, olhando por cima do ombro. Bain estava no fundo da escada, com os braços cruzados sobre o peito. O homem era como um centurião, imóvel e intenso.

June se jogou na cama, sem despir-se, olhando para o teto. Ela tinha que ter fé que Killian voltaria para ela. Queria que seu filho conhecesse seu pai, para a relação deles crescer e prosperar. E June precisava do seu homem: o seu amor, sua presença, seu corpo. Ela se lembrou de suas habilidades únicas, a forma como usou a língua e a sensação de seu pau enchendo-a. Se nunca mais voltasse para ela, nunca iria querer outro homem.

Sua mente vagava em tantas direções. E se Boss estivesse certo e ela estragou sua chance de ajudar Killian? E se dois homens, não importasse quão eficientes, não fossem suficientes para assumir todo um clube MC?





CAPÍTULO

NOVE

— Isso não faz sentido porra. — Disse Shadow. — Este filho da puta matou o seu pai.

— Obrigado, Shadow. — Killian olhou para Manic, impressionado com o homem que viu hoje. Ele era mais velho, mais sábio e claramente passou por muita merda. Quando seu celular começou a tocar, Killian ignorou e olhou para o novo Presidente. — Que porra você quer?

— Dez anos atrás você veio e mesmo que suas ações ajudaram a tornar minha vida grande, deixou um monte de merda para trás. Meu pai era podre até o carço. Batia em sua esposa, era um estuprador e um assassino. Era tudo o que faz deste mundo um lugar maligno e cercou-se com o mesmo tipo de pessoas.

Killian franziu a testa. Quando ele foi colocado na caça ao pai de Manic foi porque fazia experiências com drogas que prejudicariam muitas pessoas, principalmente mulheres. A droga as mantinha saciadas, mas também significava que ficavam sexualmente receptivas para que um homem pudesse estuprá-las. A droga nunca



chegou a ser produzida, o que foi o trabalho de Killian. Boss queria a droga destruída e a única maneira de fazer isso era acabar com quem sabia a respeito. Ele fez o seu trabalho, deixando para trás a única mulher que amou, juntamente com uma criança que não sabia que existia.

— Que porra você quer de mim? — Repetiu Killian.

— Preciso da sua ajuda.

Shadow começou a rir.

— Realmente acha que conseguirá a ajuda dele? Você tentou matar sua mulher e filho.

Isso deixou Manic sério.

— Eu não fiz nada disso.

— Você não colocou um alvo de morte em minha família? — Perguntou Killian, olhando nos olhos de Manic. Anos ao redor da escória e ele aprendeu uma ou duas coisas. Manic não estava mentindo. Ele claramente não sabia o que estava acontecendo.

— Eu me assegurei que Boss recebesse as informações do MC. Precisava de você aqui. Não está aqui por causa disso?

— Não. — Disse Killian. — Boss tem muito que explicar.

— Concordo. — Disse Shadow.

O telefone celular de Killian começou a tocar novamente.

— Eu acho que você deveria atender. Quem quer que seja não desistirá. — Disse Manic.



Ele não queria atender. O que queria era a porra de respostas. Puxando o seu telefone celular, viu que Bain estava ligando.

— Está tudo bem? — Perguntou Killian, movendo-se a poucos passos.

— Sim, June e seu filho estão bem. Boss tentou atraí-la para fora. Ele tentou fazer com que Chains a pegasse.

— Que porra é essa?

— Algo está acontecendo e não gosto disso, Killian. Descubra o que é. Por agora, eu tenho este lugar coberto, mas você precisa saber que há algo mais lá fora e eles estão atrás de June.

— Mantenha-os seguros. — Ele desligou seu celular e olhou para Manic. — Ok, vamos ver se entendi você precisa e quer a minha ajuda.

— Está certo.

— Por quê?

— Você apenas derrubou alguns MC dez anos atrás. O veneno do meu pai se espalhou como um câncer. Agora, existem algumas pessoas que querem este modo de vida. Quem quer... — Manic parou e olhou para longe. A vergonha em seu rosto era clara.

— O que?

— Eu preciso que você mate os bastardos que seguiram os passos do meu pai. Tenho uma lista pronta, mas preciso de você. É um assassino frio e agora preciso de alguém que possa matar sem fazer perguntas.



Shadow suspirou.

— Porque agora?

Killian olhou para Shadow.

— Isso importa?

— Sim, isso é importante. Você matou o pai desse pequeno idiota há dez anos e agora ele magicamente pede sua ajuda? Sabe que você é um assassino e entrará na cova do leão, assim com certeza ficará fodido. Não tem todas as armas. Você não faz nenhuma merda assim.

— Trabalhei muito bem, eu acho. — Disse a Killian.

— Por quê? — Perguntou Shadow, apontando uma arma para a testa de Manic. — Não tenho nenhum problema em matar você. Na verdade, me daria um grande prazer, porque estou entediado. Quando estou entediado, gosto de matar pessoas e fazer uma bela arte com seu sangue.

Killian precisou olhar para Manic, mantendo seu rosto neutro.

— Você quer a verdade? Há um grupo de nós que querem um MC honesto e direito. Somos todos sobre as motos, a vida e a causa. Eu quero fazer a porra de uma diferença. Não quero que as crianças tenham medo. Como posso fazer a diferença quando há três semanas, amigos do meu pai acorrentaram duas adolescentes a uma mesa e fizeram fila sobre elas?

— Fila? — Perguntou Killian. Ele não entendia exatamente a linguagem.



— Cada membro teve sua vez com as garotas. — Disse Shadow.
— Um após o outro. Foi consensual?

Manic balançou a cabeça.

— Não. O que descobri foi que eles queriam divertir-se e colocar a cidade no lugar, pegaram duas meninas aleatórias. Elas nem sequer tinham dezoito anos. Elas não queriam isso. Quando entrei, estavam machucadas. Levei-as para o hospital e depois descobri que as duas meninas se mataram. O meu clube foi responsável por essa merda. Há um câncer dentro e eu preciso me livrar dele. Preciso pará-los de um jeito ou de outro. Você é minha única esperança. Acha que eu sou um merda, não dou a mínima. Dez anos atrás vi você, vi como matou meu pai. Nem piscou e então se afastou. Isso é o que eu preciso e eu pagarei a porra do preço que quiser, mas preciso matá-los.

— Você vai se juntar a diversão? — Perguntou Killian.

— Sim. Sou o Presidente do clube e tenho a certeza que os meus homens estão prontos para isso. Todos nós queremos que esses desgraçados paguem pelo o que fizeram. — Manic passou a mão pelo rosto. — Uma das meninas era amiga da irmã de um irmão. Ela não era da família, mas era próxima. Enquanto estava levando-a para o hospital, ela perguntou a ele por que não a salvou. Essa merda, isso tem que parar. Eu sei como pará-la.

Killian levantou a mão. Ele não precisava ouvir mais e estava cheio de ouvir essa merda.



— Preciso saber quem colocou o alvo de morte na minha mulher e meu filho. Ele tem dez anos e estão seguros no momento. Eu quero respostas.

— Não coloquei qualquer porra de alvo em qualquer criança ou mulher. Eu tenho padrões, homem. Não faço esse tipo de merda.

— Alguém fez. Alguém próximo de você.

— Posso descobrir. Poderia ser um dos homens presentes no assassinato do meu velho.

— Então quando você descobrir, nos chama. Até então, eu não ajudo com merda nenhuma.

Killian não esperou. Ele saiu com Shadow às suas costas.

— Preciso cuidar de algo.

— Por que sinto que você está prestes a fazer algo realmente estúpido? — Perguntou Shadow.

— Porque eu vou. — Ele parou quando Shadow agarrou seu braço.

— Você tem que repensar tudo o que está prestes a fazer.

— O que eu estou prestes a fazer é lidar com o bastardo que pensa que pode prejudicar o que é meu. Ninguém, eu quero dizer ninguém, usa a minha mulher como isca.

— Você está indo atrás de Boss?

Killian não disse nada. Ele estava muito irritado. Queria destruir tudo e todos. Depois de dez anos sendo a porra de um cão leal a esse



filho da puta, na primeira oportunidade que vira as costas, o bastardo vai para a única mulher que ele amava querendo usá-la como isca porra. Essa merda não acontecerá.

Havia um poço de raiva que precisava sair e a única pessoa que receberia isso era Boss. Desde o momento que começou a trabalhar para ele aqueles anos atrás, sabia no fundo de seu coração que o filho da puta era um homem cruel. Ele mesmo se convenceu de que o bastardo não tinha um coração e estava certo. Não havia nada em Boss. Tudo com que o homem se preocupava era seu trabalho.

— Olha, eu entendo que você está irritado agora, mas há peixes maiores.

— Eu sei, Manic precisa da nossa ajuda, mas até ele me dizer exatamente quem é o responsável pelo pagamento dos assassinos atrás da minha mulher e filho, não jogarei.

— Aqueles membros antigos do clube são uma má notícia para muita gente.

— Eu sei. E não dou à mínima. Agora, a menos que queira acabar na pilha de mortos, sairá da porra da minha frente. Eu quero sangue e quero agora, você é a única pessoa de pé no meu caminho.

Não havia medo nos olhos de Shadow, mas Killian não esperava isso. Cada homem e mulher que era associado com *Killer of Kings*, perdeu essa parte de si mesmos anos atrás. Nenhum deles tinha sentimento ou remorso, até mesmo amor. A única vez que ele via isso era quando Viper e Bain estavam com suas mulheres.



— Está cometendo um erro.

— Não importa. — Ele empurrou Shadow e continuou andando.

— Você sabe mesmo onde Boss está?

— Eu sei onde aquele filho da puta está. — Ele mais trabalhava do que outra coisa. Indo em direção ao cais agora fechado por já ser tarde, escalou o portão e caiu do outro lado. Olhando para as câmeras de segurança ele viu que não estavam ligadas, o que era uma garantia para ele que Boss estava ali. Onde quer que o líder dos *Killer of Kings* esteja, nada e ninguém o seguia a menos que quisesse.

Suas mãos tremiam, ele estava muito irritado, pronto para matar e era o que queria. Caminhou em direção ao pico do cais e parou quando sentiu uma presença atrás dele.

— Procurando alguém? — Perguntou Boss.

Killian se virou.

— Que porra está fazendo achando que pode usar a minha mulher, hein? Acha que essa merda é engraçada?

Não havia diversão nos olhos de Boss.

— Já terminou? — Perguntou Boss.

— Tentou tirá-la de mim.

— Eu não fiz nada disso.

— Enviou Chains. Seu cachorrinho motorista. Não minta. — Ele estava além de qualquer pensamento racional e pegou sua arma, apontando para Boss.



— Eu pensaria duas vezes antes de puxar o gatilho.

— Por quê? Porque você vai se vingar e mandar me matar? Acha que dou à mínima? Eu passei toda a porra da minha vida de guarda. Acha que eu não estarei preparado para acabar com cada idiota que vier atrás de mim depois que matar você? — Ele gritou as palavras, querendo que Boss soubesse exatamente como se sentia.

Ainda assim, Boss não mostrou quaisquer sinais de medo ou raiva, até mesmo remorso. Não havia nada lá. Seus olhos estavam vazios.

— E June e Killian Junior? Você vai deixá-los viver o resto de suas vidas constantemente com medo? Nenhum deles merece isso.

— Não os traga para isso. Não os leve para esta merda! — Ele gritou as palavras, sentindo a dor maior do que nunca. Ele era o pai de uma criança de dez anos de idade. Não havia como permitir que o garoto passasse por mais merda, não vindo dele. Era injusto e não o faria, não podia.

Ele não abaixou a arma imediatamente. Havia momentos como este que desejava ter bolas de aço de Boss.

Killian tinha um filho e uma mulher para cuidar agora. Não havia como se arriscar matando Boss e passar o resto de sua vida sendo caçado. Lentamente ele se afastou, e olhou para ele.

— Você vai me atacar? Colocar-me no meu lugar por me atrever a mexer com o rei?



— Eu não sou um rei, Killian. Nunca disse que era um. Mato aqueles que precisam, mas eu não sou um deles.

— Você ia usar minha mulher. — Toda a adrenalina estava começando a desaparecer.

— Sim, porque eu sei que porra estou fazendo. Eu ia usá-la para trazer para fora a pessoa que iniciou tudo isso. — Disse Boss.

— O que você quer dizer?

— Há alguma porra distorcida nos *Dead Angels MC*. Esse clube precisa de purificação.

— Mas Manic disse que não foi ele.

— Não foi, caso contrário eu teria chamado você para acabar com ele. O garoto está tentando fazer a merda certa e não posso culpá-lo por isso.

Killian começou a andar de um lado para outro, esfregando testa.

— Então quem?

Boss levantou as mãos.

— Chega de perguntas. Basta compreender que eu estava tentando salvar sua mulher e seu filho. Eles nunca estariam em perigo. Eles teriam proteção, Killian.

— June já teve o suficiente. Não mais. Não a quero sofrendo por minha causa. Tudo o que você precisa encontrar, vem a mim e apenas a mim.



— Tudo bem, mas isso vai demorar mais tempo.

— Eu não me importo. Realmente não me importo agora. — Ele se afastou. — Preciso ir para ela.

— Então vá, Killian.

Ele se afastou de Boss e saiu, se surpreendendo pelo homem não tentar esfaqueá-lo pelas costas.



Quando a cama afundou ao lado de June, ela pulou ofegante. Segurou suas mãos em punhos, pronta para ferir qualquer um que chegasse perto dela.

— Sou eu, gatinha. — Disse Killian.

— Killian?

— Sim. Sou eu. Não há ninguém mais. Apenas eu.

— Graças a Deus! — Ela pulou sobre a cama e jogou os braços ao redor de seu pescoço. — Pensei que estivesse morto. Pensei que algo ruim tivesse acontecido com você, porque não consegui ir com Boss.

No momento em que ele a tocou, ela gemeu de um jeito bom. Dez anos sem seu toque e ela estava desesperada para sentir suas mãos novamente.

— Nada pode acontecer com você. — Disse ela. — Você me ouviu? Nada.



— Não deixarei nada acontecer, baby. Prometo. Eu te amo tanto.
— Ele respirou fundo e ela fechou os olhos.

— Bain sabe que você está aqui?

— Sim, ele quase atirou em mim lá fora. Ele é um idiota às vezes.

— Não tente fazer uma piada. Não posso lidar com uma piada agora.

— Ei. — Ele segurou seu queixo. — Tudo ficará bem. Prometo.
— Ele deu um beijo em seus lábios e ela sentiu como se estivesse se afogando. Sua boceta estava em chamas e ela ansiava por seu toque mais do que sua próxima respiração.

Quando o empurrou para cama, Killian assumiu o controle e apertou-a contra o colchão. Ele se moveu entre suas coxas e ela ofegou. Seu pau estava duro enquanto ele se esfregava contra seu núcleo.

— Apenas queria abraçá-la.

— Quero que faça amor comigo, Killian. Por favor. — Ela puxou sua camisa e quando ele começou a tirar sua roupa, fez o mesmo com a dele, precisando de sua pele nua contra ela.

Quando ambos estavam nus, Killian a beijou novamente, apenas que desta vez não ficou muito tempo em seus lábios. Beijou o pescoço, em seguida foi para seios, chupando um mamilo e depois o outro. Ela arqueou como a sensação de seus lábios indo direto para seu clitóris.



— Seu corpo é bonito para caralho, baby. Tão bonito.

Os lábios desceram, acariciando seu estômago antes de ir para seu monte. Ele abriu as pernas delas, em seguida, a língua moveu-se sobre sua fenda. Acariciou seu clitóris, depois mergulhou nela.

Ele abriu os lábios de sua boceta e quando ela olhou para baixo, ele a estava olhando.

— Você tem um gosto tão bom.

— Oh, wow, você é incrível. — Disse ela. — É tão bom nisso.

— Poderia viver entre suas pernas.

Quando ele colocou a língua novamente dentro dela, ela gritou. Era muito bom, mas ela precisava de seu grande pau muito mais. Eles ficaram separados por muito tempo e estavam recuperando o tempo perdido. Seus sentimentos um pelo outro eram os mesmos, mas agora algo mais profundo. Ela não imaginava que pudesse sentir algo tão forte assim por outra pessoa, especialmente não por Killian.

— Eu amo você, baby. — Disse ele. — Quero que goze na minha língua.

Ela apertou os cobertores, enquanto ele circulava seu clitóris, acariciando o broto altamente sensível, assim não podia controlar seu orgasmo ou prolongá-lo. Ela voou direto para aquele belo lugar de felicidade crua, gritando seu nome e dando-lhe tudo o que ele sempre quis.

O prazer percorreu seu corpo, deixando-a ofegante.



Antes que tivesse terminado, Killian se moveu sobre ela. Viu-o colocar rapidamente um preservativo e então estava dentro dela, profundo e duro. Ele segurou suas mãos, pressionando-as acima de sua cabeça enquanto se movia dentro dela.

Ambos gemeram.

— Você é minha. Toda minha, porra.

Ela segurou suas mãos, entrelaçando os dedos, não querendo deixá-la ir. Desde o primeiro momento em que o viu, pertenceu a ele. Ninguém mais o faria. Não havia como ela ser de qualquer outra pessoa, porque no fundo de seu coração, sabia o tempo todo que Killian era o único homem que amava. Ter algo com qualquer outra pessoa teria sido uma traição.

No fundo de sua mente, ela sempre teve a esperança de que ele voltaria e o fez. Era surreal.

— Eu te amo, baby. Porra te amo tanto.

Ele começou a fodê-la, saindo apenas para empurrar de volta, indo mais fundo ainda.

— Você nasceu para me pertencer. — Disse ele.

— Sim. Eu sou sua, Killian. Sempre. — Ela colocou as mãos ao redor de seu pescoço, beijando-o, provando-se em seus lábios.

Ele segurou-a enquanto empurrava dentro dela. Levantando seus quadris para encontrá-la a cada impulso, ela olhou em seus olhos, sabendo que faria qualquer coisa por ele, arriscaria sua própria vida para se certificar de que ele vivesse.



Quando ele rolou de modo que ficasse por cima, ela riu. Suas mãos foram para seus quadris enquanto ela começava a se mover sobre seu pau. Ele era tão grande, preenchia seu corpo completamente.

— Deixe-me ver você gozar, gatinha. Toque seu clitóris para mim.

— Quer que eu faça coisas más para você? — Perguntou ela, provocando-o.

— Sim, eu quero e posso sentir o quanto quer fazê-las. — Suas mãos apertaram os quadris, o que a fez gemer.

Movendo-se sobre seu pau, ela decidiu satisfazê-lo. Segurou seus seios, ela provocou os mamilos, sentindo seu pau pulsar dentro dela.

Moveu as mãos por seu corpo. Finalmente, chegou a sua boceta e provocou sua fenda com um dedo, logo encontrando o clitóris.

Olhando em seus olhos, ela brincava com sua boceta, ficando cada vez mais perto de outro orgasmo.

— Essa é uma visão muito bonita. — Disse ele. — Muito bonita. Goze para mim June. Goze no meu pau.

Suas mãos se moveram até seus seios, em seguida, até os quadris. Ela adorava a maneira como a segurava e parecia saber exatamente o que estava fazendo com seu corpo.

— Por favor, Killian. Estou tão perto.

— Não vou fodê-la até que me dê o que eu quero.



Ela provocou seu clitóris e logo gozou, gritando o nome dele, querendo-o mais do que qualquer outra coisa. Killian mudou de posição, empurrando-a para a cama. Ele segurou seus quadris enquanto empurrava profundamente dentro de sua boceta, tomando o controle enquanto ela gozava em seu pau. Quando ela afastou os dedos, ele os colocou em sua boca, chupando as pontas.

— Você tem um gosto incrível. — Disse ele.

— Goze para mim agora. — Disse ela.

Ele o fez. Killian segurou-a na cama e começou a se mover mais forte, montando-a duro. June o abraçou, sentir e ver o seu prazer era algo que gostava.

Ela pertencia a ele, assim como ele pertencia a ela.

Depois disso, ele não se afastou e eles ficaram deitados, olhando nos olhos um do outro.

— Eu senti sua falta hoje. — Disse ele.

— Senti a sua também. Sinto sua falta todo o tempo que não está aqui. Isso me faz soar como uma pessoa louca?

— De modo nenhum.

O sorriso nos lábios desapareceu.

— Não acabou não é? — Ela perguntou.

— Ainda não. A ameaça ainda está lá fora e enquanto estiver, preciso de você e nosso garoto aqui.



Esta era uma realidade contundente para ela. E se ele não voltasse?

— Não vá. Nós poderíamos ir a qualquer lugar, Killian.

— Eu não fugirei June. Não posso. Essa não é vida que quero para você ou para Killian. Posso corrigir isso.

— Mas e se algo acontecer? E se eu ficar sozinha de novo? Não acho que possa fazer isso.

— Não terá que fazê-lo. Tudo está arranjado. Não terá que trabalhar...

Ela bateu em seu peito.

— Realmente acha que isso é sobre dinheiro? Eu não dou a mínima para o dinheiro, Killian. Eu quero você, não alguns malditos dólares. *Você*.

Ele sorriu o que apenas aumentou sua raiva.

— Gatinha, você é a única pessoa em toda minha vida que apenas me quer e isso me faz amá-la ainda mais.

Ela o beijou novamente, precisando que soubesse que para ela, era sempre sobre ele e não qualquer outra coisa.





CAPÍTULO

DEZ

Killian sempre viveu a vida na pista rápida, sem nunca parar para refletir. Quando era jovem, apenas sobreviveu e depois foi sobre esquecer tudo o que fodeu com sua cabeça. Nunca imaginou ter uma família, porque nunca realmente teve uma enquanto crescia. Killian amava sua mãe, mas ela era uma causa perdida e ele passou a maior parte de seu tempo nas ruas. Aprendeu a roubar, lutar, a encantar para mais tarde matar. Não havia outras opções. Quando se destacou na vida do crime, nunca mais olhou para trás.

Agora que June e Killian estavam em sua vida, ele estava pronto para se tornar tudo o que nunca foi. Não seria fácil, mas valeria a pena. Queria ser um bom marido e um bom pai, abraçar esse amor que sentiu pela primeira vez com June há dez anos.

Mas primeiro Killian precisava da ajuda de Boss para derrubar os *Dead Angels MC*. Ele não tinha medo de matar e era muito bom no que fazia.

Parou em um hotel ao longo da estrada para dormir um pouco. Não havia como se concentrar com June em seus braços e seria mais difícil ir embora pela manhã. Ela era uma tentação. Apenas ao pensar



nela sentiu tesão. Não podia acreditar no quão sortudo era por tê-la como sua mulher. E não apenas qualquer mulher, mas a mãe de seu filho.

Depois de uma noite de sono decente, ele tomou banho, se trocou e pegou a estrada. Quando chegou à cidade era dez da manhã. Não estava preocupado com o elemento surpresa, não quando Manic praticamente implorou para que matasse sua própria gente, porra. Não tinha certeza se era um ato de coragem ou o pior tipo de motim, mas não era seu clube para se preocupar. Manic queria os bastardos da velha guarda mortos e enterrados. Eles eram preguiçosos, rebeldes ao novo Presidente e faltava a decência que mesmo os assassinos frios ainda tinham.

Killian não tinha problema com a prostituição. Sua própria mãe foi uma prostituta, mas ele não concordava quando meninas menores de idade eram forçadas a isso. Os novos membros de Manic não eram santos, longe disso. Ainda eram criminosos sérios, mas pelo menos tinham algumas normas. Mesmo Boss sabia onde traçar a linha.

Killian pegou o celular e ligou para Shadow.

— Estou de volta à cidade. Manic lhe deu qualquer coisa que possamos usar?

— Ele não tem nada, merda. — Disse Shadow.

Killian exalou com irritação. Em todo o tempo que se manteve afastado, eles não estavam mais perto de encontrar a fonte do problema.



— Então o que? Começamos a lidar com o problema de Manic? Talvez um deles coloque uma arma em sua cabeça.

— Boss enviará reforços. Acho que ele sabe mais do que está deixando passar.

Killian apertou o volante enquanto dirigia, tentando conter o fogo que sentia crescer dentro dele. Boss não confiava nele para lidar com o trabalho? O irritava saber que enviou mais reforços. Killian não precisava de uma babá. Cometeu a porra de um erro quando matou o Presidente original, deixando testemunhas, mas foram dez anos de sucessos desde então. Isso não equivalia a nada nos livros de Boss? E por que os segredos? Depois de todos esses anos, esperava que Boss confiasse nele. Talvez ter apontado uma arma para Boss foi um erro que viveria para se arrepender.

— Quem ele enviará?

— Ele não disse. — Disse Shadow.

— Vamos começar esta merda logo. Se eu tiver que matar cada um deles, incluindo Manic, que assim seja.

Eles se encontraram na casa segura perto do mar. Shadow saiu para encontrá-lo no carro.

— Você comeu?

— Eu não posso pensar em comida agora. — Disse Killian.

— Bem, estou morrendo de fome. Vamos comer alguma coisa antes dos negócios.



Killian passou a mão pelo cabelo, muito cansado para discutir. Seria inteligente estar no seu melhor. Matar dava apetite.

Shadow ficou no banco do passageiro e eles dirigiram para cidade. Não era exatamente inteligente mostrar seus rostos ao redor da cidade após o banho de sangue na noite passada, mas Killian nunca foi de se acovardar.

Havia um pequeno local perto com café da manhã durante todo o dia, então eles entraram e pegaram uma mesa perto da janela, um de frente para o outro, para que pudessem ver as costas um do outro. Algumas coisas eram inconscientes em sua linha de trabalho.

— Posso ajudar com alguma coisa rapazes? — Perguntou a garçonete, puxando uma caneta atrás da orelha, equilibrando-a sobre o papel usado. O local não era dos melhores, todo gorduroso, se alguma vez viu um assim. Killian sempre escolhia o melhor. Desde que foi contratado pelo *Killer of Kings* quando se mudou da Irlanda, desfrutou do melhor da vida. Mas não era um idiota e se lembrava de onde veio todos os dias de sua vida.

— Dê-nos um minuto, querida. — Disse Killian, ainda ocupado observando o local. Ele odiava essa cidade e não apenas por causa de todas as besteiras desde que apareceu, mas porque o lembrava de perder tantos anos com June e seu filho. Quando isso tudo acabasse, queria ficar o mais longe possível, começar de novo com a mulher que amava.

— Policial. — Disse Shadow.



Killian olhou por cima do ombro e viu o policial solitário andando pela calçada. Ele não se surpreendeu em ver uma presença policial extra. Não havia nada fora do comum, até que o policial parou e olhou Killian diretamente nos olhos.

Shadow limpou a garganta. Nenhum deles gostava de policiais. Não com seus estilos de vida.

— Relaxe. — Killian sussurrou.

O policial entrou na lanchonete, os sinos batendo contra o vidro. Por que estava olhando para ele? Killian brincou com o saleiro, girando-o sem tirar os olhos do policial.

— Killian, certo?

O policial puxou uma cadeira vazia de outra mesa, as pernas raspando ao longo do piso e sentou-se ao lado de sua mesa para duas pessoas. Assim que Killian ouviu seu nome, se arrepiou.

— Não me lembro de nos encontrarmos antes. — Ele respondeu.

— Bem, eu o reconheceria em qualquer lugar. Seu filho é a sua cara.

Ele se preparou para se levantar, mas Shadow o chutou debaixo da mesa. Killian cerrou os dentes e voltou a se sentar.

— Você conhece meu filho?

— Acho que todo o departamento de polícia também. — Ele disse rindo. Killian queria dar um soco no homem. — Mas, novamente, estou mais preocupado com você.



— Sim?

— Alguns dias atrás eu peguei a sua ex na Prefeitura. Ela estava preocupada com você, pensei que estivesse em apuros novamente.

— Novamente? — Perguntou Killian.

Portanto, este era o bastardo que tinha os olhos em June e queria seu filho fora do caminho. Ele deu ao outro homem um olhar despreocupado, não se sentindo emasculado, no mínimo. Killian seria capaz de derrubá-lo com as mãos vazias em dez segundos. O que não gostava era da história que aconteceu quando não estava por perto. Alguma coisa aconteceu entre o policial e June?

O policial tinha um sorriso arrogante que Killian queria limpar.

— Ela é solteira por uma razão, certo?

Ele não podia ficar calado por mais um minuto, mesmo que soubesse que deveria. Eles estavam na cidade por uma razão e este idiota era apenas uma distração que deveria evitar.

— Você não sabe nada sobre o nosso relacionamento, então não tenho certeza do porque estamos tendo essa conversa.

— Relacionamento? Achou que ela voltaria com você depois de todos esses anos, não é?

— Já aconteceu, Huckleberry Finn¹. — Disse Killian. — Na verdade, passei a noite toda transando com ela.

— *Oh merda.* — Shadow murmurou, inclinando-se na cadeira.

¹ Huckleberry Finn é o protagonista da obra *As Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain. Ele também aparece em *As Aventuras de Tom Sawyer*, *As Viagens de Tom Sawyer* e *Tom Sawyer Detetive*.



Killian nunca foi de seguir regras ou respeitar as autoridades. Houve apenas algumas vezes que ele foi preso nos últimos vinte anos, mas sempre saía na hora graças a Boss. Nenhuma acusação. Além disso, esse policial estava fora da linha.

— Você não sabe nada sobre o tiroteio da noite passada, verdade?

— Tiroteio? — Perguntou Killian.

O policial balançou a cabeça, seus olhos se estreitaram. Será que ele queria foder June? Ela era de Killian e não planejava entregá-la.

— June não estava em seu apartamento.

— E como porra você sabe disso? — Perguntou Killian.

— Alguém tinha que cuidar dela todos estes longos e solitários anos.

Esse idiota precisava de uma lição porra.

— Bem, eu estou de volta e não vou a lugar nenhum. — Ele ergueu a mão no ar para chamar a atenção da garçonete. Mais um minuto com esse idiota e colocaria uma bala entre seus olhos. — Estamos prontos para pedir, por isso, se você não se importa...

O policial levantou-se, ajeitou o chapéu e espalmou o revólver com algum tipo de ameaça. Killian tinha uma 357 Magnum na parte de trás da calça e um arsenal em seu corpo. Shadow sempre estava bem armado e Killian sabia que o bastardo cuidaria de suas costas.



— Prazer em conhecê-lo. Eu o vejo por aí. — O policial saiu do restaurante, olhando para trás algumas vezes enquanto desaparecia na rua.

— Você está louco? — Perguntou Shadow. — Nós devemos não chamar a atenção. Quando essa merda começar novamente, o policial terá você em mente para as acusações.

Killian zombou.

— Sou indetectável, o mesmo que você. Além disso, não serei pego e com certeza não vou me preocupar com aquele policial caipira. — Cada assassino contratado para *Killer of Kings* tiveram suas impressões digitais removidas. Killian não estava preocupado em ser acusado por um crime. Ele estava ocupado planejando como acabaria com aquele cara por jogar com sua mulher. Precisava mostrar a ele, policial ou não, que ela era sua propriedade e Killian não compartilhava.

Eles terminaram seu pequeno café da manhã em silêncio. A cabeça de Killian estava em outro lugar. O fato da pessoa que colocou o alvo de morte ainda estar lá fora não soava bem. Precisava falar com Manic e descobrir se teve alguma sorte erradicando o problema. Foram para a mansão nos arredores da cidade, caminhando até a porta da frente neste momento. Antes mesmo de tocar a maldita campainha, foram cercados por quatro homens de Manic.

— Por que porra vocês estão prontos para o combate no início da manhã? — Perguntou Killian.



— Você apareceu, não foi? — Perguntou o único com a barba curta e tatuagem facial.

Killian colocou sua mão sobre o coração.

— Pareço a porra de um problema? Eu apenas estou aqui para ver um amigo.

A porta da frente se abriu e Manic apareceu na entrada vestindo apenas um short cinza.

— Está tudo bem, Rebel. Estava esperando por eles.

Os homens acenaram mais uma vez, em seguida, os deixaram sozinhos com o seu Presidente. Convidou-os para dentro e Killian entrou relutante. Esta não era uma visita social, apenas queria informações.

— Eu admito, não esperava que você aparecesse aqui. — Disse Manic. Ele foi até um bar com couro preto e granito, serviu-se de um licor forte e tomou de um único gole.

— Não é nem meio-dia. — Disse Killian.

— Considerando que eu não fui para a cama, no entanto, esta é a única coisa que mantém minha cabeça no lugar. — Disse ele. — Fará o trabalho?

— Olha idiota, você não é meu patrão e não estou sendo pago para trabalhar para você. Esses alvos são provenientes da bondade do meu coração.

— Relaxe, menino grande. — Disse Manic, passando a mão pelo cabelo. Parecia que ele não dormia por uma semana.



Killian caminhava pela sala, enquanto Shadow permanecia enraizado no lugar perto da porta, uma mão dentro de sua jaqueta.

— Você teve alguma sorte em descobrir qual membro de seu clube enviou o alvo?

— Direto ao negócio, hein? — Manic sentou em um dos bancos. — A ligação veio daqui. De dentro da minha casa. Boss rastreou o número e conversamos algumas horas atrás. Ele sabe mais do que eu.

— Nós teremos que passar por todos os seus membros. Temos como fazê-los falarem. — Disse Killian. — Aqueles velhos bastardos estão provavelmente dormindo ainda de suas ressacas, por isso é um bom momento para fazer acontecer.

— Há mais. — Disse Manic. — Mais alguns adolescentes foram levadas ontem. Seus pais relataram a falta. Meninas louras, mesma descrição que as duas últimas que foram sequestradas.

— Você acha que são os mesmos membros do seu clube?

Manic tomou outro gole.

— Basta fazer aquilo no qual é bom e acabar com esses idiotas. Todos eles. Encontre as meninas e você provavelmente encontrará o seu homem.

Shadow abriu a porta da frente, então Killian não ficou para discutir. Eles dirigiram até um dos compostos maiores da propriedade do clube e desligaram o motor.

— Isso será divertido. — Disse Shadow.



— Dois de nós contra um exército não é o meu tipo de diversão. Não mais de qualquer maneira. Eu preciso sair desta merda vivo.

— Essa é sempre a ideia. — Shadow verificou todos os arredores, em seguida, saiu do carro. O ar já estava aquecendo, o som dos pássaros criando um ambiente enganosamente tranquilo. As coisas estavam prestes a ficar feia.

Quando se aproximaram da estrutura de um andar, um tiro soou de fora para dentro, depois outro, forçando os dois a pegarem suas armas. Eles passaram as linhas de Harley alinhadas e se mantiveram de costas para a parede lateral do prédio de tijolos.

— Não é bom, os idiotas se matarem antes de aparecermos.

— Nunca é tão simples assim. — Disse Killian.

A porta da frente se abriu e uma adolescente correu para fora. Killian guardou suas armas e agarrou-a pela cintura, puxando-a para o lado escuro do edifício. Quando ela tentou gritar, ele colocou a mão livre sobre sua boca.

— Silêncio. — Disse ele.

Um dos motociclistas saiu poucos segundos depois, procurando pela menina. Shadow veio por trás dele, uma arma pressionado em seu pescoço.

— Não se mova, filho da puta.

Uma vez que eles estavam todos escondidos e em segurança. Shadow sacudiu o motociclista.



— Eu quero saber quem colocou um alvo na minha mulher e meu filho. — Disse Killian. — Seja inteligente e responda se você quer viver.

— Eu sei quem você é. Não me deixará viver de qualquer maneira, então não direi merda nenhuma.

Killian suspirou, coçando a cabeça com o cano da arma.

— Resposta errada.

Ele voltou sua atenção para a menina por agora.

— O que aconteceu lá?

— Eles disseram que tínhamos de trabalhar para eles, vender nossos corpos. Se recusássemos, iriam nos matar. — Ela começou a chorar. — Ela é louca. Você precisa ajudar minhas amigas.

Killian olhou para Shadow, seus olhos se estreitaram enquanto ele tentava juntar tudo. Ele não esperava ouvir que uma mulher estava envolvida. Tanto quanto sabia, não havia mulheres em posição de poder nos *Dead Angels*, isso não fazia sentido.

— Mantenha-os aqui. — Disse Killian. — Eu vou entrar.



June saiu da cozinha após o almoço. Seu filho ainda estava comendo e assistindo desenhos animados na televisão de tela plana na parede. Ela podia ouvir Bain e Scarlett no pequeno escritório fora do corredor. Eles estavam falando sobre Killian não ser capaz de descobrir o que precisavam. Até ouviu Bain dizer que Boss



provavelmente estava certo sobre June atrair quem os queria ver mortos.

Não importava o que ele pensasse Killian não poderia lidar com isso sozinho. June não era uma violeta encolhendo com necessidade de se abrigar. Lutou todos os dias de sua vida como uma mãe solteira. Babacas mexiam com ela cada turno de trabalho, mas lidou com isso. June não precisava ser poupada. Agora tinha um filho para pensar, um com um alvo de morte em sua cabeça e um homem para amar, que parecia ter um desejo de morte.

Ela foi para o quarto e ligou para Boss.

— Olá June.

— Aceitarei aquela oferta. — Disse ela. — Pode me tirar dessa casa sem que Bain tente me impedir?

Chefe riu.

— Eu mandei Chains sem sorte. Bain leva sua segurança a sério, então não há como eu conseguir tirá-la sem o seu consentimento. Além disso, Killian não quer que você se envolva.

Ela exalou, sentindo-se encurralada e frustrada.

— Há algo que eu tenho em mente. Entrarei em contato. — A ligação terminou.

Menos de dez minutos se passaram, quando houve uma batida na porta do quarto.

— Entre. — Disse ela.



Scarlett entrou, fechando a porta. Ela tinha algumas roupas em seus braços.

— Nós temos aproximadamente o mesmo tamanho. Achei que poderia usar algo diferente para vestir.

— Obrigada.

Ela se sentou na cama ao lado de June e descansou a mão em suas costas.

— Bain pediu para conversar com você. — Disse ela. — Nós sabemos que você quer ajudar Killian e isso é bom. Entendo totalmente. Bain não quer que você faça qualquer coisa que possa machucá-la, mas se ainda quiser ajudar...

— Deus, sim! Por favor, deixe-me ajudá-lo.

— A única forma de Bain deixá-la ir é se Boss levá-la pessoalmente. Isso diz muito, porque ele raramente se envolve. Sabe quem colocou o alvo em você e pode acabar com isso. Boss é um homem durão, mas eu confio nele. Até mesmo trabalho para ele.

— E o meu filho?

— Vamos mantê-lo aqui. Mantê-lo seguro. — Disse Scarlett. — E não se preocupe Boss não deixará nada acontecer com você. Eu sei disso.

Ela assentiu com a cabeça, não confiando em si mesma para falar quando tantas emoções estavam em sua mente. June não estava acostumada com as pessoas sendo gentis ou prestativas com ela e certamente não costumava lutar por amor. Killian era tudo que tinha.



Depois de conversar brevemente com sua mãe recentemente, apenas solidificou o fato de que não tinha mais ninguém no mundo além de seus dois homens.

Meia hora depois, ouviu uma batida na porta. June vestiu o mais bonito vestido floral de verão graças a Scarlett. Usou seu tempo para se preparar emocionalmente para o que estava por vir. E queria estar linda para Killian.

— Chains. — Disse Bain. — É melhor Boss estar na porra do carro ou ela não deixará a minha casa.

— Ele está lá. Relaxe.

— Nada acontece com a mulher de Killian. — Disse ele, uma ameaça muito clara em seu tom. — Lembra-se do que ele deixou para trás na Irlanda? Isso virá contra nós.

Ela observou de um degrau da escada quando Chains abriu a jaqueta para expor uma série de armas letais.

— Eu tenho isso, Bain. Não é meu primeiro rodeio.

No momento em que ela chegou ao veículo, estava mais nervosa. Apenas conversou por telefone com o dono do *Killer of Kings*, mas nunca conheceu o homem.

— Sente-se. — Disse Boss após Chains abrir a porta traseira para ela.

Ela ficou ao lado dele, um assento cheio separando-os, o que agradeceu. O carro começou a afastar-se da casa e se perguntou no que se meteu. Killian ficaria furioso por ela ter concordado com isso.



— Tem certeza que isso é seguro? — Ela perguntou.

Boss se moveu levemente em seu assento. Seus olhos eram escuros e letais, seus longos cabelos negros estavam ainda úmidos de um banho, vagamente penteado para trás.

— Eu prometi a Killian que nada aconteceria com você e sempre mantenho minhas promessas.

Ela engoliu saliva, sentindo-se intimidada na presença deste homem.

— Quem me quer morta?

— Alguém que quer usá-la para chegar a Killian. Não é o que eu esperava, mas pretendo acabar com eles hoje. — Disse ele. — Eu não gosto de ser pego de surpresa. Com toda a justiça, porém, achei isso particularmente interessante. Pelo menos funcionará para ensinar a Killian uma lição.

Ele falava em enigmas para ela.

— E depois?

O que ela esperava ouvir? Queria que ele admitisse que mataria a outra pessoa? Ele passou a mão sobre uma série de pulseiras simples em seu pulso direito. Eram bandas de couro fino com pequenas pontas negras, algumas coloridas.

Ele notou seu olhar.

— É uma contagem pessoal. — Disse ele. — De mortes.

— Alvos do *Killer of Kings*?



Boss balançou a cabeça.

— Minhas mortes. Desse ano.

Sua boca estava seca e áspera. Ela não disse mais uma palavra no restante da viagem.

Eles estavam chegando mais perto da casa, sua antiga casa. Quando isso tudo acabasse queria viver em algum lugar longe de lembranças antigas.

Boss tirou seu celular e fez uma breve ligação.

— Espalhe que June Harris está na cidade, hospedada no Loreli Motel. Eu quero dois milhões para uma troca em pessoa.

June ofegou.

— Você disse...

Ele colocou um dedo sobre os lábios.

— Não questione meus métodos.

Seu celular tocou.

— O que está acontecendo?

Ela se esforçou para ouvir o que o outro homem na linha estava dizendo, mas não conseguia ouvir nada mais do que vozes ilegíveis.

— Merda. Essa nem é a nossa luta. Diga para Manic para manter sua bunda segura. Eu não sou a porra dos *Dead Angels*.

Ele disse para Chains mudar de direção.

— O que está acontecendo? — Ela sussurrou.



Ele riu. O homem não mostrava medo, apenas aborrecimento.

— Eu queria que a festa viesse até nós, mas parece que ela já começou.





CAPÍTULO

ONZE

Killian caminhou pelo longo corredor e o clube parecia abrir-se. Havia luzes e viu algumas câmeras de segurança também. Se estivessem ligadas, ele estava regamente fodido, mas algo lhe dizia que não estavam. A sala inteira foi projetada como uma espécie de estúdio.

— Bem, bem, bem, eu nunca pensei que viveria para vê-lo novamente.

Uma luz brilhante bateu em seu rosto e ele colocou a mão para cima, tentando se proteger do clarão repentino. A pessoa que falou era claramente uma mulher. Killian segurou sua arma para frente. Shadow estava lá fora e agora isso não estava caindo bem. Killian sabia que precisava estar no topo de seu jogo, caso contrário a merda iria bater no ventilador e não gostava disso.

Não estrague tudo.

Por alguma razão, naquele momento, ele parecia pensar sobre um tempo, há muitos anos, antes de encontrar June, quando conversava com Boss.



— *Eu não posso matar mulheres!*

— *Entendo que você acha que são mais fracas que nós, mas eu quero que você perceba que elas têm uma força que ninguém espera.*

Killian riu.

— *Você está louco. Fora de linha. As mulheres não merecem ser feridas.*

Boss suspirou.

— *Um dia você terá que fazer uma escolha, matar ou não matar. Precisa ter certeza de tomar a decisão certa.*

Ao longo dos anos, Killian pensou que fosse apenas uma conversa. Ele sempre acreditou que matar mulheres era para os homens mais fracos. Boss matava mulheres, e uma parte de Killian sempre odiou isso. De certa forma, ele sentia que Boss era muito cínico quando se tratava de mulheres.

— *Vejo que o estou confundindo. Sempre tenho efeito nos homens. Acho que de certa forma, é por isso que aprecio pendurar preciosos frutos na frente deles.*

A luz brilhante estava machucando seus olhos e ele estava se esforçando para olhar para frente. Não conseguia ver nada além de formas estranhas.

De repente, ele foi agarrado e quando saiu, sua arma foi empurrada para longe. Colocou a mão para trás e puxou a faca. Esfaqueando cegamente na frente ouviu o grunhido e levantou a perna.



Do nada apareceram seis homens. Seus braços foram agarrados, a faca foi arrancada de sua mão e ele foi pressionado.

— Você finalmente o pegou? — Perguntou a mulher.

Killian lutou quando foi levantado e pressionado contra a parede, correntes prendendo seus braços. Ele os puxou, mas não se moveram.

— Muito bom. Eu tenho que dizer que ele está ainda melhor agora do que eu me lembro.

— O que faremos se Manic aparecer?

— Diga a ele que sua mãe está esperando por ele em casa e se não concluir as compras, ela terá um colapso.

Killian olhou ao redor da sala, vendo vários homens mais velhos e todos saíram do caminho, dando-lhe uma visão clara de uma bela mulher. Ela deveria estar perto dos cinquenta anos, talvez até mais velha, não sabia exatamente.

— Ah, vejo que você não se lembra de mim. Acho que muita coisa mudou ao longo dos anos.

Ela estava usando um vestido justo, mostrando seu corpo em forma de ampulheta. Seu cabelo caía em cascata sobre um ombro e ele soube que está foi a mulher que deixou viva.

A mãe de Manic.

Através da névoa de sua mente, lembrou-se que seu nome era Lauren.



— Ah, eu posso ver uma pequena nuvem se limpando.

Ele olhou para ela e perguntou.

— Que porra você quer?

Ela caminhou até ele, batendo em seu rosto. Doeu, mas ele estava acostumado à dor.

— Isso não é maneira de falar com uma dama. — Ela resmungou. — Sua mãe não lhe ensinou boas maneiras?

— Minha mãe era uma prostituta. — Disse ele.

— Bem, eu acho que o seu filho vai crescer com o mesmo problema que você.

Ele ficou tenso com a menção de seu filho.

— Quando soube que você estava de volta na cidade, não acreditei. Quer dizer, quem teria coragem de voltar para uma cidade que ele deixou depois de matar alguém? Então eu descobri que o mesmo homem que tirou meu marido de mim, tinha uma mulher e um filho. Era bom demais para deixar ir.

Killian viu quando ela pegou uma cadeira e se moveu um pouco mais perto dele. Viu vários homens em suas costas e claramente não sabia o que fazer. Eles estavam esperando por seu comando.

Ela tinha seu próprio pequeno exército.

— Você gosta do que vê?

Foi então que ele olhou ao redor da sala. No canto mais distante havia uma cama e o que viu o deixou mal do estômago. Três homens



estavam com uma jovem, ao mesmo tempo. Mesmo do outro lado da sala, ele viu o medo, a dor e também a tristeza em seu olhar. Lágrimas desciam por seu rosto e Killian não podia acreditar que uma mulher permitia que isso acontecesse em sua presença.

Lauren seguiu seu olhar e suspirou.

— Uma vista maravilhosa se você me perguntar. Eu sempre gostei de ver os homens quebrá-las enquanto são jovens.

Killian voltou seu olhar para ela.

— Você permite isso?

— Eu montei tudo. Era a único investindo na droga. Teríamos feito uma fortuna e acredite em mim quando eu digo isso.

De repente, Lauren levantou-se e caminhou até a cama. Mesmo quando a menina estava sendo estuprada por três homens, ela se encolheu longe da mulher enquanto a tocava. A mãe de Manic era verdadeiramente má. Não havia nenhuma dúvida sobre isso.

— Você tirou muito de mim. Quando veio para matar o meu marido, pensei estar vindo para mim, mas então percebi que havia algo em você. Nunca soube quem era, mas meu instinto disse que se fosse um monstro, assim como eu e meu marido, não teria nenhum problema com a moral. — Veja querida, quando você tem moral, tende a cometer erros.

Estava matando uma parte da alma de Killian ver o que estava acontecendo com essa menina.



— Você ficaria surpreso com o quanto as pessoas pagam para ver esse tipo de coisa. Um homem vê o que quer e não faz perguntas.

Ele mataria essa cadela. De repente, compreendeu agora o que Boss estava tentando dizer a ele. Um monstro poderia tomar qualquer forma. Não precisava ser um homem, poderia ser apenas uma mulher.

Toda a sua vida sentiu orgulho em não matar mulheres e olhando agora está cadela na frente dele, se perguntou quantas outras meninas morreram porque ele a deixou viver.

Queria chegar ao âmago da questão e exterminá-la.

— Será que seu filho sabe do que você é capaz?

Lauren inclinou a cabeça para trás e riu.

— Meu filho não tem uma pista sobre qualquer coisa. Ele é tudo sobre uma nova ordem, uma forma moderna de administrar o clube. — Ela cuspiu no chão. — Eu às vezes tento descobrir como dei à luz a ele. Ele acha que pode assumir o clube. Não tem ideia da porra que está acontecendo.

Killian ficou chocado ao ver o desgosto em seu rosto à menção de seu filho.

— Será fácil derrubá-lo. Homens como meu filho morrem todos os dias e fiquei feliz em deixá-lo viver, mas agora está se tornando um problema, com a culpa em seus olhos. Ele não é meu filho e uma enorme decepção.

Ela sentou-se novamente e olhou para ele.



— Com você, porém, pensei em um castigo mais adequado. Sua mulher está um pouco acima do peso, mas isso apenas significa que podemos machucá-la um pouco mais. Adoro quando elas gritam e imploram.

Ele apertou suas mãos e ela gargalhou.

— Uau, você realmente ama essa pequena puta, não é?

Ele não disse nada. Sua raiva estava aumentando, enquanto olhava para a mulher, cada crença que tinha começou a se romper ao redor dele. Ela morreria e teria a certeza de colocar uma bala entre seus olhos.

— Você acha que eu não sei o que está pensando agora? Está pensando sobre o que fará, não é? Quer me machucar, me fazer pagar por ferir aquelas meninas. Homens são todos iguais, pensando que é algum tipo de herói quando é a coisa mais distante que você é. — Ela levantou-se e colocou a mão em seu peito.

Apenas o toque dela o deixava doente, mas olhou em seus olhos frios.

— Acha que conseguirá acabar com isso? — Ele perguntou, sabendo que se morresse agora, Shadow ou mesmo Boss teriam a certeza de que está cadela não viveria para ver outro dia. Ele queria isso. Tudo o que esperava era que tivesse a chance de vê-la cair.

Ela riu.

— Sempre estive no comando pelo tempo que me lembro. Você acha que este é o meu primeiro rodeio, assassino? Eu sei o que estou



fazendo, porque o faço toda minha vida. — Ela se aproximou e seus lábios pressionaram sua orelha. — Se quer saber, minha primeira vítima foi a minha irmã. Ela era tão doce, tão delicada e no momento em que terminaram com ela, era apenas uma concha do que foi antes. Estive com meu marido toda minha vida e éramos duas partes do mesmo todo. — Ela se afastou. — Estive neste jogo muito mais tempo do que você. Eu sei o que estou fazendo e estou qualificada o suficiente para levar os homens certos para outro caminho. — Ela deu um beijo em sua bochecha e ele se afastou. Isso apenas a fez rir ainda mais. — Seu desgosto é patético. Eu venho fazendo isso por um longo tempo e nunca fui pega. Há muitas pessoas que gostam do que fazemos e você realmente acha que pode impedir? Não pode nem mesmo descobrir quem colocou o alvo em sua mulher. — Ela apertou as mãos e sorriu. — Alguns homens gostam de mulheres gordas e eu sei que ela nos trará uma fortuna, então pegarei aquele garotinho para comer na palma da minha mão. — Ela passou a mão por seu corpo. — Ouvi dizer que os garotos sabem como satisfazer uma mulher.

Killian queria rasgar a cadela, até não sobrasse nada.

— Primeiro, porém, eu acho que é justo que os meus meninos tenham um pouco de diversão com você. — Ela fez beicinho e acariciou sua bochecha. — Sinto muito sobre isso, porque realmente tem um rosto bonito, mesmo com algumas cicatrizes sobre ele. Você e eu sabemos que isto nos deixa mais forte.



Killian a observou sair quando três filhos da puta mais velhos avançaram. Com os dedos cobertos de metal, um deles sorriu.

— Você realmente acha que eu tenho medo de babacas. É uma pena que deixe uma boceta suja dizer-lhe o que fazer.

Era uma surpresa ver que Lauren não se sentia insultada por suas palavras. Ela era um ser humano nojento e quando conseguisse se soltar, ela não conseguiria respirar.

O primeiro soco foi em seu estômago, mas já recebeu golpes mais duros. Recebeu-os quando era criança e depois crescendo. Parte de seu treinamento para ser um assassino do *Killer of Kings* era provar que poderia ser torturado sem dar informações vitais. Ele era jovem, mas Boss era cuidadoso com seus métodos.

Apertando os dentes, ele olhou para ela, sabendo que Boss tinha um plano. O proprietário do *Killer of Kings* sempre tinha um plano. Tudo o que precisava fazer era esperar e acreditar que no final, ainda estaria respirando. Tinha muitos planos para depois de tudo isso. Primeiro, se casaria com June e a levaria para, longe de tudo isso. Teria a certeza de que seu filho não passasse por nada.

Tudo isso aconteceria. Iria compensar os últimos dez anos. Apenas precisava passar por isso.



— Que porra você está fazendo aqui, Shadow e onde está Killian?



June olhou por cima do ombro de Boss, mas não obteve uma imagem clara do homem. Ela estava apavorada, pois não estavam no hotel. Durante a viagem no carro, ela começou a sentir que algo estava muito errado. A tensão era grossa no ar.

Boss estava ao telefone, falando tão rápido que não tinha ideia do que estava sendo dito.

— Ele entrou e acabei de sair. É a mulher. — Disse Shadow. — A esposa quem colocou um alvo na mulher e filho de Killian. Além disso, você não gostará.

O que June ouviu a seguir foi o suficiente para revirar seu estômago.

— Eu não tinha ideia. — Disse outro homem com muitas tatuagens e um colete de couro.

— Você está me dizendo que esta mulher que você chama de mãe, porra, vem sequestrando garotas e não sabia? Ela usou-os em um jogo doente e retorcido e está dizendo que não tinha ideia de que porra estava acontecendo? — Perguntou Boss.

Ela ouviu a raiva em sua voz e isso fez com que se sentisse frio por dentro. Boss era claramente um monstro, mas a maneira como falava, ele tinha padrões.

— Eu não sabia. Ela nunca disse uma merda e não é como se fosse me contar que tinha garotas estupradas e torturadas. — O homem vestido de couro andava de um lado para outro. — Porra, porra, porra.



— Você tem uma escolha a fazer, ao que me diz respeito. Ela morre e todos os filhos da puta que estão relacionados morrem junto com ela. — Disse Boss.

— Boss, a rede tem um site que é enorme. — Disse Shadow. Ele estava em seu telefone celular. — Maurice disse que há uma rede inteira em jogo.

— Então faremos o que sabemos fazer de melhor, usaremos todos os *Killer of King*. Não terei esse site na rede por mais tempo do que o necessário. Diga a Maurice que terá uma grande soma se ele derrubar o site e todos os links relacionados a essa porra doente. Papai terá uma festa. — Boss entrou no carro, em seguida, vários homens vestidos de couro se juntou a eles.

June sentou-se no canto, sem saber o que fazer. Ela estava com medo, mas Boss olhava para fora da janela. Ninguém falou mais, logo Shadow entrou no carro.

— Iremos por Killian agora? — Perguntou Shadow.

— Claro que sim. — Boss olhou para ela. — Como você se sente sobre atuar?

— Eu posso fazer o que for preciso. Se ajudar Killian e qualquer outra pessoa, posso fazê-lo. O que precisa?

— Você não precisa saber o plano de antecedência. Tenho um pressentimento que será ainda mais autêntica se apenas reagir. — Boss olhou para o motociclista que estava ao lado dela. — Você está preparado para fazer o que precisa ser feito, Manic?



— Está me pedindo para matar a minha mãe? — Perguntou.

— Estou pedindo para lidar com o veneno que está infectando o seu clube. Acha que isso vai desaparecer ou acha que ela permitirá que viva muito mais tempo? Você tem que colocar em sua cabeça, garoto. Não se esqueça de que as mulheres podem ser tão viciosas como nós.

Boss endireitou no assento e olhou para fora da janela.

O tempo passou e logo estavam fora do carro. Ela ofegou quando Boss agarrou-a pelo pescoço e apontou uma arma para sua cabeça. Isso tudo era muito real, muito cru e assustador. Estava mais petrificada do que parecia.

Isto era por seu filho, por Killian e por todas as outras garotas que foram feridas. Precisava fazer isso por eles e esperava que nenhuma outra garota encontrasse sua morte no clube à frente.

Scarlett prometeu que cuidaria de seu filho, não importasse o que, June acreditava na mulher.

Entrou na casa do clube, Boss apontou a arma para outro homem vestido de couro.

— Eu tenho algo que a sua Senhora quer e diga a ela que não deixarei está cadela ir sem uma luta. — Boss grunhiu cada palavra, sem abaixar a arma.

Ela segurou em seu braço, tentando lidar com tudo o que estava acontecendo. Era assustador e odiava isso. June nunca sentiu tanto



medo em toda sua vida como agora. Sabia que algo estava prestes a ir mal.

Fechando os olhos, esperou e tentou abafar todo o restante. De repente, estavam se movendo para frente, ouviu gritos, grunhidos e mais gritos. Entraram numa sala muito maior e ver o que estava acontecendo na sua frente, quase a fez vomitar em todo o lugar.

— Então essa é a sua puta. — Uma mulher muito mais velha disse, caminhando em sua direção.

Olhando sobre seu ombro, June ofegou quando avistou Killian apanhando contra a parede.

— Acho que você é Lauren. — Disse Boss.

— A primeira e única. Quem você é, bonito?

— Eu não dou nomes. — Disse ele.

— Não se preocupe. Eu posso lidar com um sem nome — Lauren estendeu a mão e acariciou a bochecha de June. — Ela parece tão doce, tão inocente, tão tentadora. Eu sei que muitos homens adorarão estar com ela.

June apertou o braço de Boss mais forte. Não pode evitar. O medo era demais e isso a assustava.

Qual era o plano? O que Boss esperava alcançar?

Não havia nenhuma maneira fácil de sair disso, não que ela pudesse ver. Havia apenas dor e morte.



— É bem pequeno o que tem aqui. Você traz todas as meninas e as obriga a fazer o que você quer? — Perguntou Boss.

— É tudo para seu próprio bem. Sim, este é o lugar perfeito e nós somos capazes de comercializá-lo em todo o mundo. Temos uma enorme base de fãs.

Pela forma como Lauren olhava para Boss, gostava do que via. Não havia como Boss ser sugado para isso. A raiva que ouviu na voz dele não era algo fácil de livrar.

— Talvez um dia possa ficar e assistir ao show.

— Eu não estupro meninas! — Boss moveu a arma da cabeça de June e disparou nos dois homens em suas costas. — E não gosto de cadelas como você perto de mim. — Boss disparou em seu braço e Lauren pulou para trás antes de se equilibrar.

June foi empurrada para o chão quando Manic e seus homens entraram no clube. Balas voavam por toda parte e June viu que Killian ainda estava preso à parede. Precisava fazer algo antes que ele fosse atingido no fogo cruzado. June rastejou para Killian tentando ficar tão baixa quanto pode, quando alguém caiu sobre ela.

— Você se acha muito esperta agora, vagabunda. Espere até que eu tenha todo o clube fazendo fila para tomar sua boceta. Vou rasgá-la e então cortar peça por peça, porra. — Lauren bateu a cabeça de June contra o chão, ofuscando-a por um momento.

Medo, pânico ou adrenalina, não sabia dizer o que era, mas foi capaz de tirar Lauren de suas costas e dar-lhe um tapa com força.



Quando Lauren tentou se levantar, June levou o braço para trás, fechou os dedos e deu um soco no rosto dela.

Lauren caiu e foi quando June viu as chaves em sua cintura. Depois de pegá-las correu para Killian.

— Não deveria estar aqui. — Disse ele. — Deveria estar segura com Bain.

— Cale a boca, porque agora, eu sou a única ajudando você. — Ela encontrou a chave, virou a fechadura e quando uma série de balas atravessou a parede, perto de onde eles estavam, Killian empurrou-a para o chão.

— Colocarei um ponto final nessa porra de uma vez por todas. — Disse Killian, beijando seu rosto. — Eu te amo, meu amor.

Ele beijou sua cabeça uma última vez e foi então que ela percebeu que tudo ficou em silêncio.

Killian a ajudou a se levantar e foi quando ela viu os homens que estavam no carro no controle. Armas apontada para a maioria dos homens mais velhos. Manic estava lá, olhando para sua mãe. Seu nariz sangrava e June sentiu prazer ao ver o sangue escorrendo por seu rosto.

— Você fez isso? — Perguntou Manic. — Minha própria mãe.

— Por favor, dê um tempo. Você é uma maldita boceta. — Lauren se levantou. Sangue cobrindo seu braço.



— Lembre-se do que eu falei. — Disse Boss. — Este é o seu problema para lidar. Estou ficando cansado de limpar a bagunça de todo mundo, porra. Limpe a sua merda!

Killian segurou sua mão com força e ela viu quando Manic estendeu o braço sem tremer.

— Eu sei o que preciso fazer.

— Então faça agora.

Boss não estava ajudando a situação. Killian apertou a mão dela e então viu quando ele saiu do seu lado. Foi para Manic, deu um tapinha em seu ombro, pegou a arma dele e atirou na cabeça de Lauren.

— Ninguém deveria matar a própria mãe, ninguém.





CAPÍTULO

DOZE

Killian viu a queda da cadela para o chão e uma onda de satisfação crua o percorreu. Ele ficou paralisado olhando o sangue se acumulando no ao redor dela, uma cena mórbida.

Ela era a primeira mulher que matava.

Lembrou-se novamente de quando era criança, odiando como os homens tratavam as mulheres que conhecia. Putas ou não, elas não mereciam o que esses idiotas faziam. Killian prometeu a si mesmo que nunca mataria uma delas. Neste caso, foi uma exceção.

— Porra, demorou muito para isso. — Disse Boss. — Você é o herdeiro legítimo dos *Dead Angels*, Manic. Espero que lide com sua merda melhor do que a sua mãe.

— Eu não sou nada como ela. — Disse Manic. Ele balançou a cabeça, olhando para o corpo. Mesmo que a mulher fosse a porra de um monstro, não poderia ser fácil para uma criança ver o corpo de sua mãe. Killian sabia em primeira mão. Pelo menos Manic não precisou puxar o gatilho.

— Você está bem? — Perguntou Killian.



— Sim. Precisava ser feito. — Disse Manic. — É apenas difícil acreditar que não tenho mais família.

Killian percebeu que pessoalmente tirou ambos os pais desse garoto. Ele sabia que o que era não ter nada nem ninguém, apenas a si mesmo em quem confiar. Isso o fez forte. Invencível. Esperava que Manic fosse capaz de perdoá-lo um dia.

— Tem o seu clube. Isso significa tudo.

Manic assentiu distraído, ainda olhando para o corpo.

Viper apareceu atrás de Boss, colocando a mão em seu ombro enquanto olhava a cena.

— Tem três de vocês aqui e ainda quer que lide com isso? Porra.

— Qualquer pessoa leal à cadela morta precisa se juntar a ela. Leve Shadow e Manic, vejam se precisam caçar alguém fora do clube. Apenas precisa um pedaço de merda para espalhar a doença, assim aqueles com eles. Sem erros. Enviarei a equipe de limpeza na cidade dentro de uma hora. — Disse Boss. — Por certo, terá que pagar por isso, Manic. Esta é a sua merda, não a minha.

— Seja como for, não me preocupa o dinheiro, apenas lide com isso. — Disse Manic.

Killian colocou o braço ao redor de June e abraçou-a. O cheiro pungente e abrasivo de tiros pairava no ar. Os homens de Manic fizeram um círculo ao redor dos antigos motociclistas, ficaram em estilo execução. As duas garotas restantes já tinham sido retiradas,



provavelmente para o hospital. Acabou. Não iria mais se preocupar com June e Killian, não iria mais adiar seus sonhos de uma família.

— Não falarei nada. — Disse Boss. Eles se enfrentaram por um minuto e Killian pode ouvir cada palavra não dita apenas pelo contato visual. Killian fodeu tudo. Foi fraco, deixou pontas soltas dez anos atrás e não seguiu o conselho de Boss. A lista continuava, mas não havia como Killian ser colocado nesta posição novamente. Foi uma dura lição aprendida.

— Você sabia o tempo todo? — Perguntou Killian.

Boss sorriu, sem dizer uma palavra. Ele não precisava dizer. O bastardo estava sempre um passo à frente de todos. A coisa com Boss era que tinha paciência e gostava que algumas lições fossem aprendidas em vez de ensinar.

Por mais que quisesse deixar a cidade, Killian precisava ajudar *Killer of Kings*. Havia mais do que apenas uma contagem de corpos para limpar. A vida de Manic ficou de cabeça para baixo e parte de Killian assumia a responsabilidade pessoal por Manic desde que tomou a decisão de deixá-lo viver todos esses anos atrás. Não deveria ter mais de vinte e cinco anos, mas era forte e resistente. Crescer em um MC não era algo fácil.

Primeiro Killian precisava de sua mulher. Com todo o caos e stress, precisava para relaxar, precisava da doçura de June. Ele beijou sua testa, em seguida, sussurrou em seu ouvido.

— Você está linda nesse vestido. Tire a calcinha. Vamos sair em poucos minutos.



Ele caminhou até Shadow, puxando-o de lado. Ainda se ouvia disparos ocasionais dentro do clube, gritos e xingamentos. O lugar estava sendo dilacerado pelos homens de Manic e de Boss.

— Quero agradecer a você por cobrir minhas costas. — Disse Killian. — Eu sei que foi contratado para reconhecimento, então aprecio a ajuda.

— É o que eu faço. — Shadow passou a mão pelo cabelo, olhando para um império em ruínas. — Talvez possamos trabalhar juntos novamente um dia. Você é a pequena cadela de Boss, então tenho certeza que o verei novamente.

— Vá se foder. — Ele deu a Shadow um empurrão brincalhão. — Irá para casa depois disso?

Shadow concordou.

Killian não sabia nada sobre Shadow, mas a maioria dos homens que trabalham para *Killer of Kings* gostava de sua privacidade por uma razão ou outra.

— Você tem família?

Shadow zombou.

— Não tenho. — Ele apontou com o queixo para June. — Parece que você só tem todo o pacote.

Killian não pode deixar de sorrir.

— Sim. Tenho que aprender a ser um pai. Não tenho prática. Espero que não estrague tudo.



— Você fará bem. — Disse ele. — Não pode fazer pior do que aquela vadia.

Killian olhou para o corpo uma última vez, ainda chocado pela mulher ser tão má. Boss tinha razão e Killian estava feliz por ela estar morta. Logo iria embora, qualquer legado retorcido seria enterrado com ela.

Como ele começou a sair, Manic o chamou.

— Apenas queria agradecer.

Ele olhou nos olhos de outro homem.

— Eu matei sua mãe, não precisa me agradecer por isso.

Manic balançou a cabeça.

— Você me deixou vivo uma década atrás e não precisava tê-lo feito. Boss me pediu para puxar o gatilho e então novamente me poupou. Isso merece um agradecimento a meu ver.

Ele sentiu uma proximidade única por Manic, como se fosse uma obrigação de pai. Em vez de fazer um inimigo, fez um amigo, uma nova conexão.

— Se quiser me agradecer, dê-me as chaves de uma daquelas motos. Preciso limpar a minha cabeça antes de lidar com esta tempestade de merda.

— Depois de hoje, metade dessas Harley não terá um piloto. Faça sua escolha. As chaves ficam sempre nelas.



Eles se separaram por agora. *Killer of Kings* ficaria na cidade por alguns dias para resolver sua merda. Boss gostaria de estabelecer a lei para que o *Dead Angels MC* saiba que não pode foder com ele. Killian precisaria estar ao seu lado. Pelo menos não era um fim em vista.

— Vamos, baby. — Killian segurou a mão de June e eles deixaram o clube, saindo para o ar limpo. O céu estava azul, a linha de árvores oferecendo um forte contraste de cor. Não importava quão duro a vida batesse nele, ele sempre lutaria, à procura de esperança e beleza nas coisas menores.

Quando chegaram as motos, Killian fez sinal para June se aproximar da primeira.

— O que? Não vou montar nisso. — Disse ela.

— Sim, irá, mocinha. — Ele segurou o guidão e forçou-a de volta para o lado da motocicleta, seu corpo pressionado ao dela. — Você fez o que pedi?

Ela olhou para ele, questionando.

— Eu disse para tirar sua calcinha.

Junho sorriu.

— Eu não estava usando.

Killian gemeu, colocando a mão sob o vestido para garantir que ela estava dizendo a verdade. Passou as pontas dos dedos sobre os pelos suaves de sua boceta, antes de mergulhar dois dedos dentro.

Ela suspirou e segurou seus ombros, os olhos se fechando.



— Você gosta disso? Agora coloque seu traseiro pequeno e bonito na moto para que possamos dar o fora daqui. — Ele mordeu o lóbulo de sua orelha. — Irá montar meu pau, forte e por muito tempo.

June se virou e tentou subir na parte de trás da moto. Ele a ajudou levantando no banco, antes de sentar-se confortavelmente na frente. Passou-se um longo tempo desde que pilotou uma moto, mas sempre gostou de andar em uma no verão. Ligou o motor e acelerou algumas vezes para sentir a sensação de aquecimento. O poder e a vibração sob o assento eram incomparáveis. Deixou o clube e pegou a estrada, a necessidade era grande de chegar rápido a qualquer lugar privado. Seu pau estava desconfortavelmente duro em sua calça jeans e os braços de June ao redor de sua cintura não estava ajudando a situação.

Ele entrou em uma estrada na periferia da cidade, até chegarem a uma colina, com vista para o mar. Killian parou, apoiando os dois pés no chão. O oceano parecia infinito, quilômetros de espaço aberto. Imaginou-o levando para sua terra natal, mas não havia nada para ele lá. Ou ali. O único lugar no qual queria ficar era com June e Killian.

— É lindo, verdade? — Disse June. — Eu amo a água. Poderia sentar aqui o dia todo. — Sua respiração era quente contra seu pescoço. Deus, ele a amava tanto.

— Onde precisa se sentar é no meu pau. — Ele espalmou a frente de seu jeans e então começou a soltar o cinto de couro grosso. Foi um alívio quando abriu o zíper e deu a si mesmo mais espaço.



— Ao lado da estrada? Em uma moto?

— Preciso de você baby. Deixe-me fazer você se sentir bem. — Nenhum carro passava, mas mesmo se aparecesse um comboio, ele não se importava.

June cautelosamente desceu da parte traseira da moto e Killian se deslocou um pouco para trás ajudando-a ao colocar as pernas ao redor dele. Uma vez que estavam face a face, as coxas bem abertas, o vestido imediatamente subiu aos seus quadris. Sua boceta rosa brilhava ao sol. Ele molhou os lábios, desejando ter tempo para chupá-la, mas tinha uma vida inteira para chegar entre as pernas e explorar seu corpo. Ela mudou muito ao longo dos anos, transformando-se em uma mulher mais exuberante e tentadora. Passaria o restante de sua vida fazendo amor com ela.

O que estava prestes a fazer agora, porra.

Ela olhou para sua cueca boxer levantada.

— Gosta disso? Você gosta do meu pau June?

Ela assentiu com a cabeça, passando dedos por sua ereção.

— Ele é todo seu, baby. Sempre que precisar ser fodida, estarei aqui. — Disse Killian. E estaria sempre pronto. Apenas ao pensar em June o deixava excitado.

Ele puxou a cueca para baixo, seu pau se projetou duro e viril. Ela mordeu o lábio inferior e começou a acariciá-lo, para cima e para baixo. Killian fechou os olhos e saboreou seu toque.



— Como pode pensar em sexo agora? — Perguntou ela. — Eu ainda estou abalada de tudo o que aconteceu. Esta não é uma vida com a qual estou acostumada.

— E não precisará se acostumar a ela. De agora em diante, iremos adiante, garota.

— Promete?

— Não importa o que aconteça, sempre estarei aqui para você e Killian. É a minha vida e fui um tolo ao pensar que poderia ir embora pela primeira vez. — Disse Killian.

Ela desceu as alças de seu vestido de verão e sutiã, permitindo que seus seios grandes aparecessem. Era deliciosa e ele nunca se cansava do corpo de June.

— Essa é minha garota. — Ele segurou sua cintura, puxando-a para frente até que seu rosto ficou enterrado nos seios dela. Killian chupou seus mamilos, desfrutando da suavidade perfeita. Pré-sêmen saiu da cabeça de seu pau. Ela o estava deixando louco.

June gemeu seu corpo ficou tenso.

— Deus, que é tão bom.

— Coloque os pés nos pedais e sente-se no meu pau. Estou duro para você, June. Você é tudo em que penso.

Ela fez o que disse, apoiando seu peso sobre os pedais enquanto segurava os ombros dele. Ele ajustou o vestido enquanto ela se posicionava sobre sua ereção. Killian fechou os olhos enquanto se sentava, sua boceta apertada agarrando seu pau.



— Porra, você é perfeita. — Ele gemeu quando ela se sentou totalmente, segurando seus quadris em um aperto que deixaria contusões. — Monte-me duro, baby. Mostre-me quanto ama foder seu homem.



June gostava desse som. Ela queria pertencer a Killian de corpo, alma e mente. Estava em chamas com a necessidade. Apenas um olhar ou toque de Killian e gozaria. Nenhum homem normal faria isso com ela. Era uma garota grande e precisava de um homem forte, capaz de lidar com ela. Killian era força bruta e poder, seu charme e confiança a deixava nas nuvens. Ele segurou-a firmemente, mantendo a moto no lugar e ela nenhuma vez se sentiu insegura em seus braços.

Seus ombros eram largos e duros, cheios de músculos. Ele era tão bonito e mortal ao mesmo tempo, os olhos azuis como gelo brilhando a luz do sol. Seu pau duro enchia cada centímetro dela, satisfazendo-a de uma forma que apenas ele podia. Ela poderia se queixar, mas ela amava sua atitude firme e seu lado sujo. Eles se complementavam perfeitamente.

Quando começou a se mover, a pressão imediatamente começou a aumentar em sua boceta. Ela observou seus olhos se fecharem enquanto ele lambia os lábios. Seus belos lábios. June inclinou-se para beijá-lo. Ela queria tudo dele.



— Sinto muito por tudo o que a fiz passar. — Disse ele entre beijos.

Ela interrompeu-o, beijando-o mais profundo, suas línguas se tocando. Ele tinha gosto de hortelã. O mundo inteiro foi embora, deixando apenas os dois. Seus beijos se moveram para seu pescoço enquanto ele segurava sua cintura de ambos os lados, levantando-a e descendo sobre seu pau. Ele assumiu o controle, usando seus braços fortes para ajudá-la a montá-lo.

Um carro solitário passou, mas não se importava que a visse fodendo sobre uma moto. Ela podia sentir o cheiro do oceano, ouvir as ondas à distância e Killian possuindo seu corpo.

— Que garota safada. — Disse ele, tomando-a mais forte. — É toda minha. Minha para foder. Minha para manter.

— Sim. — Disse ela. — Faça-me sua.

Seus dedos cravaram em seus quadris enquanto ele estocava dentro e fora com maior intensidade. Sentia-se tão cheia, completamente reivindicada. Quando seu orgasmo chegou, ela não pode deixar de gemer com cada respiração. Ele moveu seu corpo ao ponto certo, levando-a a uma linda sensação pós-orgasmo. Quando seu corpo finalmente explodiu, colocou os braços ao redor do pescoço de Killian e se segurou enquanto as ondas eróticas batiam forte. Ele grunhiu e moveu mais forte os quadris sobre seu pau até que a encheu com seu esperma quente.

Eles se mantiveram assim até que a respiração se acalmou, o vento esfriando sua carne.



— Sinto muito, gatinha. Eu não podia esperar até chegarmos a casa. Da próxima vez, serei agradável e lento. — Ele passou a mão pelo cabelo dela e beijou-a uma vez nos lábios. — Você não pode sequer imaginar todas as coisas que quero fazer para o seu corpo lindo.

June estava sem palavras e excitada novamente. Ele ainda estava dentro de seu corpo, sua conexão mais íntima agora que a urgência de seu desejo passou.

— Onde está nossa casa? — Ela sussurrou.

— Não aqui, com certeza. — Disse ele. — Você e Killian amam o oceano, verdade?

Ela assentiu com a cabeça.

— Não importa. Apenas quero um lugar seguro, em algum lugar, onde possamos criar raízes como uma família.

— Eu quero isso também. — Disse Killian. — Conversarei com Viper. Boss o ajudou a encontrar uma casa beira-mar um tempo atrás. Você pode gostar da cidade.

June não podia imaginar Killian em um condomínio urbano, de modo que estava aberta a outras ideias. Tudo o que queria era se estabelecer para poder se concentrar em ser uma boa mãe.

— Eu não me importo com o lugar, Killian. Cada cidade tem restaurantes e bares. Serei capaz de encontrar um novo emprego.

Ele zombou.



— Você está brincando comigo, gatinha? De hoje em diante, você é minha mulher e isso significa que será cuidada. Merece o mundo e eu o darei a você e nosso filho.

— Espero que o nosso filho fique bem com todas as mudanças.
— Disse ela. Parecia estranho, mas bom dizer *nosso filho*, porque sempre foi uma mãe solteira com o peso do mundo sobre seus ombros. Seria bom ter um parceiro para educar Killian, mas também dar-lhe o amor e a segurança que desejava desesperadamente.

Ele a ajudou a descer da moto, então ele fechou o zíper e se juntou a ela.

— Venha aqui. — Disse ele, segurando sua mão.

Eles caminharam até a beira do penhasco e June o abraçou quando chegaram muito perto.

— Está tudo bem, eu tenho você. — Ele puxou-a em seus braços e abraçou-a, pressionando sua bochecha em seu peito enquanto beijava o topo de sua cabeça. — Nunca a deixarei ir.

Então ele se abaixou em um joelho, segurando seus quadris.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou.

— Eu nunca tive um pai, então eu não sei que porra devo fazer. Ninguém me ensinou a jogar bola ou ajudou com as tarefas de casa. Tudo o que posso fazer é prometer que farei o meu melhor, todos os dias.

— Você será um grande pai, Killian, eu sei disso.

Ele sorriu.



— Não tenho medo de nada. Nunca tive. Mas estou morrendo de medo de fazer isso errado.

— Nós faremos juntos.

Ele segurou sua bunda e esfregou o rosto contra seu abdômen.

— E você. Eu sei exatamente como cuidar de você, gatinha. — Então ele segurou suas mãos e beijou-as. — Irei amá-la e cuidar de você exatamente como um homem deveria. Como deveria tê-lo feito antes.

Killian colocou a mão no bolso de trás e tirou uma bolsa de couro marrom pequena. Ele brincava com ela, finalmente revelando um anel de ouro celta projetado e um enorme diamante de corte princesa.

Ela se assustou, sem mesmo fazer uma conexão com o que estava acontecendo. O anel parecia algo que pertencia ao dedo de uma estrela de cinema e não ela, não June Harris.

— Quer se casar comigo, June?

Ela ficou sem fala, a boca aberta e em silêncio.

Ele exalou.

— Eu sei que não sou o que você esperava. Não sou aquele graduado da faculdade. Não sou um bom homem. Mas irei amá-la pelo resto da minha vida.

— Sim. — Ela conseguiu deixar escapar. June puxou sua camisa para tirá-lo do chão. — Sim.



Killian colocou o anel em seu dedo, em seguida, beijou-a na boca com tanta paixão que seus joelhos quase cederam.

— Você é minha. E em breve será minha esposa.

Ela não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Quantas noites sonhou com isso? Mas era real. Killian estava ali por ela e o bad boy incondicional estava pronto para amá-la pelo resto de sua vida. Era surreal.

Eles entraram na cidade com a Harley. Killian queria fazer um lanche rápido e então a levaria de volta para a casa de Bain e Scarlett por uns dias. Ela não queria que ele voltasse para ajudar *Killer of Kings*, porque tinha medo de que algo acontecesse, mas ele garantiu a ela que a ameaça desapareceu e era apenas uma questão de controle de danos. Ela podia sacrificar alguns dias para o *para sempre* deles.

Uma vez que estacionaram na frente da cafeteria, um carro de polícia parou ao lado deles. Era Daniel, aquele idiota que queria entrar na calça dela. Perguntou se ele suspeitava de Killian. Seu coração começou a acelerar quando vários cenários passaram por sua cabeça, muitos deles com Killian atrás das grades ou pior.

— Onde esteve? Procurei em todos os lugares. — Disse ele, passando na frente do seu carro de polícia.

June franziu a testa.

— Por que você estava procurando por mim?



— Há muita coisa acontecendo na cidade. Ouviu falar que quatro garotas diferentes foram sequestradas esta semana? Uma mulher não deve andar sozinha por estes dias.

Killian a roçou levemente quando deu um passo adiante.

— Ela tem a mim. — Disse Killian, sua voz cheia de ameaça.

— Por quanto tempo dessa vez?

Ele segurou seu braço para mostrar a Daniel seu anel de noivado. June tinha medo sequer de imaginar quanto custou.

— Ela disse sim. Isso significa que cuidarei dela e nosso filho. Sempre.

Daniel não teve sequer a decência de felicitá-los. Ficou em silêncio, voltou para o carro, afastando-se sem luta. Talvez fosse inteligente. June não podia imaginar qualquer homem enfrentando Killian. Depois de uma refeição rápida, os dois trocaram a moto pelo carro e fez a longa viagem para casa de Bain. Ela estava animada para ver seu filho novamente, especialmente sabendo que seria capaz de dar-lhe o pai que ele merecia.

— Nós teremos nossa casa, June. Uma casa de verdade, com uma cozinha, um jardim e uma bela vista para o oceano. Farei acontecer. Killian merece tudo o que eu nunca tive.

Ficaram de mãos dadas enquanto caminhavam para porta da frente da antiga casa da fazenda. Antes mesmo de bater, Killian Júnior abriu a porta e se jogou em seus braços. Ela o abraçou apertado e depois o beijou na bochecha.



— Nós vamos para casa agora? — Perguntou. June olhou para Killian, não tendo certeza do que dizer a seu filho ainda.

Killian abaixou-se para o nível de Killian Júnior e segurou seus ombros.

— Eu e sua mãe nos casaremos, Killian. Seremos uma família. O que você acha disso?

Ele virou-se para June.

— É verdade, mamãe? Vai se casar com ele?

— Eu amo o seu pai, Killian, sempre o amei. E quero que sejamos felizes juntos.

Ela viu a confusão no rosto de seu filho. Sempre foi apenas os dois e ele mal conhecia seu pai. Seria preciso algum ajuste para todos eles.

— Sua mãe não irá trabalhar em um bar mais. Estará lá para vocês em vez de se matar de trabalhar horas extras. Cuidarei de vocês dois. As coisas serão muito diferentes de agora para frente.

— E se você nos deixar?

Killian sorriu.

— Companheiro, isso não acontecerá. — Disse ele. — Eu te amo e não importa o que fizer, irei amá-lo. Mesmo se me odiar.

Houve um momento de silêncio, os grilos zumbindo ao redor deles.

— Nós não cabemos na cama.



June riu. Eles compartilhavam uma cama de casal em seu minúsculo apartamento de um quarto na cidade. Ela não podia contar o número de noites que silenciosamente chorou até dormir, porque queria melhor para eles.

— Nós não voltaremos para o apartamento, Killian. Seu pai vai nos comprar uma casa. Uma casa perto do mar.

Seus olhos ficaram arregalados.

— Uma casa?

Killian levantou-se e esfregou o topo da cabeça de seu filho, deixando seu cabelo loiro uma bagunça.

— Uma casa. E seu próprio quarto. Você gosta de esportes?

— Eu jogo futebol na escola.

— Perfeito. Colocarei redes no quintal e podemos praticar juntos.

— Disse Killian

Quando ela viu seu filho sorrir, o genuíno entusiasmo iluminando seu rosto, ela não pode impedir as lágrimas. Ele merecia o melhor. Eles estavam lutando por muito tempo.

— Contarei a Bain e Scarlett. — Disse ele enquanto corria para dentro da casa.

Uma vez que ficaram sozinhos na frente da casa, Killian segurou seu rosto.

— Isso é um bom sinal, não é?

— Muito bom sinal.



Killian a beijou, puxando-a contra seu corpo. Ele segurou sua bunda, apertando o tecido na mão.

— Obrigado por me aceitar de volta.

— Mesmo tendo ido embora, nunca deixei de amá-lo. — Disse ela.

Ele acariciou seu pescoço, a respiração quente provocando arrepios em sua pele.

— Você sempre será minha garota. — Ele sussurrou. — O amor é apenas uma palavra, então passarei o restante da minha vida mostrando-lhe o quanto significa para mim.

FIM



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).

